

NA JORNADA DE SANTOS REIS:
uma etnografia da Folia de Reis do mestre Tachico

Wagner Neves Diniz Chaves

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu
Nacional, da Universidade Federal Rio de Janeiro

Orientador: Prof. Dr. José Sergio Leite Lopes

Rio de Janeiro

Julho de 2003

NA JORNADA DE SANTOS REIS:

uma etnografia da Folia de Reis do mestre Tachico

Wagner Neves Diniz Chaves

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovada por:

Prof. Dr. José Sergio Leite Lopes - Orientador

Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira

Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão

Rio de Janeiro

Julho de 2003

Chaves, Wagner Neves Diniz

Na Jornada de Santos Reis: uma etnografia da Folia de Reis do Mestre Tachico / Wagner Neves Diniz Chaves. Rio de Janeiro: UFRJ / MN / PPGAS, 2003.

X, 143 p. il. 30 cm.

Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

1. Antropologia. 2. Cultura Popular. 3. Folia de Reis.
4. Ritual. I.Título.

RESUMO

Ritual do catolicismo popular caracterizado pela visita à casa dos *devotos* num período determinado, as Folias de Reis são encontradas em todas as regiões do Brasil. Entre os dias 25 ou 31 de Dezembro e 6 de Janeiro é comum *ternos*, *Folias* ou *companhias* de *Reis* cruzando estradas, pequenas cidades do interior, comunidades rurais e até mesmo favelas de uma grande cidade como o Rio de Janeiro. Nos contextos mais variados e com diferenciações regionais significativas, as Folias de Reis alternam momentos de cantoria nas casas com deslocamentos entre elas.

O presente estudo, realizado na cidade de Rio das Flores, região do médio Paraíba, Estado do Rio de Janeiro, tem por objetivo apresentar a etnografia de um grupo de Folia de Reis: a Folia do mestre Tachico. A descrição e análise desse “caso” é feita a partir de 3 pontos de vista: no primeiro capítulo, por meio de uma perspectiva sincrônica e estrutural, a Folia é descrita em sua composição social e em sua organização interna; no segundo capítulo, por meio de uma perspectiva temporal e diacrônica, apresentamos a trajetória de aprendizado de Tachico, fundador e principal liderança do grupo; no terceiro capítulo, por meio da descrição de algumas etapas do ciclo, propomos uma reflexão centrada no caráter performativo do ritual.

ABSTRACT

Folias de Reis, a popular catholic rituals characterized by visits to the houses of devotees at a particular time of year, are found in all regions of Brazil. Between the 25 or 31 of December and the 6 of January it is common to see *ternos*, *Folias* or *companhias de Reis* crossing roads, country towns, rural communities or even shenty towns of a big city like Rio de Janeiro. In the most varied contexts and with significant real differences, the Folias de Reis alterned between singing in the houses and travelling between them.

The present study, carried out in the town Rio das Flores, in the central Paraíba rivers region, Rio de Janeiro state, aims to present the ethnography of a Folia de Reis group: that of mestre Tachico. The description and analysis of this case is made from three viewpoints: in the first chapter, using a synchronic perspective, the Folia is described in its social composition and internal organization; in the second chapter, using a temporal and diachronic perspective, the learning trajectory of Tachico, founder and leader of the group, is presented; in the third chapter, by describing some of the stages of the cycle, the performative character of the ritual is reflected on.

Dedico este trabalho

A todos os foliões de Santos Reis que conheci ao longo desta caminhada, em especial ao mestre Tachico, que se tornou um grande amigo

A toda a minha família, em especial a minha mãe Angela e a minha avô Noêmia, pelo carinho e apoio de sempre, e a meu pai Vicente, pela sua coragem e vontade de viver

A minha querida Joana, companheira de vida e de Folia, pela nossa união em todos os momentos

Meus agradecimentos

A José Sergio Leite Lopes pela amizade, estímulo e sensibilidade na orientação desta dissertação

Aos professores Antonio Carlos de Souza Lima, Carlos Fausto, Clarice Peixoto, João Pacheco de Oliveira, Luiz Fernando Dias Duarte, Lygia Sigaud e Marcio Goldman, responsáveis pelas disciplinas que cursei no mestrado

Aos professores da graduação Marco Antonio Mello, Maria Laura Viveiros de Castro, Neide Esterci e Regina Novaes, que me estimularam no estudo da Antropologia

Ao professor Samuel Araújo, pela receptividade e incentivo

À CAPES, que me concedeu a bolsa de estudos

Aos funcionários da secretaria e da biblioteca do PPGAS Tania Ferreira, Rosa Pereira, Paulo Henrique, Cristina Coimbra, Carla Freitas e Maria Moreira, pela eficiência e boa vontade

Aos colegas do Museu Ingrid Weber, Edmundo Pereira, Luis Eduardo Granato, Gustavo Pacheco, Mariana Paladino, Martin Ossowicki e Renata Curcio

A Marcelo Hernandez, Andréa Moraes e Edgar Cunha, companheiros da filmagem que originou este trabalho

A Trintan McCowan, pela força na tradução para inglês

A Afonso Furtado, que me levou a conhecer as Folias de Reis de Rio das Flores

À Secretaria de Cultura de Rio das Flores, na pessoa de Luiz Claudio, pelo apóio durante a estadia na cidade

A Arlete Mateus, palhaço de Folia, pela disponibilidade em me apresentar a vários foliões

Aos foliões João Inácio (Joãozinho), Alberto dos Santos, Geraldo Luciano, Raimundo de Carvalho, Olivar Esteves (Torrada), José Esteves (Zezinho Brinquinho), Carlinhos Lafayete, Francisco Ferreira, pela generosidade em me receber em suas casas para conversarmos sobre Folia

A D. Judith, esposa de Tachico, pela boa vontade com que me recebeu muitas e muitas vezes em sua casa durante o trabalho de campo

A todos os integrantes da Folia: Ivanir, Rezinho, Vicente, Seu Pedro, Fabiano, Admir, Amarello, Eduardinho, Ivan, Tim, Josemir, Leonardo, Adriano, Valtinho, Leonardo, Tomate, Marquinhos, Pablo, Carlos Rodrigo, Macumbinha, Rodolfo, Walter, José Paredes e Luiz Antônio

Agradeço, em memória, a Jorge Victorino, filho do mestre Tachico, que infelizmente não está mais conosco, mas será sempre lembrado com carinho

Aos amigos do Núcleo de Cultura Popular Céu na Terra Daniel Fernandes, Norma Nogueira, Gabriel Ortiz, Bianca Leão, Jean Philippe, Luzia de Mendonça, Patrick Nogueira, Gabriela Ribas, Rita Gama, Gisela Pelizzoni, Luiz Alberto Santos, Daniel Toledo e Péricles Monteiro, pelo maravilhoso projeto que estamos tocando juntos

A José Luis e Maria Cristina, sempre presentes, acompanhando o processo da pesquisa

Este trabalho não poderia ter sido ser feito sem a contribuição de todos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1.COMPOSIÇÃO SOCIAL E ORGANIZAÇÃO RITUAL	11
1.1. A <i>jornada</i> : dos Reis e da Folia.....	11
1.2. A composição social do grupo	19
1.3. Organização interna e posições rituais	27
2. A TRAJETÓRIA DE APRENDIZADO E ALGUNS ASPECTOS DO CONHECIMENTO DE UM FOLIÃO DE SANTOS REIS	49
2.1. A chegada na Forquilha: <i>fui completar ano lá</i>	52
2.2. A Folia na infância : <i>aquilo entrava na minha cabeça</i>	53
2.3. A entrada na Folia do Lelego e a subida de posição no grupo ritual	59
2.4. A Visita à casa de Hilário: <i>o caminho é esse aqui, não é como o outro me ensinou não.</i> ..62	
2.5. O ritual de saída da Folia: conflitos entre mestre e discípulo	70
2.6. Histórias de palhaços: a outra dimensão do saber de um folião	73
2.7. A ida para a cidade: <i>vou receber todas as Folias que passar aqui, pra mim ver o jeito deles</i>	76
2.8. O momento atual: quem vai pegar a Folia?.....	79
3. DESCRIÇÃO DO CICLO RITUAL DA FOLIA DE REIS DO MESTRE TACHICO.....	83
3.1. Os atos rituais na saída da Folia	84
3.2. A ida ao cruzeiro: compromisso com as <i>almas</i>	100
3.3. A visita à casa de uma <i>devota promesseira</i>	107
3.4. A <i>chula</i> dos palhaços	116
3.5. 6 de Janeiro: dia de Santos Reis e o retorno da Folia	124

REFLEXÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
ANEXOS	144

Introdução

*Ô de casa nobre gente
escutai-me ouvireis
lá da parte do Oriente
na chegada dos 3 Reis*

*Dormidor que está dormindo
no colchão de ouro fino
acordai vem receber
meu glorioso Deus menino*

*Dormidor que está dormindo
neste sono tão profundo
acordai e venha ouvir
alegria deste mundo*

O presente trabalho tem como principal objetivo apresentar a etnografia de um grupo de Folia de Reis do município de Rio das Flores, região do médio Paraíba, Estado do Rio de Janeiro. Apesar da existência, na bibliografia específica sobre o tema, de inúmeras definições de Folia de Reis observa-se que a maioria delas evidencia um aspecto - que considero central e constitutivo desse ritual: a idéia de *jornada*. A Folia, nessa direção, mesmo levando-se em conta as diferenciações regionais, caracteriza-se por estar em *jornada* - visitando casas de *devotos*, pagando promessas e reafirmando laços sociais os mais diversos - num período determinado. Entre 25 ou 31 de Dezembro e 6 de Janeiro é comum encontrarmos *Ternos*, *Folias* ou *Companhias de Reis* cruzando estradas, pequenas cidades do interior, comunidades rurais e até mesmo favelas de uma grande cidade como o Rio de Janeiro. Nos contextos mais variados e com diferenciações regionais significativas, as Folias de Reis cumprem suas *jornadas*, alternando momentos de cantoria nas casas com deslocamentos entre elas¹.

¹No início do primeiro capítulo retomo e aprofundo essa questão. Frade (1997), pesquisadora que estuda grupos de Folias de Reis no Estado do Rio de Janeiro, assim os define: “As *Folias de Reis* constituem um grupo ritual do catolicismo popular, organizado em pagamento de promessa e que cumpre seu voto através de peregrinações às casas de amigos e devotos, no período natalino”(64).

Os versos usados como epígrafe fazem parte da *alvorada* cantada por Francisco Victorino, personagem central desta dissertação². Assim como a Folia, que quando canta a *alvorada* anuncia a chegada do grupo e convida os *devotos* a tomarem parte no ritual, neste momento, também convido o leitor para caminharmos juntos nesta outra *jornada*. Antes porém de iniciarmos a caminhada devemos voltar alguns anos até as origens do presente trabalho.

Esta dissertação começou a ser concebida, mesmo sem minha consciência, no momento em que acompanhei pela primeira vez uma *jornada* de Folia de Reis. Era início de Janeiro de 1998. Eu e minha companheira viajavamos pelo norte de Minas Gerais, subindo o rio São Francisco em direção à Bahia. Eu acabava de terminar o curso de graduação em Ciências Sociais na UFRJ e uma das intenções da viagem, além do passeio e descanso, era conhecer rituais e folguedos da cultura popular da região para possíveis desdobramentos em termos de pesquisas futuras.

No dia 3 de Janeiro, estávamos em Januária e, sabendo da existência de uma Folia de Reis no lugarejo de nome Tejuco, na zona rural do município, tomamos um ônibus e para lá fomos, munidos de uma máquina fotográfica e de um gravador de fitas cassete. Ao chegar à comunidade, deparamo-nos com uma bela Folia, cumprindo a *jornada* de Reis. Acompanhamos a Folia por umas 10 casas, jantamos com o pessoal e dormimos na casa de Dona Ana, uma das mulheres mais velhas da comunidade, mãe de alguns integrantes do grupo. Na ocasião, lembro que um dos aspectos que mais me chamou a atenção foi a devoção das pessoas - tanto integrantes da Folia quanto *devotos* que a recebiam em suas humildes casas - quando participavam do ritual. Permanecemos com a Folia até o fim do dia 4, quando deixamos Tejuco em direção à cidade. Na memória, porém, ficou a lembrança daquela experiência.

Em Agosto de 1998, eu e um grupo de amigos fundamos o Núcleo de Cultura Popular Céu na Terra com o objetivo de, por um lado, pesquisar e registrar – em áudio e em vídeo – rituais, festas e celebrações da cultura popular, e por outro, criar espetáculos e

² *Alvorada* é o nome dado à cantoria da Folia após as 18 horas. Essa cantoria deve ser realizada do lado de fora da casa e o intuito é acordar o *devoto* anunciando a chegada dos 3 Reis naquela morada.

cortejos de rua integrando música, dança e teatro. Como umas das primeiras atividades do núcleo comecei a fazer pesquisa sobre a música nas Folia de Reis, principalmente ouvindo gravações sonoras e consultando as partituras disponíveis nos estudos sobre o tema. O desdobramento desse trabalho exploratório foi a criação da *Cantoria de Reis*, celebração que o núcleo realiza desde 1999, inspirado nas cantorias das Folias de várias regiões.

A partir daí, meu contato com as Folias de Reis estreitou-se e passei a ser convidado freqüentemente para festas e encontros, tanto na cidade do Rio de Janeiro quanto no interior do Estado. Estive presente em duas festas de *remate* das Folias: Mangedoura da Mangueira e Sagrada Família, ambas no morro da Mangueira, além de participar de inúmeros encontros de Folia em Valença, Duas Barras e Monerat. Aos poucos, fui percebendo que, no Estado do Rio de Janeiro, a tradição das Folia de Reis é muito forte e existem centenas de grupos organizados e cumprindo todo ano a *jornada* de Santos Reis³.

No final do ano de 2000, durante um espetáculo do Núcleo de Cultura Popular Céu na Terra, fui apresentado a Afonso Furtado, engenheiro aposentado e atualmente ocupante do cargo de vice-presidente da Comissão Fluminense de Folclore⁴. Naquela ocasião, ele nos convidou para participar - levando a nossa cantoria - da “*Visita de Santos Reis*”, que acontece todo dia 6 de Janeiro há 23 anos em sua casa no interior do Estado, reunindo grupos de Folia de Reis⁵. No dia de Santos Reis estávamos lá, participando da “*visita*” junto com mais 3 grupos da região. Observando atentamente a cantoria das Folias, notei que alguns aspectos do ritual eram claramente distintos, quando comparamos com as Folias

³ *Remate* é o nome dado em algumas localidades do Estado do Rio para a festa de encerramento da Folia num determinado ano. Na região pesquisada a festa é denominada *Baile de Reis*. A lista dos grupos de Folia de Reis cadastrados pelo INEPAC/Divisão de Folclore do Governo do Estado do Rio de Janeiro pode ser encontrada no trabalho de Monte-Mór (1992) e Frade 1997 (anexo III). Os dados estão um pouco desatualizados, abarcam até o ano de 1989, mas apontam um universo de mais de 150 grupos.

⁴ Afonso tem se dedicado nos últimos 10 anos ao estudo e pesquisa de temas ligados à “cultura popular”, em especial os relacionados ao que se convencionou chamar de “reisados”, categoria ampla que inclui todos os folguedos, festas e rituais veiculados aos Reis. Dentro desse conceito amplo, obviamente se incluem as Folias de Reis. Afonso está à frente de um projeto intitulado: “*Fontes e Referências: Origem e história das tradições relativas aos Reis Magos*”, que tem por objetivo a criação de acervo documental e audiovisual sobre a tradição dos “Reis” no Brasil e no mundo. A idéia do projeto, segundo Afonso, é servir como referência e base de consulta para futuros pesquisadores. Interessante notar que a questão das “origens” e as tentativas de reconstituição histórica para explicar a presença das Folias de Reis no Brasil são preocupações recorrentes entre os pesquisadores do tema. Não cabe nos limites desta dissertação tratar desse assunto, mas recomendo alguns estudos em que a questão é objeto de reflexão (Brandão 1983; Moreyra 1981 e 1982 e Frade 1997).

que conhecia de outras localidades do Estado do Rio. Na parte musical, por exemplo, notei forte influência mineira nas *toadas* cantadas, no ritmo de *calango* e no estilo “sertanejo” de cantar ⁶. Durante a nossa apresentação, a curiosidade das pessoas era grande, muita gente se aproximou da varanda onde aconteciam as cantorias, para conferir aquele grupo tão diferente vindo da cidade do Rio de Janeiro. De certa forma, a situação era um pouco constrangedora, principalmente pela atenção e destaque que nos era dada. Apesar disso, fizemos a cantoria que, como veremos adiante, teve grande repercussão, servindo inclusive como facilitadora no processo de aproximação ao grupo objeto desta pesquisa. Mas vamos por partes.

No segundo semestre de 2001, já como aluno do mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, e ainda indeciso quanto ao tema da dissertação – pensei inclusive, num primeiro momento, em trabalhar com rituais indígenas no nordeste – resolvi fazer um curso de antropologia visual na UERJ com a professora Clarice Peixoto. O trabalho final era um “ensaio videográfico” sobre um tema a ser escolhido livremente. Sugeri a colegas do curso fazermos um vídeo documentário com um grupo de Folia de Reis da cidade de Rio das Flores que eu tinha conhecido naquele mesmo ano durante a “23ª *Visita de Santos Reis*”. Tratava-se da Folia de Francisco Victorino, conhecido como Tachico. Conversei com Afonso sobre a idéia, e ele me sugeriu falar com o Secretário de Cultura de Rio das Flores para mediar o encontro, já que Tachico não tinha telefone e seria difícil entrar em contato com ele. A princípio, segui essa sugestão, inclusive liguei para o secretário na tentativa de chegar até Tachico. Mas, pensando com calma nas implicações que uma aproximação mediada por um representante das instâncias de poder poderia representar para o desenvolvimento do trabalho, resolvi mudar de estratégia e procurar Tachico por conta própria.

No mês de Outubro, num fim de semana, fui a Rio das Flores tentar o contato com Tachico. Como a cidade é pequena não tive dificuldades em chegar até sua casa. Por sorte,

⁵ A chácara de Afonso é em Manoel Duarte, distrito de Rio das Flores, na fronteira com o Estado de Minas Gerais.

⁶ Refiro-me aqui ao *calango*, bastante difundido na região, tanto no Estado do Rio quanto em Minas. Trata-se de uma espécie de desafio entre dois *calangueiros* que improvisam versos. O ritmo é conduzido pelo pandeiro e sanfona.

quando lá cheguei, encontrei-o na varanda, conversando com algumas pessoas. Primeiramente me apresentei, falei que tinha visto sua Folia durante a “*visita*” e que tinha gostado muito. Para minha surpresa, Tachico não só se lembrava de mim e do grupo como disse que, de vez em quando, nos via na televisão. Na hora não entendi muito bem o que ele estava querendo dizer. Tachico, então, pediu a um de seus filhos, ex-sanfoneiro da Folia e atualmente frequentador da Assembléia de Deus, para pegar o aparelho de vídeo em sua casa. Sentamos na sala, e então ele colocou a fita da “*visita*”, que termina justamente com a nossa cantoria. Após vermos duas vezes seguidas a fita toda, conversei com Tachico sobre a idéia do vídeo, o que o deixou muito animado. O caminho para o vídeo estava, portanto, aberto.

Retornei a Rio das Flores, agora com mais 3 pessoas – entre elas minha companheira - no dia 24 de Dezembro de 2001, para iniciar as filmagens, cujo objetivo inicial era documentar todo o ciclo ritual da Folia, que se inicia nesse dia com a *reza do terço* e termina no dia 6 de Janeiro com a entrega da bandeira. Acompanhamos a Folia em sua *jornada* e gravamos 15 horas de fita, entre entrevistas e registros de várias etapas do ritual. Não tínhamos, a priori, nenhum roteiro pré-estabelecido, e a estratégia era observar e registrar tudo o que fosse possível. Esse material audio-visual ainda não foi editado, e o tal “ensaio videográfico” foi feito às pressas para não perdemos o prazo de entrega.

De volta ao Rio de Janeiro comecei a rever as fitas e a colocar no papel algumas impressões acerca da Folia do Tachico. Foi aí que eu me dei conta do volume de material etnográfico que tinha acumulado. Nesse momento, comecei a cogitar a hipótese de trabalhar com esse tema no mestrado. Fui me entusiasmando cada vez mais, até perceber definitivamente que estava com a faca e o queijo na mão: poderia fazer trabalho de campo e etnografia - desejo que tinha desde quando escolhi estudar antropologia - nos limites de uma dissertação de mestrado. A partir daí, comecei a investir em leituras específicas sobre Folia de Reis assim como leituras gerais em torno da problemática conceitual, envolvendo termos como “cultura popular” e “folclore”⁷.

⁷ A bibliografia sobre Folia de Reis é extensa e abarca uma enorme variedade de preocupações: desde textos jornalísticos e informativos até estudos monográficos - 2 dissertações de mestrado (uma em antropologia e outra em educação) e 1 tese de doutorado (em educação). Apesar de ter lido tudo o que encontrei sobre o tema

Entre a bibliografia específica sobre Folia de Reis, com as notáveis exceções de Brandão (1977, 1979 e 1983), Monte-Mór (1992) e Frade (1997), os demais estudos são feitos a partir de alto grau de generalidade. Na maioria dos casos, o pesquisador trabalha com um universo extenso de grupos, enfatizando a descrição e comparação de “traços”. Nesse sentido, pouca atenção é dada aos contextos e especificidades de cada caso. O trabalho analítico, quando presente, parte de alguma teoria geral que é aplicada numa dada realidade⁸. Lendo esses textos, sentia falta, principalmente, de descrições etnográficas mais cuidadosas e de análises mais coladas com os “dados”.

Nesse ponto, a leitura de Burke (1989) foi fundamental. A partir dela comecei a perceber que, por detrás do conceito englobante e generalizante de “cultura popular”, existe uma multiplicidade de possibilidades. O trabalho de Barth (1987), ao focar nas “variações de cultura” e valorizar o papel central da criatividade do especialista ritual nos processos de reprodução e transformação nas formas dos cultos, também serviu como fonte inspiradora. Nessa direção, de início, parecia-me pouco produtivo trabalhar com categorias englobantes - como a própria idéia de Folia de Reis no singular - que pretendessem abarcar e juntar num mesmo “saco” uma variedade de casos e possibilidades reais observáveis. Seria mais proveitoso, nos limites de uma dissertação de mestrado com pouco tempo de trabalho de campo, centrar em um caso específico e valorizar os “dados”, o material etnográfico. Foi com essas idéias em mente que parti para o campo.

Após o contato inicial com Tachico e a Folia, a partir das filmagens, retornei a Rio das Flores por duas vezes para aí, sim, fazer o trabalho de campo: em Agosto de 2002,

destaco alguns textos, com os quais dialogo mais explicitamente (Castro e Couto 1957; Brandão 1977, 1979 e 1982; Moreyra 1981 e 1982; Monte-Mór 1992; Gomes e Pereira 1994; Fontoura, Cellulare e Canassa 1997 e Frade 1997). Com relação à problemática conceitual envolvendo o “popular” e o “folclore” a bibliografia também é extensa mas recomendo os seguintes textos (Burke 1989; Bakhtin 1987; Bourdieu 1980; Ortiz 1985; Canclini 1983; Brandão 1989 e Carvalho 1992). Apesar de não dialogar explicitamente com esses textos, já que optei nesta dissertação pela descrição etnográfica, reconheço que lê-los foi de grande valia para o desenvolvimento deste trabalho, principalmente na medida em que me ajudaram a relativizar algumas prenoções - como “autenticidade”, “pureza”, “comunitarismo”, “anonimato” e “sobrevivência” só para ficar em alguns - tão comuns nos estudos sobre temas ligados ao “folclore”.

⁸ O trabalho de Gomes e Pereira (1994) por exemplo é uma tentativa de aplicar às Folias de Reis o modelo teórico de Durkheim. A sensação quando leio o texto é que entre a descrição - que por sinal é muito boa - e a análise, existe uma espécie de “abismo”.

passei 20 dias e, durante a *jornada* da Folia de 2002 para 2003, fiquei mais 22 dias. Na primeira ida, além de estreitar as relações com Tachico e sua família - estabelecendo a confiança recíproca necessária para o desenvolvimento da pesquisa – tive a oportunidade de me aproximar do cotidiano das pessoas. Nesses 20 dias, acompanhei o dia a dia de meu informante, seu trabalho como rezador, umbandista e suas relações com parentes e vizinhos. Também conversamos longamente sobre sua trajetória, visitamos a localidade em que nasceu e de onde começou a sair com a Folia. Observar a vida cotidiana das pessoas, que eu tinha conhecido durante o ritual, foi de fundamental importância para perceber que entre esses dois domínios – o do ritual e o do mundo cotidiano - existem articulações interessantes de se investigar (Da Matta 1979).

Quando retornei a campo para acompanhar novamente a *jornada* da Folia, minha proximidade tanto com as pessoas quanto com o próprio ritual era maior. Essa proximidade permitia-me compreender determinadas situações, observar detalhes e relações a que não tinha dado a importância devida quando da primeira ida a campo. Acompanhar a Folia pelo segundo ano consecutivo, serviu para complexificar meu entendimento do ritual que estava pesquisando. Além disso, possibilitou-me compreender melhor o ponto de vista - as representações - dos próprios atores.

Tendo percorrido brevemente minha trajetória e explicitado o tempo e as atividades durante o trabalho de campo, passo a descrever o processo de construção e o programa desta dissertação. Um dos maiores desafios deste trabalho, sem dúvida, é articular descrição e análise. Nessa direção, opto por não escrever um capítulo teórico introdutório que dê conta de alguma questão: seja das discussões em torno do conceito de “cultura popular”, seja dos intermináveis debates sobre a definição de “ritual”, para ficar em dois temas próximos. Ao contrário, meu objetivo é aliar etnografia e teoria e, na medida do possível, não pretendo interromper a descrição para interpretar e analisar. Nessa direção, ao invés de “ler” o material em função de alguma problemática teórica geral, procurei partir do material etnográfico para, aí sim, levantar as discussões. A construção desta dissertação, portanto, foi um processo fundamentalmente prático. Ela foi se auto-ordenando no próprio processo da escrita.

Apesar de ter levantado material sobre outros grupos de Folia, principalmente a partir de entrevistas com foliões e da observação participante com uma equipe de Sobragy, distrito de Belmiro Braga, no Estado de Minas Gerais, limito-me, nesta dissertação, ao estudo de um grupo específico: a Folia de Reis do Tachico. O diálogo tanto com a bibliografia específica sobre Folia de Reis quanto com minhas próprias observações na região e em outros contextos são fundamentais e servem para iluminar o nosso objeto. Não faz parte de minha pretensão, nos limites deste trabalho, qualquer tentativa de construir um quadro comparativo e generalizante. O presente estudo, circunscrito a um “caso” específico, está organizado e estruturado em 3 capítulos que funcionam como 3 “olhares” sobre o objeto Folia de Reis do Tachico.

No primeiro capítulo, após breve discussão sobre o que é Folia de Reis, partindo da categoria *jornada*, descrevo o grupo em seus aspectos estruturais. Busco, num primeiro momento, a composição social, o “perfil” social dos integrantes da equipe. Num segundo momento, o “olhar” se volta para a organização interna do grupo. Como as posições e saberes rituais estão distribuídos entre as pessoas? Questões como essas serão avaliadas à luz da descrição dos personagens e papéis rituais. Como o intuito do capítulo inicial é aproximar o leitor dos atores, personagens, símbolos e do contexto social em que está inserido o grupo, o corte proposto é sincrônico e estrutural.

No segundo capítulo, descrevo a trajetória de Tachico, mestre-folião e fundador da Folia. Tomo como fio condutor algumas situações privilegiadas do aprendizado desse folião, para discutir questões do tipo: como alguém se torna folião? Quais os conhecimentos necessários e como eles são transmitidos por meio de relações sociais instituídas como as que envolvem mestre / discípulo? O corte proposto é temporal, diacrônico, e a idéia é tanto reconstruir a história da Folia do Tachico quanto analisar os processos de (re)produção e criação da cultura.

No terceiro capítulo, descrevo o ciclo ritual da Folia. Especial atenção é dada aos personagens, símbolos e ao conhecimento – que vimos tanto numa perspectiva estrutural quanto histórica - em “ação”, na “prática”, durante o desempenho do ritual. Trata-se do capítulo em que trabalho mais densamente com o material etnográfico, e o objetivo é

investigar, por meio da descrição etnográfica de algumas etapas do ciclo, quais vantagens uma perspectiva centrada no ritual traz para o entendimento da Folia de Reis. Nesse sentido, avalio a pertinência em se analisar o material por meio do instrumental teórico advindo dos estudos que evidenciam o ritual em seus aspectos performativos (Bloch 1989; Tambiah 1985; Schieffelin 1985 e 1998).

Destaco, ainda, que as discussões envolvendo o “conhecimento”, o “saber” popular, estão presentes do início ao fim deste trabalho, como um espécie de fio condutor e elo de ligação entre os capítulos⁹.

Antes de terminar esta introdução, gostaria de dizer algumas palavras sobre a cidade de Rio de Flores, local onde esta pesquisa se desenvolveu. Rio das Flores é uma cidade de pequeno porte com população estimada em 8.500 habitantes, assim distribuída: 60% estão no meio urbano, enquanto 40% habitam na zona rural, o que indica certo equilíbrio mas com ligeira tendência à urbanização. Tudo leva a crer que o processo de urbanização é recente e ocasionado, principalmente, pelas mudanças advindas da substituição gradual do cultivo do café pela criação de gado. Essa transformação levou ao esvaziamento das fazendas e à conseqüente migração de famílias para a cidade¹⁰.

Assim, podemos ver Rio das Flores como um lugar no meio do caminho de um contínuo “imaginário” que comece no rural – em um contexto como o da comunidade de Tejuco - e termine no urbano – no contexto da favela da Mangueira, por exemplo. Talvez essa localização estratégica da cidade ponha em foco algumas questões relacionadas às Folias de Reis não presentes ou, pelo menos, não tão explícitas em outros contextos. Uma das contribuições do presente trabalho parece residir aí, na construção de um “corpus” de conhecimentos sobre um contexto até então pouco explorado pelos estudiosos do tema¹¹.

⁹ Nesse ponto a grande referência é Barth (1987 e 2000a). Um dos objetivos de sua “antropologia do conhecimento” é questionar os pressupostos do holismo e da integração nos conceitos de “cultura” e “sociedade”. Os estudos de Barth, ao contrário, estão centrados em “tradições de conhecimento” particulares e o foco da análise se desloca para aspectos como: variação; distribuição; transmissão; criatividade e mudança.

¹⁰ Analisando a trajetória de Tachico no capítulo 2 veremos que sua mudança do campo para a cidade foi em meados da década de 60, época em que, segundo ele, muita gente já havia deixado as fazendas.

¹¹ Dos principais trabalhos consultados a grande maioria ou trabalha em contexto rural (Brandão 1977; Moreyra 1981; Gomes e Pereira 1994) ou em contexto urbano (Castro e Couto 1957; Monte-Mór 1982; Rocha 1982). O único que menciona um grupo em contexto próximo ao que estamos estudando é o de Frade

Observações técnicas: as categorias nativas estão em *itálico*; as categorias antropológicas estão “entre aspas”; as categorias do pesquisador estão sublinhadas. Como vários estudos sobre Folia de Reis apresentam um glossário explicativo dos termos nativos optei por não fazê-lo aqui. Seria redundante e pouco acrescentaria aos já feitos. O que faço é defini-los, geralmente em nota de rodapé, no momento em que aparecem pela primeira vez no texto .

1. Composição social e organização ritual

Neste capítulo inicial, analiso a Folia de Reis do Tachico como um grupo ritual. Adotando um ponto de vista sincrônico e estrutural, descrevo-o tanto a partir de sua composição social quanto do modo como se organiza internamente. O intuito é estabelecer

(1997). Como a proposta da autora é estudar vários grupos de diferentes localidades do Estado do Rio esse caso específico não é aprofundado em suas particularidades.

uma primeira aproximação com o grupo tal como o encontrei durante o trabalho de campo. O capítulo divide-se em três partes.

Na primeira, procuro definir o que é Folia de Reis partindo da categoria *jornada*. O esforço é apresentar uma descrição geral do ciclo ritual, aproximando o leitor do tema e de algumas questões a serem abordadas ao longo desta dissertação. Na segunda parte, construo, em cima de dados estatísticos obtidos por questionário aplicado aos integrantes do grupo, gráficos sobre algumas variáveis: faixa etária, parentesco com o folião, escolaridade, renda mensal e profissão. O objetivo é refletir sobre a composição social, o “perfil” dos integrantes da Folia. Na terceira parte, trato a Folia como um grupo hierarquicamente constituído. Descrevo as posições rituais chamando atenção para os saberes específicos e para a distribuição desigual de conhecimentos entre as pessoas que compõem o grupo. Termino o capítulo, descrevendo alguns símbolos rituais presentes na Folia, enfatizando a centralidade e a sacralidade da bandeira.

1.1. A *jornada* : dos Reis e da Folia

*Santo Reis na sua casa
é sinal de alegria
ele veio trazer saúde
para o senhor e a família*

*Meu senhor dono da casa
hoje eu vim lhe visitar
vim trazer meu Santo Reis
pra sua casa abençoar*

*Nós fazemos a imitação
como os 3 magos fizeram
quando foram pra Belém
quando de Belém vieram*

*Chegaram ele em Belém
pelo menino indagaram
julgaram já ter morrido*

ninguém notícia não dava

*Sáiram ele na rua
levaram seus instrumentos
reuniram e ele cantava
lembrança do nascimento*

*Companhava o povo todo
todos com muita alegria
todos dava a sua esmola
assim os profeta fazia*

É com essas quadras que Tachico costuma iniciar a cantoria em uma casa. Ele chama esse *trecho de chegada de casa*. Esses versos explicam para o *devoto* o que a Folia está fazendo. O sentido da Folia é *imitar*, fazer a semelhança do que fizeram os 3 Reis do Oriente, quando foram adorar o menino Jesus e quando voltaram anunciando o que viram. A viagem e a adoração dos Reis ao menino Jesus, presente em curta passagem do Evangelho de Mateus, passa a ser o fundamento mítico, a explicação para a origem e a existência da Folia¹². A dimensão da viagem, da caminhada, portanto, é central para entendermos o sentido da Folia para o próprio folião. Os 3 Reis viajaram, guiados pela estrela, para Belém onde encontraram a manjedoura em que havia nascido o menino Jesus. A Folia de Reis, como faz a imitação dos Reis, também deve sair em viagem, visitando as

¹² A passagem está no Evangelho segundo Mateus capítulo 2, versículos 1-22, intitulada “**A visita dos magos**”: “*Tendo, pois, Jesus nascido em Belém da Judá, no tempo do rei Herodes, eis que do Oriente vieram magos a Jerusalém e perguntaram: ‘onde está o recém-nascido rei dos Judeus? Pois vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo’.* Ao ouvir isso, perturbou-se o rei Herodes e, com ele, toda Jerusalém. Tendo reunido todos os Sumos Sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde Cristo deveria nascer. ‘Em Belém de Judá’, respondiam eles, pois assim foi escrito pelo profeta: ‘E tu, Belém, terra de Judá, não és o menor entre os clãs de Judá; porque é de ti que há de sair o chefe, que há de pastorear o meu povo, Israel’. Então, Herodes chamou ocultamente os magos, inquiriu deles o tempo exato do aparecimento da estrela, e enviou-os a Belém, dizendo: ‘Ide e informai-vos cuidadosamente acerca do menino; e comunicai-me quando o tiverdes encontrado, a fim de que eu também o vá adorar’. A tais palavras do rei, partiram. E eis que a estrela, que haviam visto no Oriente, os precedia, até que chegou e ficou parada sobre o lugar onde se achava o menino. Ao verem o astro, exultaram com grandes transportes de alegria. Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram; a seguir, abrindo seus tesouros ofereceram-lhe de presente ouro, incenso e mirra. Instruídos em sonho para que não voltassem a Herodes, regressaram a seu país por outro caminho”.

No relato bíblico não há menção ao número de magos nem ao fato de que eram reis. Alguns autores notaram esse ponto e chamaram atenção para o processo criativo que envolve a apropriação popular de temas oficiais. “*Os mestres tomam amplas liberdades com a estória bíblica dos magos, contando à sua maneira os incidentes da peregrinação desses reis que, para os eruditos, não eram três nem eram reis*”. (Castro e Couto 1959: 74).

casas dos *devotos*, cantando *lembança do nascimento*. A viagem da Folia é o que caracteriza a *jornada*.

Ao visitar casas de *devotos*, cumprir votos e promessas de pessoas, visitar locais tidos como sagrados, a Folia está cumprindo sua *jornada*. Nos mais diferentes contextos, que vão desde uma pequena comunidade rural do norte de Minas Gerais até uma favela do Rio de Janeiro parece que a idéia de *jornada*, de imitação da viagem dos 3 Reis quando foram visitar o menino Jesus, é um elemento recorrente. Será que poderíamos pensar em uma Folia que não estivesse em *jornada*, uma Folia que não saísse à rua para visitar e anunciar a boa nova aos *devotos*¹³ ? Brandão notou a centralidade da *jornada* para as Folias de Reis quando diz que

A missão da Folia de Reis é cumprir uma jornada (1977:8).

O sentido da Folia de Reis, portanto, é cumprir uma *jornada*, que se realiza no tempo-espaço. Durante 13 dias, da meia-noite do dia 24 de Dezembro até o dia 6 de Janeiro, as Folias da região pesquisada circulam por um território, alternando momentos de cantoria no interior das casas com deslocamentos entre elas¹⁴. As pequenas salas das casas, palco da cantoria, transformam-se em espaços ritualizados onde vão acontecer as trocas entre a Folia e os *devotos*. Durante a visita a uma casa, uma série de relações, sociais e

¹³ As variações regionais são inúmeras e curiosas. Um rico campo para estudos comparativos. No norte de Minas Gerais, por exemplo, a Folia de Reis que acompanhei na zona rural de Januária em diversos aspectos difere das Folias da região do médio Paraíba: o símbolo maior destas, a bandeira, lá não está presente, assim como não existem palhaços ou mascarados; a música é distinta, com a utilização de rabeça, violas, violões e instrumentos de percussão artesanais. A sanfona, instrumento central para as Folias do médio Paraíba, lá não se encontra; os integrantes da Folia não usam indumentária específica mas vestem roupa comum do dia a dia e durante os dias da *jornada* se dedicam exclusivamente à Folia. Em outras regiões de Minas Gerais, como em Jequitibá, nota-se a presença dos *guarda-mores*, 3 personagens mascarados representando os Reis (Gomes e Pereira:1994). Na região pesquisada vemos uma interessante interpenetração de elementos da umbanda e do espiritismo nas Folias. Apesar de tantas diferenciações regionais estamos lidando, em todos esses contextos, com Folias de Reis. Por que será, o que é comum? Parece-me que a dimensão da *jornada* é o caminho para entendermos esse ponto.

¹⁴ A importância e a recorrência dos cortejos na definição das manifestações populares denominadas “danças dramáticas” foi notada por Mario de Andrade quando diz: *Há mais um elemento importantíssimo de constituição e realização que é comum a todas as nossas danças dramáticas, e deriva de outros costumes. Me refiro à parte dos bailados, consistindo num cortejo que perambula pelas ruas, cantando e dançando, em busca do local onde vai dançar a parte propriamente dramática do brinquedo* (Andrade 1928:29). No caso das Folias, o cortejo se dá no caminho entre as casas visitadas já que o espaço das “apresentações” é a casa dos *devotos*.

simbólicas, são atualizadas e construídas: laços sociais, relações de vizinhança, de parentesco entre os integrantes da Folia e os *devotos*; laços simbólicos entre *devotos* e o *santo* fortificam-se quando a Folia, por intermédio de sua visita, paga promessas e votos.

A Folia pesquisada sai durante os 13 dias. No dia 24 de Dezembro, à meia noite, na casa de Tachico, acontece a *reza do terço* e a *cantoria de saída*. Essa noite pode ser vista como o início do ciclo ritual da Folia, que, até o dia 6 de Janeiro, data de seu retorno à casa do folião, está em *jornada* cumprindo a *missão* de Santos Reis por mais um ano. Nos dias de semana, os integrantes da equipe encontram-se na casa onde ela *fechou* na noite anterior. Os que são vizinhos, em geral, vão para a casa de Tachico e de lá saem juntos. Dificilmente vemos todos os integrantes em um mesmo dia, com exceção do dia da *saída*, em que se recomenda a presença de todos os que vão acompanhar a Folia naquele ano.

Tachico costuma, após *fechar* a Folia, marcar um horário de encontro, mas são poucos os que cumprem, o que é motivo de comentários e reclamações. Em geral o “giro” diário começa por volta das 17 horas e termina por volta da meia-noite. A Folia sempre *fecha* em casa de parente ou conhecido, que dá *pouso* para os instrumentos e a bandeira. Os integrantes da Folia retornam para suas casas e, no outro dia, recomeçam o “giro” partindo dessa casa, agradecendo o *pouso*. Todos os dias essa dinâmica, que envolve a visita às casas de *devotos* ou a lugares sagrados, como o cruzeiro e o *centro*, se repete¹⁵. Nos fins de semana, o horário é mais flexível, o encontro do pessoal é mais cedo e, conseqüentemente, anda-se mais. Em geral, é nos fins de semana também que acontecem os *encontros* de Folia, promovidos pela Associação de Folias de Reis de Rio das Flores.

Folia e trabalho: relação tensa

A *jornada* tem que se adaptar ao horário de trabalho de seus integrantes. Por isso, é que o “giro” diário das Folias dessa região começa após as 17 horas. Interessante comparar com o passado - o tempo na roça - e com outros contextos. Tanto Tachico quanto Geraldo

¹⁵ O termo *centro*, que utilizo ao longo deste trabalho, se refere ao Centro Espírita Seara de Zambi, localizado em Valença. Tachico trabalha nesse local como *cambona*, espécie de ajudante do Pai de Santo. Além dele mais 3 integrantes da Folia, assim como alguns parentes, trabalham nesse *centro*. Visitar e cantar no *centro* todo ano é, como veremos, imprescindível para o cumprimento da *missão de Santos Reis*.

Luciano, folião da comunidade de Sobragy, distrito de Belmiro Braga, Minas Gerais, me disseram que, no tempo das fazendas, os patrões, que, muitas vezes, gostavam de Folia e eram *devotos* de Santos Reis, dispensavam o pessoal para sair durante os 13 dias. Geraldo Luciano disse que seu avô tinha permissão do patrão para não trabalhar os 13 dias, mas com a condição de adiantar previamente o serviço. Na Folia de Reis, que acompanhei em 1998, na zona rural do município de Januária, os integrantes, sendo pequenos proprietários, não trabalham durante esse período, e a Folia sai o dia todo. Diferente é a situação das Foliás da cidade do Rio de Janeiro, que saem só nos fins de semanas e nos feriados (Monte-Mór 1992 e Frade 1997).

As mudanças nas relações de trabalho influenciam e alteram os horários da Folia. Tachico, sendo aposentado, não tem esse problema, mas observei que vários integrantes tentam negociar com os patrões, o que nem sempre é bem sucedido. Fabiano, neto de Tachico e palhaço da Folia, por exemplo, que trabalhava como *campeiro* em uma fazenda, disse ao patrão que iria sair na Folia de qualquer jeito e só voltaria ao trabalho dia 7 de Janeiro. O patrão de Fabiano, diante dessa atitude, despediu-o do emprego tão logo ele voltou da *jornada*. Fabiano relatava essa história com a maior naturalidade, sem nenhum arrempedimento já que, segundo ele: *pelo menos eu fiz o que queria*. Já Rezinho, filho de Tachico, em vários momentos da *jornada* de 2001 não estava presente. Ele trabalha como manobreiro em uma empresa de ônibus de Valença e, às vezes, tem que *pegar* no serviço das 17 horas à meia noite, justamente no horário de saída da Folia. Durante o trabalho de campo em 2001 notei que Rezinho estava muito aborrecido com essa situação e dizia que, no outro ano, ia dar um jeito no trabalho. Em 2002, Rezinho já estava mais presente na Folia e soube que Tachico, pessoalmente, pediu ao seu chefe para que, durante esses 13 dias, escalasse Rezinho para o turno da manhã.

Trajetos e conflitos

O trajeto que a Folia vai percorrer, em última instância, é decidido pelo folião, mas estas decisões envolvem a participação de outros integrantes, principalmente os mais velhos e os parentes próximos. O roteiro, em geral, é traçado durante a própria *jornada* e, em vários aspectos, depende das situações encontradas. O folião, ao sair com sua Folia na

estrada, não tem como saber de antemão quem irá recebê-la. Acompanhando a *jornada*, percebe-se que muita gente não recebe a Folia, principalmente os *crentes*. Existem casas e locais certos para a Folia visitar, como a casa de alguns *devotos*, principalmente parentes e amigos próximos, a casa dos integrantes da Folia, o *centro*, mas o dia exato não se sabe. Sempre que perguntava ao Tachico quando eles iriam ao *centro* em Valença ele me dizia que depois do dia 1º de Janeiro, mas não definia qual seria o dia certo. A Folia, portanto, não marca dia para ir às casas dos *devotos*, a não ser em ocasiões especiais como a de uma *devota* que oferece a *janta* em tal dia por causa de promessa.

Em 2002, a questão do trajeto gerou certo conflito. Era um Sábado, e a Folia estava indo para Valença cantar no *centro* e em algumas casas de parentes e amigos. Passamos o dia inteiro em Valença e, no final da tarde, a Folia tomou o rumo de volta pegando a estrada em direção a Rio das Flores. Várias casas na estrada quiseram recebê-la e, como em hipótese alguma pode recusar um pedido, a Folia atendeu prontamente. Num determinado momento, o mestre dos palhaços, Admir, sugeriu que eles pegassem um ônibus e retornassem para Rio das Flores. Outros componentes não gostaram da idéia e quiseram continuar com a Folia por mais algumas casas. Tachico, vendo a animação do pessoal e que só uma pessoa desejava retornar, decidiu continuar, o que motivou Admir a largar o grupo e voltar sozinho de ônibus.

Esse fato teve desdobramentos curiosos, que não presenciei, mas tanto Tachico quanto outros integrantes da Folia me contaram. Admir passou um tempo sem aparecer na *jornada*, até que, num determinado dia, chegou em uma casa onde a Folia estava iniciando seu “giro” diário. Ele não estava *fardado* – nome dado ao palhaço quando está com a sua indumentária própria - mas foi até a bandeira *fazer as suas orações*¹⁶. Nesse momento, ele começa a passar mal, a tremer e gritar. Segundo me relataram, ele estava *incorporado*, com algum *espírito encostado*. Tachico, então, é chamado e conversa com o *espírito* que reclamava muito dizendo, entre outras coisas, que tinha sido abandonado e estava sozinho.

¹⁶ O ato de ir até a bandeira, colocar a cabeça por baixo do véu e rezar, traz *proteção* e deve ser realizado por todos os integrantes da Folia quando chegam para o “giro” diário e no momento em que vão para as suas casas, no final do dia. Os palhaços que, como veremos, fazem a semelhança dos soldados de Herodes, precisam de mais proteção do que os demais integrantes, portanto, para eles, rezar na bandeira é quase uma obrigação.

Não sei ao certo o que aconteceu, mas Tachico disse que contornou a situação e pediu para Admir voltar para a Folia. Dito e feito. Nos outros dias, Admir estava normalmente no grupo, comandando os palhaços. Para Tachico, no dia em que abandonou a Folia, Admir estava aborrecido e não se dirigiu nem a ele, como folião, nem à bandeira. Ao infringir regras rituais básicas, portanto, ficou desprotegido e alvo de *espíritos*¹⁷.

A Folia passa pela rua e entra nas casas que a receberem. O bandeiro vai na frente, chega no portão e pergunta para os donos se querem receber. Nota-se que, em algumas situações, é o mestre dos palhaços, denominado *vovô*, quem chega e dialoga com os donos da casa. Em algumas casas, pede-se só a bandeira e, nesse caso, ela é conduzida, sempre sob os olhares atentos do bandeiro, pelos cômodos, abençoando-os. Os outros integrantes da Folia ficam na rua, em frente à casa, esperando a bandeira sair para continuarem andando. Em outras, os donos não querem nada, geralmente em casas de *crentes*. Em outras situações, ainda se observa que, apesar de se tratar da casa de algum *devoto* que todo ano recebe a Folia, como não tem ninguém em casa, o grupo passa direto, seguindo seu caminho. Nesse caso, dificilmente a Folia retorna para essa casa, já que se deve evitar a todo custo, durante a *jornada*, passar duas vezes em um mesmo caminho¹⁸.

Diferentemente do contexto de uma comunidade rural, na Folia pesquisada, não há um trajeto definido com as casas a serem visitadas. Há, sim, regiões pelas quais a Folia passa, mas não se sabe exatamente quando nem por quanto tempo. No Formigueiro, bairro com grande quantidade de casas, por exemplo, a Folia, em 2001, ficou 2 dias e jantou em uma casa. Outras vezes anda-se muito para ir a uma casa apenas. Quando chove muito, o que não é raro nessa época do ano, a Folia permanece mais tempo numa casa, esperando o tempo melhorar¹⁹.

A dimensão contextual da jornada

¹⁷ Acontecimentos como este, aqui brevemente relatados, são recorrentes e todos os foliões com que conversei me contaram casos parecidos.

¹⁸ Tachico explica essa evitação dizendo que os 3 Reis seguiram um único caminho do Oriente até Belém, não passando duas vezes por um mesmo local. O mesmo deve fazer a Folia.

¹⁹ Na Folia que acompanhei em Januária a situação é diferente. Nos dois dias em que estive junto com a Folia todas as casas dessa pequena comunidade rural, sem exceção, receberam-na. O trajeto era previamente definido, assim como quem iria oferecer as refeições em cada dia.

Em média, a Folia do Tachico visita 6 casas por dia. O tempo de permanência em uma casa é função de algumas variáveis: se existe um presépio montado, se o *devoto* for *entendido*, se for pagamento de promessa ou se é servida, uma *janta* ou um almoço, a Folia necessariamente canta mais tempo. Neste último caso, sempre se canta um *bendito* antes do *agradecimento*, que deve ser prolongado quando comparado com um *agradecimento* em uma casa que oferece um café simples, por exemplo.

No caso de encontrar um presépio armado, é necessário que se cante ou o *batizado de São João Batista* ou o *nascimento*. Esses dois *trechos* são os principais e os mais difíceis, pela quantidade de versos, do repertório de um folião²⁰. Mas, apesar de notarmos essas recorrências, não devemos essencializá-las ou criar um modelo mecânico que pré-determine a reação pela ação, sob pena de perder de vista uma dimensão central do ritual, a saber, sua abertura para a significação contextual. Nesse sentido, um *nascimento*, por exemplo, nunca é cantado da mesma forma. Às vezes, o folião encurta propositalmente a cantoria, às vezes pula um verso por esquecimento. Dificilmente vamos encontrar uma performance igual a outra. Observa-se, portanto, que a *jornada* é influenciada pela dimensão contextual e pelos imprevistos que aparecem.²¹

Feitas essas observações gerais sobre a idéia de *jornada* e avançando algumas problemáticas que serão retomadas ao longo desta dissertação, podemos passar para outro nível da análise.

1.2. A composição social do grupo

A composição social, o “perfil” dos membros da Folia de Reis do Tachico será o tema da reflexão neste tópico. Durante o trabalho de campo, além de acompanhar a *jornada* da Folia por dois anos seguidos, realizei entrevistas e apliquei questionários para seus

²⁰ Utilizo a categoria repertório ao longo desse trabalho para me referir ao conjunto dos *trechos* que compõem as *profecias* que um folião canta durante sua *jornada*.

²¹ No capítulo 3, dedicado à descrição do ciclo ritual, retomo e aprofundo esse ponto.

membros²². Apresento a seguir os dados obtidos na forma de gráficos. Estes gráficos estatísticos facilitam a visualização dos dados e nos dão subsídios para refletir sobre alguns pontos da composição social do grupo, como: a importância dos laços de parentesco em sua estruturação; o lugar das crianças e jovens nesse ritual; o nível econômico e de escolaridade dos integrantes da equipe²³.

Estarei lidando com dados estatísticos, quantitativos, para uma aproximação sociológica do grupo / objeto da investigação. O exercício aqui proposto não deve, todavia, ser visto como mais objetivo em relação aos demais capítulos. Os dados expostos não são imparciais, neutros ou representativos de uma realidade objetiva. As questões propostas, que são a base para a obtenção dos dados, sempre são escolhidas pelo pesquisador e negociadas com o entrevistado. Nesse sentido, não estamos trabalhando com um material bruto, mas com dados construídos a partir de uma situação de pesquisa concreta. O diálogo entre pesquisador e pesquisado é imprescindível para a obtenção dos dados. Desde já devemos esclarecer que não estamos usando a estatística como fonte de explicação ou validação de determinadas hipóteses²⁴. Nosso intuito, ao contrário, é “sobrevolar” o grupo e apresentar elementos de sua morfologia. O resultado é, portanto, um quadro um tanto ou quanto impressionista, mas útil para o primeiro enquadramento.

Como estabelecer as fronteiras do grupo?

As dificuldades começam quando percebemos que os limites do grupo não são claros e bem definidos. Não se trata de uma unidade social com fronteiras nítidas e visivelmente demarcadas. Quem faz parte da Folia do Tachico? Quantos são os seus integrantes? Como vou selecionar as pessoas para aplicar o questionário? O pesquisador, diante de um grupo com tais características, enfrenta questionamentos como esses. Durante dois anos acompanhando a *jornada* observei a mobilidade de pessoas na Folia e, em alguns casos,

²² O questionário aplicado assim como a tabela com os dados dos 22 integrantes da Folia de Reis do Tachico estão em anexo. Aqui me limito a apresentar os dados já trabalhados e quantificados em forma de gráficos estatísticos.

²³ O exercício proposto é válido apenas para o grupo pesquisado. Apesar da cautela na comparação, já que se trata de um estudo de caso, os pontos levantados sugerem possíveis regularidades com outros casos, que mereceriam uma investigação mais aprofundada, não cabendo nos limites desta dissertação.

entre Folias. É prática recorrente na região a pessoa, em geral sem laços de parentesco com o folião, sair um ano em uma Folia e no ano seguinte ir para outra. Inclusive ouvi histórias de pessoas saírem, em um mesmo ano, em duas Folias.

Tachico, tentando evitar esse tipo de prática, procura fechar o grupo para a *jornada* anual ainda nos ensaios, que acontecem em sua casa, a partir de Novembro. Em 2002, foi feita uma reunião antes de iniciarem os ensaios. Tachico explica o objetivo desse encontro,

A reunião que eu queria fazer é só pro pessoal que acompanhasse os ensaios é que ia sair daqui de casa. Na rua eu não queria pegá ninguém.

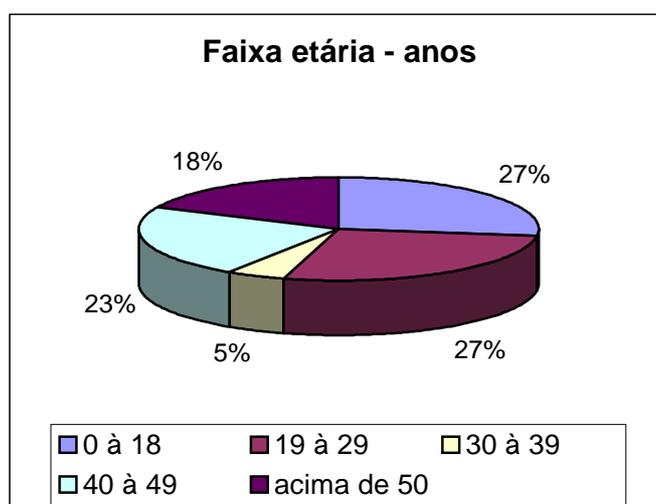
Participar dos ensaios, portanto, é pré-requisito para sair em sua Folia. Outro critério para a formação anual da equipe é estar presente no dia da saída, na *reza do terço*. Apesar da insistência de Tachico em estabelecer critérios para a formação de sua equipe, observamos na prática certa flexibilidade. No dia da saída em 2001, por exemplo, na *reza do terço* e na primeira cantoria, ainda na casa de Tachico, estavam presentes algumas pessoas com uniforme e participando dos rituais de saída. Alguns inclusive pareciam ter posição de destaque, mas nunca mais apareceram durante a *jornada*. Outro caso observado é o de um senhor que não estava presente na saída, mas aparecia de vez em quando para cantar de contra-mestre.

Estamos diante de uma situação em que é difícil se estabelecerem os limites, as fronteiras do grupo. Como resolver essa dificuldade, a aparente flexibilidade estrutural da Folia de Reis pesquisada? A estratégia para enfrentar essa dificuldade foi dupla: de um lado, com o trabalho de campo e o acompanhamento da Folia por dois anos consecutivos passei a conhecer as pessoas e a perceber os variáveis níveis de comprometimento individual. Se notamos mobilidade e inconstância de alguns integrantes também percebemos a dedicação e a disponibilidade de outros; ao lado e complementando minhas observações também recorri ao meu informante principal para saber quem ele considerava

²⁴Rosental (1998:171) chama a atenção para os limites da utilização da estatística nas abordagens antropológicas.

integrante efetivo do grupo e quem, apesar de presente algumas vezes, não participava, em sua ótica, na Folia de forma estável. Utilizo, portanto, tanto o critério de Tachico quanto as minhas observações para recortar os limites do grupo. Desde já reconheço a parcialidade e as limitações desse recorte, porém, pelos argumentos acima, parece razoável segui-lo aqui.

A importância da família na composição do grupo

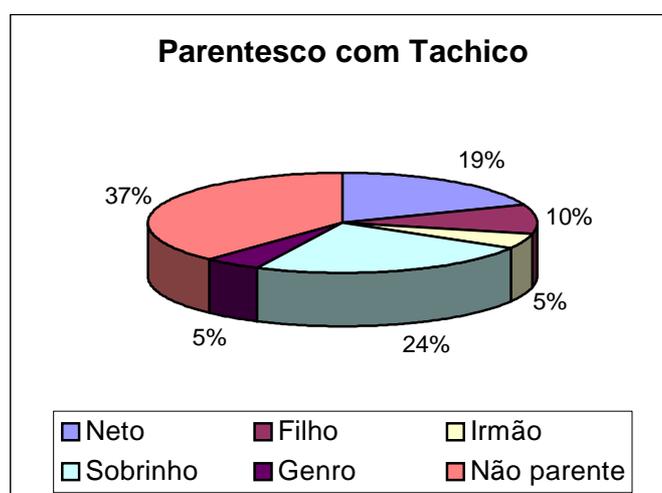


As crianças de 0 a 18 anos representam 27 % da equipe. Dessas 6 crianças, 4 têm menos de 10 anos e ocupam as posições de requinta (2), baixão (1) e palhaço (1). Esses dados revelam a importância das crianças na estruturação e, conseqüentemente, na reprodução do grupo. Elas não saem apenas para observar ou acompanhar a Folia mas, como aprofundaremos no próximo tópico, ocupam posições centrais no ritual.

A faixa de 19 a 29 anos é representativa de 27% da equipe e o que chama a atenção é o fato de 5 pessoas desse sub-grupo, ou seja 83%, desempenharem o papel de palhaço. A predominância de jovens nessa função pode ser observada em qualquer grupo de Folia de Reis na região e parece ser um fenômeno relativamente recente. A faixa de 40 a 49 anos aparece com 5 pessoas (23%) e observa-se que desses, só 1 é palhaço. Trata-se do mestre dos palhaços. Os 4 outros são integrantes que acompanham Folia há muito tempo. Essas pessoas têm grande experiência, na maioria dos casos com mais de 20 anos participando de

grupos de Folia. Finalmente, acima dos 50 anos encontramos 4 integrantes, sendo 3 ocupantes dos importantes papéis de folião, contra-mestre e bandeireiro.

Analisando os dados sobre faixa etária, nota-se que o grupo é formado por pessoas de todas as idades: meninos, adolescentes, adultos e velhos. Ao constatarmos esse fato, que os componentes da Folia do Tachico estão distribuídos em todas as faixas etárias, podemos nos questionar sobre a importância da família na estruturação do grupo.



63% (13) dos integrantes têm algum laço de parentesco com o folião. Poder contar com filhos, sobrinhos e netos é motivo de satisfação para qualquer folião, sinal de que sua Folia é estável e estruturada. Como diz Tachico evidenciando esse ponto,

É tanto que a Folia nossa não parou porque os netos vêm, sobrinho, tudo ajudando. Se não, já tinha caído. Tem muito folião que não sai mais.

Em 2003, a Folia completou 43 anos, e Tachico, orgulhoso, diz que em todos esses anos nunca faltaram companheiros para ajudá-lo na *missão* de Santos Reis. Durante a pesquisa, pude perceber que os componentes da família de Tachico demonstram comprometimento maior com a Folia e maior lealdade a ele do que os não parentes. Eles formam uma espécie de “base estável”, ocupando as principais posições rituais: contra-

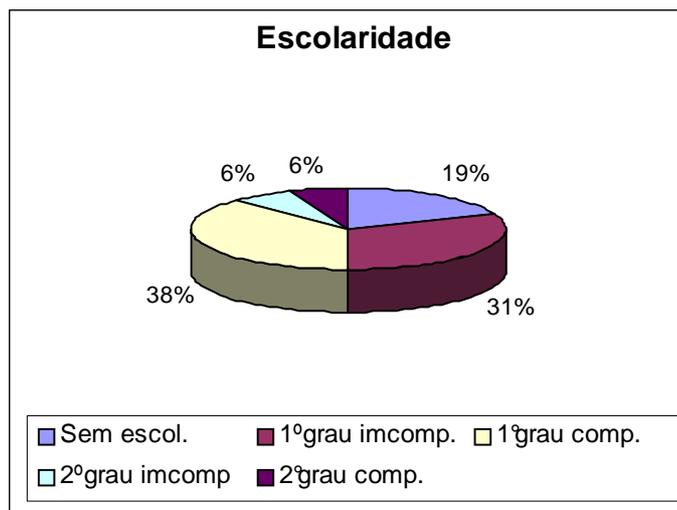
mestre, mestre de palhaço e contra-mestre de palhaço. Outro ponto é que se nota a presença de 3 gerações da família Victorino na composição da equipe: a sua própria, a dos seus filhos e sobrinhos, e a dos netos. O caráter familiar da Folia abrange 3 gerações, o que pode ser uma pista para entendermos a presença de todas as faixas etárias na composição do grupo.

Do total dos parentes nota-se a presença de 4 netos e 5 sobrinhos, além de 2 filhos, 1 irmão e 1 genro. Dos não parentes (8), 5 são instrumentistas da Folia e 3 são palhaços. Cruzando esses dados com dados sobre a participação em outros grupos de Folia, constata-se que a maioria dos que nunca saíram em outra Folia são justamente os parentes de Tachico, incluindo seus 2 filhos, irmão, 4 sobrinhos e 2 netos. Podemos inclusive dizer que a Folia do Tachico é pensada pelos seus parentes como a Folia da família Victorino.

Refletindo sobre esses dados podemos notar a importância da família na estruturação da Folia. Não ter parentes compondo a equipe, como diz Tachico, pode levar e realmente leva em muitos casos à desestruturação do grupo. Nesse sentido, a Folia pode ser vista como um espaço familiar de relações patrilineares entre gerações (avô / neto, pai / filho, tio / sobrinho). A autoridade e o prestígio do pai, avô e tio é reafirmada. Um outro dado que nos ajuda a pensar a estrutura patriarcal da Folia é a ausência de mulheres no grupo. 100% dos integrantes da equipe são homens: meninos, jovens ou adultos. A Folia torna visíveis as interações entre gerações a partir da linha paterna, sendo um espaço masculino por excelência.

O perfil sócio-econômico dos integrantes da Folia

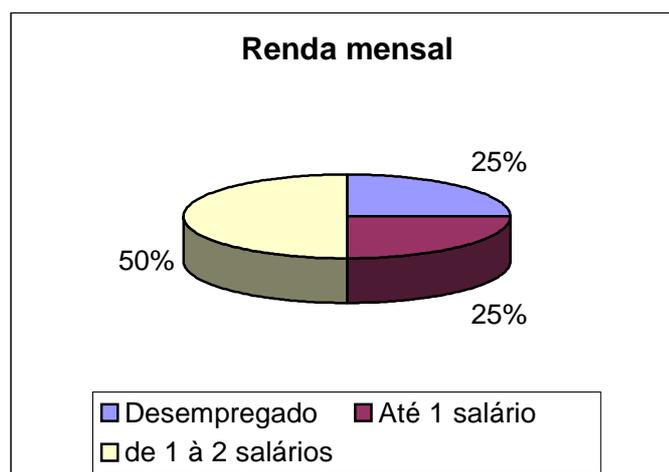
Tendo visto a importância das relações de parentesco e da presença de todas as faixas etárias na composição do grupo, propomos agora reflexão em cima de indicadores como: escolaridade, renda mensal e ocupação. O objetivo é inserir o grupo no contexto sócio-econômico mais amplo e observar a pertinência ou não em tratá-lo como uma equipe ritual popular.



Os sem escolaridade representam 3 pessoas, incluindo Tachico que, apesar de não ter frequentado a escola, aprendeu a ler e escrever com um vizinho no tempo em que morava na roça, no Abarracamento²⁵. Seu filho Jorge Victorino, sanfoneiro, frequentou a escola por alguns anos, mas devido a problemas mentais teve que abandoná-la e só sabe assinar o nome. Dos que têm o 1º grau incompleto (5) todos têm mais de 40 anos. A maioria dos entrevistados (38%) terminou o 1º grau. O interessante é que nesse universo de 6 pessoas, 4 são palhaços com menos de 30 anos, portanto, já nasceram na cidade onde a oferta de escola é maior do que no campo, e a educação formal dos filhos passa a ser prioridade para os pais. Finalmente 1 rapaz, palhaço e sobrinho de Tachico, completou o 2º grau e pensa em fazer concurso para a universidade de Valença.

Analisando os dados como um todo, observamos que, em geral, a escolaridade é baixa, principalmente das pessoas com mais de 40 anos. Dessas, que totalizam 9 pessoas, só uma completou o 1º grau. Os outros 8 passaram a infância na roça, começaram a trabalhar

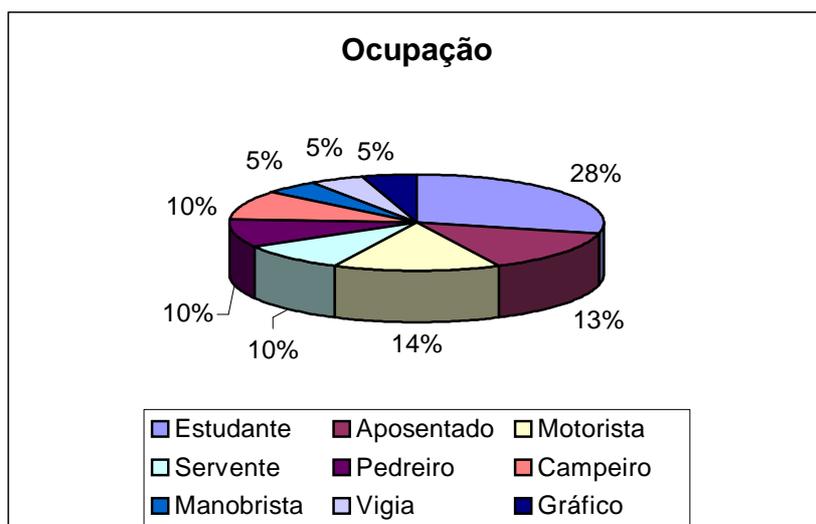
muito cedo e, conseqüentemente, não freqüentaram a escola por muitos anos. O panorama hoje parece um pouco diferente. Das crianças até 19 anos todas estão na escola e cursando a série compatível com sua idade. Por isso não as estou incluindo nessa amostragem²⁶.



Observando os dados sobre rendimento mensal dos componentes do grupo nota-se que metade (8) ganha de 1 a 2 salários mínimos. Um número considerável (25%) estava desempregado durante a pesquisa e ainda 25% sobrevivem com até 1 salário mínimo. Com relação às ocupações elas variam: pedreiro, aposentado, motorista e servente são as principais. 2 pessoas trabalham em atividades rurais, cuidam de fazendas ou lidam com boi. Apesar da primazia das profissões “urbanas”, a presença das ocupações tipicamente “rurais” é representativa do contexto de transição que podemos notar nas pequenas cidades de urbanização recente como é o caso de Rio das Flores. Nota-se também que todas as crianças do grupo (6) freqüentam a escola, o que é revelado pelo gráfico:

²⁵ Esse vizinho de Tachico é Hilário que, como veremos no capítulo seguinte, teve grande importância para seu aprendizado.

²⁶ A baixa escolaridade das pessoas com mais de 40 anos é constatada também quando olhamos os dados provenientes dos foliões entrevistados. Dos 8 foliões, 7 (ou seja 87,5%) estudaram até a 4ª. série e apenas 1 terminou a 8ª.



Sintetizando as reflexões sobre a composição social do grupo, podemos dizer que ele é formado em sua totalidade por membros de classes e grupos sociais específicos. Seu caráter popular é evidenciado pelos diversos aspectos aqui mencionados: seja quando olhamos para o rendimento mensal de seus integrantes (no máximo 2 salários mínimos); seja quando constatamos a baixa escolaridade média (até a 4ª.série); seja, ainda, quando notamos que as ocupações desempenhadas são profissões subalternas e com pouca ou nenhuma qualificação. Ao lado da constatação da configuração popular do grupo, percebemos também a centralidade do parentesco e das relações patrilineares (pai / filho; tio / sobrinho; avô/ neto entre primos) em sua estruturação²⁷.

Essas observações iniciais visam a aproximar o leitor do “perfil” social dos integrantes do grupo. No próximo tópico, a análise busca captar como esse grupo se organiza internamente, como os papéis e saberes rituais são distribuídos.

²⁷ Burke (1989) e Bakhtin (1993) adotam uma perspectiva que relaciona a existência da “cultura popular” com a estratificação da sociedade em classes sociais.

1.3. Organização interna e posições rituais

A existência de papéis determinados desempenhados por pessoas com saberes específicos é recorrente nos rituais do catolicismo popular. A diferenciação e hierarquização de funções e saberes são fundamentais na organização interna de muitos grupos rituais populares²⁸. A Folia de Reis do Tachico será observada desse ponto de vista, a partir de posições rituais definidas e hierarquicamente relacionadas. Tratando-se de uma primeira aproximação, a descrição visa a apresentar os atores e captar os aspectos constitutivos do grupo. Apesar do recorte estrutural não estou definindo as posições rituais em termos essenciais, mas relacionalmente. Nesse ponto, incluo dois papéis não estruturantes do grupo, mas fundamentais, como veremos, para o ritual da Folia: as mulheres e os *devotos*.

Para analisar tal aspecto da organização devemos trabalhar com a idéia de que o conhecimento não é partilhado igualmente por todos os membros do grupo. A Folia de Reis pesquisada não deve ser apreendida como uma unidade coerente e homogênea, como um olhar desatento e apressado, que veja do alto e de longe o grupo, pode supor. A observação continuada das relações e papéis rituais, ou seja, a ênfase no plano microscópico das práticas, mostra que a distribuição desigual de saberes e poderes é estruturante do próprio grupo, evidenciando assim o “caráter distributivo da cultura” (Barth 2000b).

Por sua vez, a constatação da diferenciação interna não deve ser vista como sinal de que não existam crenças e saberes comuns compartilhados. A própria possibilidade da comunicação e da eficácia ritual dependem dessa “base comum”. A crença nos poderes milagrosos dos Santos Reis, por exemplo, é compartilhada tanto pelos *devotos*, que fazem promessas e recebem a Folia com intuito de pagá-las, quanto pelo folião e demais

²⁸ Brandão trata esses grupos como *equipes corporadas* com acentuada hierarquização interna. “Digo valor político para dentro do grupo, porque ali existe efetivamente uma hierarquização de comando que subordina, entre postos, uma equipe de personagens” (1980:168). Yara Moreyra, na mesma direção, ao estabelecer relações entre as procissões portuguesas e a Folia de Reis, diz “As procissões portuguesas eram severamente regulamentadas. Constituídas por diferentes partes e números, sua organização era obrigação das corporações de ofícios, e o castigo para os profissionais faltosos poderia ser até a prisão. Na Folia de Reis, onde há vestígios de uma organização semelhante – principalmente nas figuras do Embaixador e do Regente, as duas principais pessoas da Folia” (Moreyra 1982:138).

integrantes da equipe. A ênfase na diferenciação de conhecimentos e na organização interna, portanto, não deve impedir a visualização de saberes e crenças compartilhadas²⁹.

Ao descrever separadamente os papéis rituais estruturantes do grupo não estamos tomando-os como unidades auto-contidas e independentes entre si. Muito ao contrário, os papéis individuais só fazem sentido quando percebemos as relações que mantêm com os demais. Além disso, como veremos no capítulo sobre a trajetória de aprendizado de Tachico, existe mobilidade no desempenho dos papéis. Meu intuito aqui, portanto, é “sobrevoar” o grupo a partir da descrição dos papéis rituais que, no capítulo 3, serão vistos em “ação”, durante o desempenho da performance de algumas etapas do ritual.

Mestre folião – centralizando saber/poder

O mestre folião, ou apenas folião, seguindo a denominação de meu informante, ocupa o topo da hierarquia do grupo ritual. Seu compromisso com os Santos Reis é único e sair com a Folia é uma obrigação assumida por ele e que deve ser cumprida com *devoção* e *fé* todo ano. Os *companheiros* podem parar de sair, mudar de Folia, dependendo do compromisso individual de cada um, mas o folião não. Ele deve tocar a *missão* até completar seu tempo³⁰. A importância da Folia na vida de Tachico é ressaltada quando ele diz

A Folia de Reis é uma coisa muito séria pra quem leva com fé... uma missão muito séria, que exige respeito e seriedade... pra você pegar uma missão para não levar ela como deve é melhor não pegar não..Porque tem folião aí que pára a dele e vai cantar na outra ... então ele não tem missão não, porque missão certa é você tocar a missão certa. Mas eu não, eu ... eu tive vontade de parar mas não pude. Eu tive vontade de parar, já teve ano aqui que eu arrumei na semana para sai 'há não vou

²⁹ Hoggart (1973), em estudo sobre a cultura das classes trabalhadoras inglesas, denominou “religião primária” ao compartilhamento de crenças e valores entre os membros desse grupo social.

³⁰ Não consegui aprofundar sobre esse ponto com Tachico, mas parece que seu compromisso é para a vida toda. Ele diz que pode até parar de sair, mas com a condição de deixar a *missão* com alguém da família, provavelmente seu filho mais novo.

sair nada, vou sair mais não’. Aí a mulher foi no centro outra vez e falou ‘ainda não completou o tempo dele não, se ele parar vai adoecer’. Aí tornei a tocar a missão pra frente. E tamo tocando até hoje, graças a Deus.

É comum Tachico referir-se a Folia como *minha missão*. Apesar de toda Folia ter uma denominação “oficial” para cadastramento em Federações ou até para conseguir licença na delegacia, as pessoas na região utilizam o nome do folião para se referir a ela. A Folia pesquisada é conhecida como a *Folia do Tachico* e não *Estrela da Guia* como consta no registro da Federação de Folia de Reis de Rio das Flores.

Especialista religioso, conhecedor dos fundamentos da Folia e das regras do ritual, o folião ainda é o responsável pela disciplina, organização e manutenção do grupo. Ao ser perguntado sobre o que faz o folião, Tachico diz

Ele é que comanda a turma. A responsabilidade de tudo tá na mão do folião. Tudo que acontecer eu é que sou chamado.

A centralidade/autoridade de Tachico é observada em diversas dimensões e momentos do ritual: é ele quem “tira a cantoria”, iniciando os versos e *trechos* que serão acompanhados pelo contra-mestre; sua casa é onde se realizam os ensaios e importantes etapas do ritual, como a *reza do terço* e a *chegada da bandeira*; ele toca viola, instrumento pouco ouvido mas que tem função simbólica importante, pois movimentando seu braço comanda e se comunica com os demais integrantes; ele assume a fala em todas as situações rituais importantes, tanto nas rezas antes da saída quanto nos diálogos com os *devotos* que recebem a Folia; os instrumentos, a bandeira e os uniformes são seus. Enfim, ele detém o saber e a Folia é o seu grupo ritual³¹.

³¹ Na região pesquisada nem sempre as funções de folião e chefe são desempenhadas por uma mesma pessoa. Geraldo Luciano me relatou que, antes de montar a sua Folia, cantou muito tempo na Folia dos outros. O próprio Tachico, como veremos no próximo capítulo, saiu no primeiro ano como folião sem ser ainda o dono da Folia. Na bibliografia específica sobre Folia de Reis em outras regiões as principais funções de comando são desempenhadas por duas pessoas, o que por um lado acarreta a não centralização que vemos no caso de Tachico mas, por outro, pode estimular conflitos entre as duas lideranças. Moreyra nota em Goiás a presença

Apesar de centralizar as duas principais funções de comando, o folião depende dos *companheiros* para cumprir sua *missão*. Acompanhando a *jornada* da Folia do Tachico podemos observar que ele demonstra tolerância em relação a algumas atitudes de seus *companheiros*, como por exemplo: um menino que toca caixa com a camisa desabotoada e coloca embaixo do *chapéu* da Folia um boné; um outro que aparece com uma calça de cor diferente da dos demais; o atraso constante de alguns etc. Ivanir, contra-mestre e irmão de Tachico, ressalta que o folião tem que saber dialogar, saber a hora certa de chamar a atenção e sempre tomar cuidado para não ser autoritário com os *companheiros*, pois sua Folia depende deles.

Não se trata, no entanto, de dependência de mão única. Os *companheiros*, ao se predisporerem a *ajudar* o folião em sua *promessa* ou *devoção*, já que fica explícito que este é o dono da *missão*, também estão sendo ajudados não só por ele mas pelos Santos Reis. Podemos ver nessa relação a dimensão da troca e reciprocidade, o que torna a equipe como uma espécie de grupo corporado e de “ajuda mútua”³².

Tachico pode ser tomado como um “agente religioso do catolicismo popular” e a Folia como um tipo de “irmandade”. Em algumas falas rituais, como veremos no capítulo3, ele enfatiza que na Folia todos são irmãos, iguais e que não deve haver competição nem

do *embaixador*, conhecedor dos fundamentos, e do *regente*, nomeado para a parte disciplinar (Moreyra 1982: 138). Brandão (1983:48-49) também nota em Goiás a presença do *encarregado* (gerente ou regente), que tem por tarefa zelar pela conduta social, evitando excessos. Ao *mestre*, por outro lado, cabe controlar o ritual. Em outros contextos como na Folia da Mangueira estudada por Monte-Mór o *mestre* é aquele que detém o saber ritual, o conhecimento das profecias enquanto o *dono* cuida da parte organizacional, da manutenção dos instrumentos, fardas, bandeira e do agendamento da “festa do remate”. Como aponta a autora, os conflitos entre *dono* e *mestre* são recorrentes (Monte-Mór 1992). Em outras regiões, como em Januária, observa-se a existência de mais de um *mestre*, denominado *folião guia*, que puxa a cantoria, e de um *festeiro*, responsável pela organização do grupo e pela festa de Santos Reis naquele ano.

³² Tanto na saída quanto na chegada Tachico agradece, em cantoria, aos *companheiros* que participaram da Folia, como nos seguintes versos cantados na chegada de 2003: *Eu agradeço os companheiros / que faz parte da Folia / eu vou pedi muita saúde / o ano inteiro de alegria / nunca te falte saúde / nem o pão de cada dia*. Também nota-se, durante a *jornada*, que a casa de Tachico passa a ser uma espécie de “centro de referência” para os integrantes da equipe, sejam parentes ou não. É comum, após terminado o dia de cantoria, as pessoas irem a sua casa para jantar e alguns até dormem por lá mesmo. Se alguém da equipe precisa de alguma coisa Tachico ajuda, como o exemplo de um menino que estava passando mal e o folião deu dinheiro para ele comprar remédio. Ele também muitas vezes dá assistência as pessoas da Folia fazendo benzeções e rezas. Durante a pesquisa de campo, aconteceu o seguinte fato: um rapaz que brinca de palhaço, uns 3 dias após o encerramento da *jornada*, foi à casa de Tachico e disse que estava sonhando muito com Folia, que aquilo não

inveja. Mas a constatação dessas relações de interdependência não eliminam as desigualdades pois, em última instância, ele é quem detém o saber e a Folia é o seu grupo ritual³³.

O prestígio de Tachico extrapola a dimensão ritual e pode ser observado no cotidiano, em suas relações familiares e de vizinhança. Ser *chefe* de Folia é socialmente valorizado e traz prestígio junto à comunidade. A liderança e o saber de Tachico no contexto ritual influenciam sua posição social cotidiana. Essas duas dimensões estão intrinsecamente relacionadas e se influenciam mutuamente. Nesse sentido, vale o comentário de Brandão, referindo-se a posição social dos agentes das cerimônias devocionais populares,

Se de um lado eles são sujeitos como todos os outros, enquanto categorias de trabalhadores seculares, são redefinidos socialmente pela posição que ocupam e pelo trabalho especializado que fazem como agentes pessoais de oração (capelães e rezadores) ou como dirigentes de corporações rituais. (Brandão 1979:228).

A (re) definição social da pessoa, sua posição no cotidiano, está intimamente relacionada com o contexto ritual. No caso de Tachico, além de ser *chefe* de uma Folia de Santos Reis ele é rezador *afamado* na região. Ambas as atividades pressupõem o saber do especialista. Esse saber/poder, apesar de gerado e aplicado no contexto ritual, seja durante a *jornada* da Folia ou nas sessões de reza no *quartinho*, também pode ser observado no cotidiano, principalmente nas relações dentro da família e junto à vizinhança³⁴.

saía de sua cabeça e estava perturbando-o. Tachico, então, levou o rapaz ao *quartinho de reza* para, por meio da reza, afastar esses pensamentos da cabeça do rapaz.

³³ Tachico contou que, num determinado ano, não deixou um cunhado seu sair pois este chegou bêbado e estava se comportando de modo oposto ao que manda a “lei. Fica evidente aí o poder que ele detém sobre os outros integrantes. Cabe ao folião decidir se alguém pode entrar na equipe ou se alguém deve sair. Todas as decisões importantes passam pelo seu consentimento. Sobre a necessidade de pensar a relação saber / poder cito Foucault “*Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder*” (Foucault Apud Brandão 1980:168).

³⁴ Entre os trabalhos sobre Folia de Reis consultados o único que chama a atenção para a importância da vida cotidiana dos grupos é o de Monte-Mór. Ela mostra que a relação mestre/integrantes do grupo em domínios

O folião Tachico pode, portanto, ser visto como um agente do catolicismo popular, um profissional do sagrado, conhecido e reconhecido como detentor de um saber diferenciado que, apesar de gerado no ritual, pode ser notado no cotidiano³⁵.

Contra-mestre

A função do contra-mestre na Folia é, por exemplo, tudo que ele (folião) passa pra mim eu tô entendendo ... se ele começou lá eu tô sabendo o que ele tá fazendo. A gente vai tocando assim ... ele puxa um verso lá eu tô sabendo (Ivanir, irmão de Tachico e contra-mestre da Folia).

O contra-mestre ocupa posição logo abaixo do folião na hierarquia do grupo. Suas responsabilidades são grandes. Além de ser pessoa de confiança do folião, prioritariamente da família, ele deve conhecer bem seu repertório para acompanhá-lo na cantoria. Na Folia do Tachico são dois os contra-mestres: Ivanir, seu irmão e o mais antigo integrante do grupo, é o principal; Rezinho, seu filho mais novo, está começando a cantar nessa posição e, ao que tudo indica, será seu substituto à frente da *missão*.

Ivanir, na fala citada, ressalta que o contra-mestre deve estar em sintonia com o folião, o que envolve tanto o conhecimento dos versos que compõem o repertório quanto ter uma voz que combine com a dele. Um bom contra-mestre inicia a cantoria praticamente junto do folião, pois já sabe o que este vai cantar antes do verso começar, ou seja, o contra-mestre deve dominar o repertório do folião que, na maioria dos casos, é também seu mestre e professor.

cotidianos da vida tem escapado aos estudiosos que só olham para o momento ritual. Como foge aos objetivos deste trabalho o aprofundamento dessa questão, deixo a sugestão.

³⁵ Quando falo diferenciado não estou propondo separá-lo do contexto social em que vive. Nesse ponto lembro novamente da idéia de uma “religião primária” (Hoggart 1973). O saber do especialista não está em contradição com essa base comum, mas ao contrário, é desenvolvido justamente sob essa base. Ou seja, Tachico sabe mais o que todos ali sabem, o que explica seu prestígio.

Na Folia do Tachico o folião inicia o verso e é acompanhado pelo contra-mestre, que canta a mesma letra e melodia só que uma terça mais aguda. O ritmo instrumental é constante, puxado principalmente pelo pandeiro, parecido com o *calango*, gênero musical bastante difundido na região. As duas vozes, do folião e do contra-mestre, em terças, assemelham-se às duplas sertanejas, que, por sinal são muito apreciadas pelos foliões³⁶. Tachico chama esse estilo de *toada mineira*, diferenciando do que denomina *toada rezada*, recorrente em quase todas as demais localidades do Estado do Rio e também observada no Espírito Santo. Nestas, o folião fala, declama o verso sem o acompanhamento instrumental. Como uma reza, o verso é cantado por todos os integrantes do grupo e os instrumentos só tocam após a letra ter sido respondida.

O aprendizado do contra-mestre, assim como se nota em relação a diferentes tipos de especialistas populares, é um processo fundamentalmente prático. É durante a performance que ele passa a dominar a linguagem formalizada característica do ritual. A memorização dos versos é o primeiro passo no aprendizado do contra-mestre, pois só a prática vai colocá-lo diante das situações concretas e desafiadoras do seu conhecimento, como, por exemplo, a necessidade de integrar texto e métrica. Na cantoria da Folia nota-se que o texto, os versos, estão submetidos à temporalidade da métrica musical. Nesse sentido, os versos, para se encaixarem numa temporalidade, às vezes sofrem alterações. Muitas terminações de palavras se juntam com o início das outras como na quadra “*na saída do divino / vai deixumá pena cair / praqueles que são devotos / ou a religião que seguir*”. Essa prática é comum na cantoria da Folia e, junto ao estilo de impostação e entonação da voz, torna as letras de difícil entendimento³⁷.

³⁶ Alguns foliões entrevistados disseram que tiraram as *toadas* da Folia justamente das músicas sertanejas que antigamente tocavam no rádio. Raimundo de Carvalho, de Valença, diferencia a *toada de Reis* das toadas que vieram das músicas sertanejas. As primeiras, segundo ele, não têm autores e são tocadas em ritmo mais lento do que as de inspiração sertaneja.

³⁷ No início do trabalho em 2001, eu praticamente não entendia sequer uma palavra da cantoria. Em uma casa inclusive, precisei da ajuda de um “tradutor”. Após o folião e o contra-mestre cantarem o verso, Admir, mestre de palhaços e que também já foi contra-mestre, “traduzia” e eu anotava no caderno. Com a convivência e, após escrever os *trechos* principais, fui criando sensibilidade para entender alguns versos e poder assim acompanhar a cantoria. Até hoje, às vezes quando vou ouvir uma gravação sonora, tenho dúvidas quanto à letra mas já domino relativamente bem o repertório de Tachico e posso com mais facilidade me situar na cantoria.

Cantar de contra-mestre, portanto, é a última etapa do processo de aprendizado antes do aprendiz se tornar folião. Para desempenhar essa função, além do conhecimento dos versos da cantoria e de competência para fazer a segunda voz, a pessoa deve tocar algum instrumento de corda, preferencialmente viola, mas também pode ser cavaquinho, como no caso de Rezinho.

Além do conhecimento dos versos e do estilo da cantoria, o contra-mestre também auxilia o folião na liderança e comando do grupo. Tachico, referindo-se tanto ao folião quanto ao contra-mestre diz: *os dois têm responsabilidade. Eles podem decidir qualquer coisa*. Em diversas situações vi Tachico conversando com Ivanir ou Rezinho antes de tomar alguma decisão. Às vezes também o próprio contra-mestre chama a atenção de alguém que não está se comportando corretamente³⁸.

Outro ponto importante é que o contra-mestre deve ter condições de substituir o folião quando for preciso. Acompanhando a *jornada* da Folia pude perceber que, de vez em quando, Tachico descansa em uma casa ou outra deixando Ivanir cantando de folião. No dia 31 de Dezembro, Tachico e 4 outros integrantes da Folia passam a virada de ano na praia com o pessoal do *centro*, e a *missão* fica sob a responsabilidade de Ivanir.

Em falta do folião, deu qualquer coisa, adoece na estrada, o contra-mestre é que pega, toca pra frente. Por causa disso é que eu tô com Ivanir, eu já ensinei muitas coisas pra ele. Por que as vezes o folião, dá uma dor de barriga na estrada, a Folia não pára né?

Essas palavras revelam a importância do folião poder contar com um bom contra-mestre que possa substituí-lo em sua ausência ou quando queira descansar durante a

³⁸ Durante a jornada de 2002, Rezinho chamou a atenção do caixeiro, que estava disperso e de brincadeiras com outros rapazes durante a cantoria. Nessa ocasião, Rezinho mandou-o tirar o uniforme e voltar para a casa. O rapaz acatou e deixou a Folia, só voltando no outro dia. Ivanir reprovou essa atitude de Rezinho e disse que ele é muito esquentado e não pode resolver as coisas assim. Por mais que o caixeiro, que é um adolescente, seja indisciplinado, Ivanir diz que Rezinho deve ser mais tolerante pois, afinal de contas, a Folia depende do caixeiro. Percebe-se que o contra-mestre centraliza algum poder de comando mas, como o folião, não deve ser autoritário sob pena de comprometer a própria Folia.

jornada. Além disso, o contra-mestre está a um passo de se tornar folião, sendo o substituto e o provável continuador da Folia. Como diz Tachico,

Na hora que o folião não for sair mais é igual ao meu folião fez pra mim. Na hora que ele completou o tempo dele ele não passou pra mim? Então na hora em que eu completar o tempo certo, não for sair mais, que eu tô cansado, então eu vou passa pra ele. Por isso que ele tem que procurar aprender né?

Requinta e baixão – o lugar das crianças na Folia³⁹

Em todas as Folias de Reis da região, nota-se a presença do requinta e baixão, duas crianças que finalizam o canto das estrofes, alongando a última sílaba do verso com a terminação *aaaaaaai*. O *grito*, como é chamada essa intervenção, é dado uma oitava acima da última nota cantada pelo folião. O requinta, em geral criança com idade menor do que o baixão, canta mais agudo do que este. O posicionamento espacial dessas crianças no ritual é ao lado do folião e do contra-mestre, formando uma espécie de “círculo fechado”. Essas duas posições são consideradas como *de frente* juntamente com o folião, o contra-mestre, o mestre dos palhaços e o contra-mestre dos palhaços. As pessoas que ocupam essas seis posições, as principais na organização do grupo ritual, fazem um *trabalho* especial antes de sair na Folia. Como explica Tachico,

Eu mesmo peço pra eles. Aqui quem toma banho é só os da frente só é eu, Vani, depois vem o mestre Demir, o contra-mestre eduardinho . Aí depois eu mando os requinta, Antônio que é o baixão, e o requinta, banho, os outros não precisa.

A preocupação de Tachico com a renovação de crianças, para ocupar essas posições, também aponta para a centralidade delas na organização interna da Folia. Talvez

³⁹ Moreyra vê no requinta das Folias de Reis correspondências com o Requinta dos grupos corais do minho. “Lá, porém, é Requinta ou Guincho, sendo que o último definiria perfeitamente o ‘longo e fino grito’ dado pelas vozes mais agudas nas Folias (Moreyra 1982: 141. Grifos da autora).

por isso ele sempre coloca alguns meninos para treinar nos ensaios e para acompanhar a Folia⁴⁰. Nos anos em que segui a *jornada* ele levou, em média, 4 crianças para se alternarem na função. Desses meninos, alguns já cantavam, outros estavam quase passando da idade e outros ainda saíam pela primeira vez, o que demonstra a mobilidade envolvendo a ocupação dessas posições. Os papéis de requinta e baixão são, portanto, transitórios e geralmente ocupados por meninos de até 12 anos. Após essa idade outras funções como tocador de algum instrumento ou palhaço serão desempenhadas⁴¹.

Em 2003, um dos requintas era Pablo, filho de Rezinho, que tem 7 anos e saía pela primeira vez na Folia. De vez em quando, Tachico chamava-o para cantar e dava as recomendações sobre a hora certa de dar o *grito* ou dizia para ele cantar mais forte, fazendo sinais de aprovação, quando o menino respondia certo. O requinta mais velho também ficava ao lado de Pablo, dando as instruções, pedindo para ele abrir mais a boca e etc. Nos primeiros dias da *jornada*, o menino ainda não sabia colocar a voz na hora certa e, às vezes, a nota que saía se chocava com a do baixão. Ele estava dando seus primeiros passos no aprendizado. Do meio para o final da *jornada*, a partir do dia 1º de Janeiro, a evolução de Pablo era visível. Ninguém precisava mais chamar sua atenção na hora de entrar com o *grito* e, raramente, ele dava nota errada, o que demonstra ser o aprendizado fundamentalmente prático, desenvolvendo-se com a participação efetiva no ritual.

A Folia de Reis também pode ser vista como um espaço de aprendizado musical para as crianças. O requinta e o baixão, além de cantar, muitas vezes aprendem a tocar instrumentos. Durante a cantoria nas casas, observa-se que alguns instrumentos são colocados em um canto, em cima de um sofá ou mesa. Em geral são triângulos, reco-recos e afoxés. O interessante é que esses instrumentos são usados principalmente pelas crianças. Elas não têm compromisso de tocá-los na hora certa ou durante toda a *toada*, como no caso dos outros instrumentistas. O que fazem é brincar, experimentando um instrumento,

⁴⁰ Em um ensaio ele falava, em tom de brincadeira, que o requinta principal era muito bom e que até pagaria para o menino ficar em sua Folia.

⁴¹ Luiz Antonio Victorino, 13 anos e neto de Tachico, em 2001 cantava de baixão, mas era visível sua insatisfação nessa posição. No ano seguinte quando retornei para acompanhar a Folia Luiz Antonio ainda

pegando outro, parando de tocar no meio da *toada*. Assim vão se familiarizando com os instrumentos, num processo informal de aprendizado musical⁴².

Quando olhamos pela ótica da reprodução do grupo e dos processos envolvidos na transmissão / aprendizado do saber popular, percebemos a importância da participação de crianças no ritual. No caso das Folias de Reis dessa região, as crianças não participam apenas acompanhando o grupo, mas efetivamente ocupam posições de destaque no ritual. O requinta e o baixão não são meros enfeites, mas são característicos do próprio estilo musical do grupo e, no caso do primeiro, também desempenha importante ato ritual: tirar o dinheiro da bandeira, como descrevo no capítulo seguinte⁴³.

Tachico e a grande maioria dos entrevistados, tanto foliões quanto integrantes da equipe pesquisada, entraram na Folia ainda crianças cantando de requinta. Percebe-se que existe um caminho de aprendizado, etapas e posições graduais de subida na hierarquia do grupo.

Bandereiro

O bandereiro é aquele que carrega a bandeira, o maior e mais sagrado símbolo da Folia, como veremos a seguir. Ele deve andar na frente do grupo e é recomendado que ninguém da equipe o ultrapasse durante a caminhada. O bandereiro é o primeiro a entrar nas casas e o último a sair, sempre tendo em suas mãos a *guia* da Folia, ou seja, a bandeira. Nota-se também que é ele quem primeiramente dialoga com os donos da casa, perguntando

“quebrava o galho” cantando de baixão quando precisava mas já tocava cavaquinho, não escondendo seu orgulho nessa nova função.

⁴² Ouvindo as gravações sonoras as vezes aparece um triângulo, depois some. Após um tempo, ouve-se um afoxé, some, depois volta o triângulo e assim por diante. Travassos (1982) em projeto de pesquisa intitulado “A Musicalização Popular através da Folia de Reis” volta-se para o processo de formação musical, o aprendizado da música a partir de grupos de Folia de Reis. Trata-se de um tema praticamente inexplorado na bibliografia sobre Folia de Reis e que mereceria um estudo específico.

⁴³ Brandão, refletindo sobre os padrões de reprodução popular do saber, toca nessa questão. “Observe, leitor, que rara é a oficina de artesanato popular e raro é o ritual festivo que não tenham lugares e ‘serviços’ para os meninos, crianças que as vezes ocupam posições fundamentais, como os ‘conguinhos’ dos ternos goianos,

se a pessoa é *devota* e se quer receber a Folia. O bandeiro, que, em alguns lugares, é chamado também de *alferes*, portanto, tem grande responsabilidade na Folia de Reis. Tachico escolheu para essa função Pedro Augusto que, apesar de não ser parente, é pessoa de sua confiança, tem grande experiência com Folia, além de também trabalhar no *centro*. Durante a *jornada*, observamos o cuidado com que Pedro conduzia a bandeira. Em uma noite, a Folia estava andando na estrada e começou a chover. Imediatamente ele pegou um guarda-chuva e colocou em cima da bandeira, ficando ele próprio na chuva.

Palhaços - os soldados de Herodes

A Folia de Reis não é sem palhaço porque Jesus teve os perseguidores atrás dele.

Os palhaços ou mascarados são personagens curiosos na organização das Foliás de Reis. Na bibliografia consultada, nota-se grande diversidade regional: enquanto no norte de Minas, em Januária não ví a presença de palhaços acompanhando a Folia, em Valença, eles formam verdadeiros batalhões. Na Folia pesquisada, os palhaços são personagens ambíguos: ao mesmo tempo em que divertem o público, trazendo a dimensão da alegria para a Folia, eles são confundidos com o “coisa ruim” e até com “exu”. Tachico, ao ser perguntado da relação dos palhaços com exu, diz

Sempre tem semelhança com o homem...é tanto que eu corto cachaça porque exu gosta de cachaça né? Se palhaço bebe pinga o negócio fica perigoso.

Mas, afinal de contas, o que fazem os mascarados na Folia? O fundamento para presença dos palhaços está na própria Bíblia, na passagem que fala de Herodes, e seus soldados, os perseguidores dos Reis Magos e de Jesus. Muitos foliões, incluindo Tachico, buscam essa explicação para a existência dos mascarados na Folia. Os palhaços fazem a

paulistas e mineiros do Congo, ou como os ‘requinteiros’ das Foliás do Divino do interior de Goiás” (Brandão 1982:47. Grifos do autor) .

semelhança, a *imitação* dos perseguidores do menino Jesus, dos soldados de Herodes e a sua presença é encontrada e, conseqüentemente, justificada, na própria escritura sagrada.

Os palhaços, em quase tudo, opõem-se aos demais integrantes da Folia, a começar pela indumentária. Eles vestem uma *farda*. Trata-se de calça e camisa de manga comprida totalmente cobertas pelos chamados *farrapos*, pequenas tiras de pano colorido. Os *farrapos*, em geral coloridos, mas também vi de uma só cor, ou são por eles costurados ou por uma costureira paga. Um palhaço antigo costuma ter várias roupas diferentes em seu armário e é comum emprestá-las para algum palhaço novo, quando este ainda não providenciou sua *farda*.

Na cabeça, os palhaços colocam um chapéu ou um *capacete* enfeitado. O rosto é coberto por um capuz, deixando somente o olho, a boca e o nariz descobertos. Eles sempre levam amarrado no pescoço um apito que é usado em alguns momentos, como durante a caminhada, o cortejo entre uma casa e outra, ou na *chula*. O cajado também faz parte da indumentária do palhaço e é usado para facilitar as acrobacias. Trata-se de um pedaço de madeira fina que em geral recebe pintura⁴⁴. Outro elemento da indumentária desses personagens é uma pequena bolsa onde colocam as moedas ou notas que para eles são lançadas durante a *chula*.

O elemento principal que caracteriza esses personagens, todavia, não é a *farda* ou o cajado, mas, sim, a máscara. Um palhaço sem máscara não está fazendo a imitação dos soldados de Herodes podendo, por exemplo, entrar no interior de uma casa ou andar sem perigo pela rua. Com a máscara na cara, as coisas mudam e recomenda-se que eles nunca saiam de perto da bandeira quando a Folia caminha pela rua. Casos de palhaços que, ao desrespeitarem essa regra, tomaram surra sem saber de quem apanhavam ou até sumiram em encruzilhadas, são abundantes. Em geral, as máscaras são feitas pelos próprios

⁴⁴ Antigamente, segundo Tachico, na época em que existiam muitos *encontros*, desafios entre foliões e principalmente entre palhaços, o cajado tinha outra utilidade. Quando duas Folias se encontravam na estrada, era comum um mestre desafiar o outro para ver quem cantava mais e conhecia mais sobre os fundamentos do reis. Aquele que demonstrasse mais conhecimento poderia teoricamente tomar os instrumentos e a bandeira do outro. Na prática, no entanto, era raro o folião aceitar a derrota e a humilhação de entregar os instrumentos e a bandeira. O resultado inevitável eram as freqüentes brigas, sendo o cajado um elemento usado pelos palhaços para esse fim.

palhaços, utilizando como base o couro de algum animal, cobrindo-o com os mais diferentes objetos como crina e rabo de cavalo, cordões, chifres etc. Para Admir, o certo é cada um produzir a sua máscara, mas observei alguns com máscaras industrializadas. Cada palhaço tem um apelido como por exemplo: *tomate, mané bacurau, ventania, azulão, cara preta*, etc. Fabiano, neto de Tachico, fala sobre a importância da máscara e a emoção sentida quando está brincando de palhaço,

Dá muita emoção na hora que você tá com aquela máscara. Você se sente outra pessoa, você se sente totalmente outra pessoa. A gente pular sem a máscara a gente se sente estranho, todo mundo vai te conhecer. Então você fica assim meio sem jeito. Você já com a máscara parece que ninguém te conhece. Aí você ataca suas asneiras pra lá e pra cá. Sem a máscara não dá pra brincar o chula de jeito nenhum, não dá mesmo.

A importância da máscara como impulsionadora de mudanças e variações de identidades, que aparecem no relato de Fabiano, é percebida por Bakhtin quando analisa o mundo medieval. Segundo ele a máscara

É o motivo mais complexo, mais carregado de sentido da cultura popular. A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos (Bakhtin 1993: 35).

As inversões, a abertura para a mudança e a liberdade que a máscara proporciona podem ser observadas pelo comportamento dos palhaços da Folia, que, em quase todos os

sentidos é oposto ao dos demais integrantes⁴⁵. Enquanto a Folia canta, defronte do presépio, passagens do nascimento de Jesus, os palhaços ficam do lado de fora, no terreiro da casa ou na rua, brincando de dar saltos, conversando. Quanto às suas performances propriamente ditas, que descrevo no capítulo 3, elas envolvem danças, pulos, risos, e os motivos de suas falas são quase sempre de caráter cômico ou histórias mirabolantes, envolvendo animais ou feitos impossíveis⁴⁶.

Podemos agora entender o interesse dos jovens por esse personagem. Dentro da estrutura organizacional da Folia, esse parece ser o papel menos controlado pelo folião. Os palhaços formam grupo com um mestre, chamado vovô, e um contra-mestre. O *vovô* é escolhido pelo folião e sua importância na Folia é explicitada por Tachico quando diz que

A responsabilidade maior que eu ponho aqui é no mestre de palhaço. Por isso é que ele é mestre. A turma dele lá fora ele é que olha. Ele que toma conta. Se chegar uma pessoa de fora querendo fardar é com ele, não é comigo. Ele é que comanda a turma dele lá fora.

Ao assumirem o papel de palhaços, os jovens têm certa liberdade de criação: inventam versos; criam apelidos; fazem suas próprias máscaras e fardas; demonstram suas habilidades como acrobatas e dançarinos. Na Folia do Tachico notei que, durante os dias da *jornada*, estavam presentes em torno de 7 palhaços, mas, no dia da saída, momento em que vão todos que pretendem sair naquele ano, havia uns 11⁴⁷.

O controle sobre esses personagens, porém, é grande e pode ser notado tanto a partir das restrições que sofrem - como nunca entrar em casa mascarado - quanto dos comportamentos rituais que devem seguir. Entre eles, nota-se a necessidade do palhaço dirigir-se, durante os 13 dias de *jornada*, à bandeira para pedir perdão e ser *cruzado* no dia

⁴⁵ Tanto Brandão (1977) em Goiás quanto Frade (1997) no Rio de Janeiro sublinharam as diferenças de comportamento dos palhaços em relação aos demais integrantes da Folia. Monte-Mór (1982), em sua pesquisa na Mangueira, notou a existência de relações entre os palhaços e “exu”.

⁴⁶ Moreyra relaciona os palhaços de Folia com a tradição dos bufões e histriões medievais, cuja função era transmitir notícias e divertir o povo (Moreyra 1982: 139).

⁴⁷ Tachico diz que antigamente eram só 3 palhaços, sendo um deles a Catirina, um homem que se vestia de mulher. Não encontrei esse personagem em nenhuma Folia, mas parece que era muito comum na região.

da saída e chegada da Folia. Estamos, portanto, longe da visão Bakhtiniana do riso, da máscara como subversão e transgressão. Tachico sempre diz que os palhaços precisam de mais *proteção* para não atraírem o mau e que é obrigatório saírem 7 anos seguidos com a Folia⁴⁸. Os palhaços também são objetos de muitas histórias e “causos”.

Instrumentistas

Diferentemente de outras regiões em que se utiliza o termo folião para designar os integrantes da Folia, no caso pesquisado, não há um nome específico para os componentes do grupo como um todo. Tachico, quando se refere em geral a sua equipe, diz *companheiros*, mas o mais comum é usar os termos sanfoneiro, caixeiro, bumbeiro e pandeiro, para se referir individualmente aos instrumentistas que ocupam essas posições. Se por um lado notamos que o folião e o contra-mestre devem ter conhecimentos específicos, como o saber das profecias, além de tocar instrumentos de corda, os instrumentistas são, prioritariamente, “artistas”, e suas atuações no ritual giram em torno de tocar um instrumento⁴⁹. A Folia do Tachico utiliza os seguintes instrumentos: 2 violas, sanfona, cavaquinho, pandeiro, caixa, tarol, bumbo e agogô. O triângulo, reco-reco e o afoxé são usados principalmente pelas crianças.

A sanfona, sem dúvida, é musicalmente o instrumento principal das Folias de Reis da região. Além de puxar as *toadas*, esse instrumento é quem faz os chamados *floreios* entre o final de um verso e a entrada da batida da caixa. A sanfona conduz a *toada* e, muitas vezes, é tocada tão alto que abafa os instrumentos de corda e, principalmente, a voz do folião e do contra-mestre⁵⁰. A sanfona também é quem puxa a *marcha de rua*, quando a

⁴⁸ Alberto dos Santos, folião de Valença, disse que a *farda* usada pelo palhaço deve ser entendida como uma prisão. Segundo ele os soldados de Herodes, após perseguirem Jesus, foram presos e ficaram 7 anos na prisão. Por isso, o palhaço tem que vestir a *farda* por esse mesmo período.

⁴⁹ Interessante notar que a maioria das pessoas da Folia, com exceção dos sanfoneiros e de Rezinho, que toca cavaquinho em um grupo de pagode, só pega no instrumento durante os ensaios e na *jornada*. Durante minha convivência com o grupo nunca vi Tachico tocar viola fora do contexto ritual.

⁵⁰ Na região pesquisada, os foliões reclamam muito da escassez de sanfoneiros. Isso cria dificuldades para a organização do grupo, que depende musicalmente da sanfona. A única Folia que não tem sanfona é de Geraldo Luciano, do lado mineiro da fronteira. Todas as Folias do Estado do Rio que pesquisei estruturam suas *toadas* em cima da sanfona. Os sanfoneiros, então, gozam de prestígio especial junto ao folião e, em

Folia está se deslocando entre uma casa e outra, além de ser fundamental na hora da *chula* dos palhaços. Tachico conta com 3 sanfoneiros, que se revezam na função. No dia da saída da Folia, ele entrega uma sanfona para cada um. Durante a *jornada*, em algumas situações onde os 3 sanfoneiros estavam presentes, percebia-se que cada um tocava um pouco e, enquanto não estavam na função de sanfoneiro, pegavam um pandeiro, por exemplo, ou seguravam o instrumento do lado de fora da casa.

Além do sanfoneiro, o pandeiro, o caixeiro e o bumbeiro são também fundamentais na estruturação musical da Folia. Tachico, ao se referir à importância do caixeiro diz: *o caixeiro tem responsabilidade na mão dele. Porque um folião sem a caixa não anda.* A caixa e o bumbo tocam nos momentos em que não se canta, na parte instrumental ou *estribilho*, e sempre ficam do lado de fora das casas. Na *chula*, esses dois instrumentos são essenciais e conduzem o ritmo acelerado e a dança dos palhaços. O pandeiro é o instrumento que marca o ritmo da *toada*, pois é o único de percussão que não pára em momento algum. Os demais instrumentos acompanham a cantoria, em especial o cavaquinho, sempre presente. Apesar de ter um instrumentista oficial para cada instrumento, percebe-se que são eles tocados por mais de uma pessoa, principalmente os de percussão.

Acompanhando a *jornada* da Folia do Tachico nota-se a inconstância da presença dos instrumentistas, o que demonstra diferentes níveis de comprometimento com a *missão*. Em algumas conversas, as pessoas diziam-me que estavam lá para ajudar Tachico. Aqueles menos assíduos, que apareciam um dia e ficavam três sem aparecer, são os que não têm relação de parentesco com o folião ou os que tocam um instrumento secundário, como o caso do agogô⁵¹.

alguns casos, inclusive sabem muito bem tirar proveito dessa situação. Sebastião Lima, folião de Valença, teve que pagar R\$ 300,00 reais para um sanfoneiro tocar em sua Folia.

⁵¹ Não vi esse instrumento em nenhuma outra Folia. Ivanir comenta inclusive que o agogô atrapalha pois confunde tanto a entrada da percussão quanto a entrada da cantoria.

Devoto da morada

Os 3 Reis foram a Belém levar os presentes para o menino Jesus. Então de lá ele voltou alegre, cantando para o povo. Então nós tamo fazendo a imitação. Nós não somos eles mas tamo fazendo a imitação (Tachico).

Apesar de não ocupar posição na organização interna do grupo, o *devoto da morada*, pessoa que recebe a bandeira em sua casa, é ator fundamental para entendermos a Folia de Reis. Como diz Tachico, a Folia faz a imitação da viagem dos 3 Reis Magos quando estes foram para Belém adorar o menino Jesus e quando voltaram anunciando a boa nova para o povo. O *devoto da morada* é justamente o povo, para quem a Folia anuncia e canta *lembrança do nascimento*. Quando está entrando em uma casa é comum a Folia se dirigir, em cantoria, para o *devoto* - louvando sua pessoa - e para os santos do lugar, estabelecendo assim as relações necessárias para o desenvolvimento do ritual. “*Recebeu nossa bandeira / com prazer e alegria / já mostrou que é devoto / de Jesus, José e Maria*”. O *devoto*, ao receber a bandeira em sua casa, além de estar pagando seus votos e promessas também ajuda o folião a cumprir sua *missão*. As trocas rituais e interações entre *devotos* / Folia, como veremos no capítulo 3, são um aspecto importante para entendermos o caráter performativo desse ritual.

Os *devotos*, assim como o folião e os integrantes da Folia, compartilham uma base comum de crenças nos poderes dos Santos Reis, na sacralidade da bandeira, na eficácia do ritual. A constatação dessa base comum é fundamental para entendermos as interações e trocas rituais estruturantes do ritual.

Mulheres e a participação invisível

As mulheres não ocupam posições na organização interna do grupo. Trata-se de uma opção de Tachico e ele justifica dizendo que a *jornada* é longa e pesada para as mulheres. Essa aparente não participação, na verdade pode ser olhada por outro ângulo, o que revela

intensa participação, só que “oculta”, “invisível”. A importância das mulheres nos bastidores do ritual é visível. Sem elas, a Folia não teria o suporte e a infra-estrutura necessários para sair.

Durante o período em que acompanhei a Folia do Tachico, pude perceber a importância de sua esposa, dona Judith. Apesar de não assumir nenhuma posição no desempenho do ritual, a não ser como *devota da morada* na saída e chegada, sem ela dificilmente a Folia teria condições de cumprir sua *jornada*. Primeiramente, é ela quem cuida da bandeira, símbolo mais importante da Folia. Dona Judith é responsável por arrumá-la há 43 anos. Todo ano ela *desmancha* tudo, lava, troca as fitas velhas, coloca véu novo, deixando a bandeira pronta para mais uma *jornada*.

Outro ponto importante de sua atuação é com relação ao preparo das comidas, principalmente nos dias da saída e chegada da Folia. Durante esses dias, ela, suas filhas e noras, vão para a cozinha cedo e passam o dia preparando a comida que será servida não só para os integrantes da Folia, mas para todos os presentes. É comum, nesses dias, vê-las correndo de um lado para outro, atendendo uma criança que chora aqui, alguém que não foi servido ali.

Enfim, o apoio e dedicação das mulheres à Folia, apesar de “invisível”, é fundamental. Certo dia estava conversando com D. Judith e ela me contou que chegou a frequentar algumas sessões de culto evangélico, levada por um de seus filhos. Disse que ficou um mês indo à igreja, mas que desistiu porque não dava para seguir duas *missões*. Ela se referia à *missão* de Santos Reis. Ou seja, dona Judith, apesar de não ocupar posição ritual na Folia, ocupa outros papéis fundamentais⁵².

1.4. Símbolos rituais

⁵² A sugestiva idéia de que as mulheres representam uma “Folia invisível” está em Fontoura, Cellurare e Canassa (1997).

Bandeira

A bandeira na frente é nossa mãe verdadeira, Sem ela nós não anda. A bandeira é a guia da Folia de Reis (Tachico).

A bandeira é uma estrutura de madeira em forma de cruz sob a qual se fixa um pano retangular que serve como suporte para duas imagens da visitação dos 3 Reis ao menino Jesus. As imagens são ocultadas por fitas coloridas e por um véu transparente. Também prendem-se no pano flores de plástico, bolas de natal e outros objetos de brilho. No alto da bandeira encontra-se uma lua e uma estrela.

Na Folia de Reis, ela é o maior e mais sagrado símbolo ritual. Todos os foliões que conheci são unânimes nesse ponto. A bandeira pode ser vista como o símbolo ritual mais importante da Folia, incorporando em si múltiplos significados, além de ser um meio eficaz para o cumprimento de promessas e votos. Durante a *jornada*, é cena comum algum *devoto* se aproximar da bandeira no meio da caminhada, ajoelhar aos seus pés, beijar suas fitas e prender nelas notas de dinheiro. Às vezes, podemos observar que, enquanto faz esses atos, os olhos do *devoto* se enchem de água.

A sacralidade da bandeira, sua eficácia em produzir resultados e sua “multivocalidade” como símbolo ritual é percebida em diversos momentos: na saída da Folia ela fica ao lado do altar e as pessoas se dirigem a ela para a “beijação da bandeira”, e os palhaços são por ela *cruzados* para *afastar o mal* como diz Tachico; a bandeira, quando entra em uma casa, fica nas mãos da *devota* e, freqüentemente, é levada aos seus aposentos com a finalidade de abençoá-los; os palhaços, todos os dias antes da saída, ainda sem a máscara se dirigem à bandeira e fazem rezas colocando a cabeça por baixo das fitas; também se recomenda que os palhaços, durante a *jornada* da Folia, não se afastem da bandeira pois é ela quem está os protegendo⁵³.

⁵³ As análises de Turner sobre os símbolos rituais evidenciam dois aspectos: por um lado o aspecto cognitivo e comunicacional, de transmissão de significados e informações; por outro, o aspecto afetivo, a potência e capacidade dos símbolos influenciarem as emoções dos praticantes. No trabalho “Ritual as communicatio and

Para sintetizar, podemos dizer que a bandeira é o símbolo que faz a mediação entre o plano humano e o sobrenatural. É por meio dela que os *devotos* se comunicam, pagam suas promessas e recebem as bênçãos dos Santos Reis.

Fitas coloridas

As fitas coloridas são importantes na Folia e podemos notar que apresentam tanto um valor estético quanto simbólico. Elas estão presentes, principalmente, na bandeira e nos instrumentos. Algumas dessas fitas são presas com alfinete, sinalizando que são promessas. Também é comum o *devoto* escrever na própria fita seus pedidos. Em 2002, Tachico disse que uma sobrinha sua fez promessa e deu muitas fitas para serem colocadas nos instrumentos e na bandeira. No dia 24 de Dezembro, quando cheguei em sua casa, seu neto estava justamente trocando as fitas dos instrumentos de corda. Esses instrumentos, com as fitas, transformam-se, sacralizam-se. Elas são de diversas cores: vermelho, azul, verde, amarelo, rosa e etc. Segundo Tachico, todas as cores podem ser usadas com exceção de preto e roxo. Ele explica o significado das cores.

Vermelho é São Sebastião e São Jorge que também é protetor. Tem que botar um sinal pra ele darem uma força pra nós também. A branca abre os caminhos, é a paz, Pai Oxalá. Amarelo é ouro. Os Três Reis se fantasiaram quando visitaram Deus menino. Quando eles voltaram saíram cantando para o povo. Nós tamos fazendo a imitação.

As fitas coloridas, portanto, também são usadas como “sinais” para os Santos protegerem aquela Folia.

Uniformes

potency : An Ndembu Case Study” (1975:79) Turner denomina “ideological pole” e “oretic pole” esses dois aspectos.

Nas Folias de Reis dessa região nota-se a presença de *uniforme* para todos os integrantes da equipe: camisa de cetim com dragonas nos ombros, calça branca e chapéu tipo “quepe” de marinha com enfeites brilhantes⁵⁴. O sapato é livre, cada um usa um tipo, e Tachico, por exemplo, costuma sair de chinelo de dedo para não machucar o pé. Esse conjunto deve ser usado por todos, inclusive pelas crianças de requinta e baixão, e, no dia da saída da Folia, Tachico entrega uma camisa e um chapéu para cada integrante. Apesar disso, nota-se que, durante a *jornada*, as pessoas, às vezes, aparecem com calça tipo jeans, o que é sempre motivo de comentários de Tachico.

A indumentária do folião é igual a dos demais com exceção de alguns acessórios: uma faixa que carrega atravessada no peito e um broche com uma estrela. A faixa tem desenho de 3 estrelas, cada uma representando um dos Reis. No pescoço, ele sempre leva uma guia vermelha e branca - de Ogum - para proteção. Ivanir, como contra-mestre, também usa uma faixa com a inscrição “*Estrela da Guia*”, nome “oficial” da Folia.

2. A trajetória de aprendizado e alguns aspectos do conhecimento de um folião de Santos Reis

No capítulo anterior, vimos a centralidade do folião na estruturação de uma Folia de Reis. Em muitos casos, ele é a liderança maior do grupo tanto no nível organizacional quanto no conhecimento ritual. Seja no interior da família nuclear, mais precisamente através da linha paterna, seja participando de grupos de Folia desde criança e subindo gradativamente de posto na hierarquia, percebe-se que, para a formação de novos foliões é necessária e fundamental a existência de processos de transmissão e circulação de conhecimentos. A sucessão de foliões na liderança dos grupos é, portanto, condição para a

⁵⁴ A cor da camisa muda a cada ano. Em 2001 era azul clara e em 2002 rosa. Tachico diz não ter nenhum significado especial a cor da camisa, e que escolhe em função da oferta e do preço. É o próprio folião quem arca com as despesas da compra do tecido e manda para uma sobrinha costurar. Na região pesquisada o uniforme é tão importante hoje em dia que soube de caso em que um folião deixou de sair em *jornada* pela falta de jogo de camisas para os integrantes da Folia. Antigamente, segundo Tachico, era diferente. Era a roupa comum do dia a dia e um chapéu feito de papelão, o que sinaliza ser uma prática relativamente nova a incorporação do *uniforme* e do “quepe”. Todas as Folias do Estado do Rio de Janeiro parecem usar esse tipo de indumentária, com pequenas variações.

reprodução das Folias de Reis. É difícil encontrar um folião que não se preocupe com a continuidade de seu grupo e com a preparação de possíveis substitutos para seu lugar. Geraldo Luciano, folião de Sobragy, não escondia seu descontentamento quando afirmava que nenhum de seus filhos tinha gosto para seguir com a Folia. Durante a pesquisa de campo, constatei que esse fato é recorrente e uma das principais causas da desestruturação e extinção de grupos de Folia de Reis.

Neste capítulo procuro “olhar” os processos de reprodução dessa “tradição de conhecimento”, tomando como fio condutor algumas situações de ensino-aprendizagem vivenciadas e relatadas por Tachico. O recorte proposto agora é diacrônico, o que nos permite analisar a Folia de Reis de um outro ponto de vista, complementando assim o capítulo anterior em que o foco foi posto em aspectos estruturais e morfológicos. O eixo temporal foi escolhido na medida em que traz à tona uma série de questões, envolvendo o “conhecimento” e a sua “transmissão”, que não estavam tão visíveis. Meu propósito ao descrever algumas situações de aprendizagem na trajetória de Tachico é, portanto, refletir sobre processos de transmissão de conhecimentos nessa “tradição”⁵⁵.

Os dados para a construção desta narrativa foram obtidos com o uso de fontes orais, tanto entrevistas gravadas, quanto conversas informais com Tachico sobre determinados pontos, vivências ou datas específicas⁵⁶. Recordações da infância, lembranças de experiências e situações importantes em sua trajetória, como o primeiro ano em que saiu à frente da Folia, o ano em que se mudou para a cidade de Rio das Flores, são a matéria

⁵⁵ Para o desenvolvimento deste capítulo me benefico das reflexões de Barth (1987 e 2000a), que vem trabalhando para a construção de uma “antropologia do conhecimento”. Nessa perspectiva “tradições de conhecimento” são divididas analiticamente em 3 aspectos: “corpus substantivo”, ligados ao conteúdo propriamente dito do conhecimento; “meios comunicativos”, que são as variadas formas pelas quais a tradição é transmitida; “organização social”, que são as relações sociais instituídas no interior das quais a tradição é transmitida e distribuída. No presente capítulo me volto para o segundo aspecto. Mas como esses aspectos estão interconetados quando analisamos uma situação, como bem alertou Barth, também discuto questões sobre o conteúdo e sobre relações sociais.

⁵⁶ Tanto as entrevistas formais quanto as conversas informais foram recursos metodológicos complementares. As entrevistas formais aconteceram na casa de Tachico, mais especificamente em seu *quartinho de reza*, local reservado onde conversávamos com certa privacidade. As conversas informais aconteciam o tempo todo, mas uma situação particular foi fundamental: a ida, por duas vezes, ao Abarracamento, visitando a fazenda da Forquilha, local onde foi criado e viveu até os 30 anos. Conforme passávamos por lugares importantes, como a casa onde nasceu, o lugar onde aprendeu a cantar o Reis, a fazenda onde foi criado e trabalhou, a casa onde morou quando casou e de onde saía a Folia de Reis, ele se recordava e relatava situações vividas; portanto a dimensão espacial da memória deve aqui ser levada em conta.

prima deste capítulo. Partindo de seus relatos, procuro destacar algumas situações “chave”, que dizem algo sobre os processos de transmissão e sobre os “conteúdos do conhecimento” nessa tradição. A esses momentos Tachico deu mais importância quando conversávamos e, por isso, utilizo-os, em forma de tópicos, para balizar minha narrativa .

De certo modo, podemos dizer que Tachico, quando relatava as situações vividas, reinventava seu passado. Minha construção se dá, a partir da construção dele sobre o que era pertinente ser dito. A situação de entrevista não deve ser naturalizada, pois está sujeita a variadas mediações e subjetividades: tanto do pesquisador, ao formular as questões, quanto do pesquisado que encaminha as respostas de uma determinada forma. Nesse sentido, todo relato sobre o passado é “interessado”, a história que se conta é a história que se quer contar, e a recordação é daquilo que se quer recordar ⁵⁷.

Desde já deixo claro que não é meu propósito descrever sua “história de vida” ou “biografia”. Meu objetivo, como já explicitiei, é discutir processos de reprodução da “tradição de conhecimento”, a partir de algumas situações privilegiadas que me foram relatadas por Tachico quando se recordava do passado⁵⁸.

É bom esclarecer que, em nenhum momento, Tachico preocupou-se em articular as situações relatadas em uma única narrativa que desse sentido e coerência à sua trajetória. A cronologia que norteia a organização seqüencial desses tópicos, inclusive com tentativas de precisar datas e períodos, não era preocupação de meu informante. A cada conversa, ele contava uma situação ou aprofundava um aspecto por mim levantado. Partiam de mim indagações do tipo: “isso foi antes ou depois do senhor ter ido para a cidade?”, “quando aconteceu isso o senhor tinha mais ou menos quantos anos, já estava casado?”. Questões como essas me colocavam no trilho da linearidade e da cronologia que não preocupavam meu interlocutor; portanto, a linearidade e a articulação desses tópicos são construções do pesquisador, abstrações em cima dos relatos fragmentários.

⁵⁷ Cf. Weber, F. e Beaud, S. (1998) para reflexões metodológicas sobre o trabalho de campo.

O exercício aqui proposto, salvo as ressalvas e limites já mencionados, pretende contribuir para reflexão sobre processos de ensino-aprendizagem e transmissão de conhecimentos veiculados à formação de especialistas rituais do catolicismo popular, mais especificamente foliões de *Santos Reis* da região do médio Paraíba. Tomo como referência teórica mais geral a “antropologia do conhecimento” de Barth e sua proposta analítica para lidar com as “tradições de conhecimento” particulares. Também utilizo como referência os trabalhos de Brandão (1979, 1980 e 1983) sobre as formas de reprodução do saber popular. A escolha de um caso particular visa a mostrar um caminho possível de trajetória e, ao aprofundarmo-nos nesse caso, podemos observar regularidades e particularidades em relação a outros casos ⁵⁹.

2.1. A chegada na Forquilha: *fui completar ano lá*

Não sei ao certo qual a verdadeira idade de Francisco Victorino, personagem central deste capítulo. Em sua carteira de identidade consta 1931 como o ano de seu nascimento, mas ele mesmo afirmou que, devido à dificuldade de registro na roça, naquela época, essa data não é a correta. No dia 26 de Dezembro de 2002, Tachico disse que estava completando 69 anos, o que aponta o ano de 1933 como o do seu nascimento. Seguindo meu informante, estou tomando essa segunda data como base. Tachico nasceu em Porto das Folhas, distrito de Belmiro Braga, Minas Gerais⁶⁰. Filho de José Victorino e Maria Rita de Jesus, teve 11 irmãos, sendo o mais velho dos homens. Tachico ainda não completara o primeiro ano de idade, quando seu pai saiu para *arranjá morada* em outra fazenda da

⁵⁸Para reflexões críticas em relação às abordagens “biográficas” cf. Bourdieu (1986), Levi (1989) e Passeron (1990).

⁵⁹Durante o trabalho de campo, fiz entrevistas com mais 8 foliões da região (1 de Sobragy, distrito de Belmiro Braga (MG), 6 de Valença e 1 de Rio das Flores). Sempre que achar pertinente para entender o caso escolhido utilizo esses dados.

⁶⁰ O município de Belmiro Braga está à norte de Rio das Flores, sendo o rio Preto a fronteira/limite natural entre os dois Estados.

região⁶¹. Tendo tido sucesso e fechando negócio com o fazendeiro, José Victorino, sua esposa, seus pais e seus 4 filhos mudaram-se para a fazenda da Forquilha, localizada no Abarracamento, distrito rural do município de Rio das Flores. Foi nessa fazenda que José Victorino e Maria Rita de Jesus se estabeleceram e criaram os filhos. Ao ser perguntado sobre as recordações que tinha de seu pai, ele desconversava, só dizia que era mineiro, trabalhava como *carreiro* e que gostava muito de Folia de Reis. Sobre sua mãe não obtive qualquer informação. Sobre seu avô soube apenas que era rezador de terço e benzedor.

Morando na Forquilha Tachico cedo começou a trabalhar para ajudar em casa,

Primeiro eu entrei no curral pra tirar leite, só amarrando vaca pro retireiro, eu era pequeno. Depois passei a retireiro ... quando nós começava a puxar mantimento lá de cima do Gambá era um mês só puxando mantimento. Aí no outro ano plantava no Recreio, aí era um mês puxando mantimento. Aí no outro ano passava lá pro lado de Belém, no outro ano para Corindiba. Aqui só, descia 500 litros de leite. Isso aqui vivia cheio de mantimento. Botava mais de 100 carros de milho no paiol. Nós puxava café o mês inteiro. Aqui não precisava ir em Rio das Flores fazer nada não, tinha tudo aqui. Tinha carnaval, tinha baile, aqui na fazenda tinha cinema ... isso aqui já foi muito bom, mas agora acabou tudo, não tem mais nada.

Tachico trabalhou na fazenda até os 20 anos. Como diz, fazia de tudo. Iniciou tirando leite no curral, depois passou a trabalhar na *turma* capinando café, capinando

⁶¹ Os colonos e suas famílias mudavam de fazenda com certa frequência. Tachico contou que seu pai trabalhou em vários lugares, como em Sobragy e na fazenda da Luanda, antes de se estabelecer na Forquilha. A mudança era por dois motivos principais: ou por falta de trabalho e conseqüente dispensa por parte do fazendeiro, o que era cada vez mais comum com a crescente penetração do gado na região, substituindo a primazia do café; ou por desentendimentos entre colono e patrão (administrador ou fazendeiro). Como diz Tachico, às vezes o colono *aborrecia, aí ia embora* da fazenda com sua família para tentar a sorte em outra. Ele ia na frente, em geral já sabia qual fazenda estava precisando de colonos, negociava com o patrão e, fechado o negócio, este mandava condução para pegar as mudanças. Essa busca de trabalho é que Tachico chama *arranjá morada*.

lavoura ⁶². Com 20 anos, surgiu uma oportunidade de entrar para o Estado, trabalhar no Departamento de Estradas de Rodagem (DER). Tachico diz que o trabalho na fazenda não dava futuro, não tinha nenhum direito, seja carteira assinada ou férias. Ao entrar para o Estado, passou 3 anos em Barão de Vassouras construindo ponte. Nesse período, dividia ao meio o salário com seu pai, para ajudar na criação dos irmãos menores. Depois foi transferido para o Abarracamento, para conservar as estradas – *cavucando saibro, capinando, fazendo bueiro*. Tachico aposentou-se e hoje vive da sua aposentadoria.

2.2. A Folia na infância : *aquilo entrava na minha cabeça*

Primeira vez que eu vi uma Folia passar, quando eu vi bater caixa eu me escondi debaixo de um pé de café. Eu tinha medo (risadas). Tinha medo, eu era pequenininho mas depois quando eu fui me formando, que eu tava com 12 anos, 10, 12 anos ... passou uma Folia de Reis lá em casa, ela cantou lá em casa. Eu queria entrar no meio dela para ajudar a cantar. Aquilo veio na minha cabeça, que eu tinha. Quando acabou a Folia eu falei para o meu pai 'eu vou atrás dessa Folia, não vou deixar não'. Eles iam para Paraíba do Sul. Aí meu pai teve que ir comigo até numas casas, longe. E ele tinha que trabalhar no outro dia, coitado. E teve que me levar. Porque aquilo entrou na minha cabeça, que eu tinha que ir junto com aquela bandeira embora. Aí assisti, ele foi numas 3 casas, tinha que trabalhar, chegou em casa 1 da madrugada e tinha que trabalhar no outro dia, por causa de mim, que aquilo entrou na minha cabeça. Que eu tinha que, aqueles toques, que eu ouvia aquilo ali, aquilo me...levava. Eu não sei o que, aquilo entrava na minha cabeça, eu tinha que ir embora junto. Aí comecei ... a sair nos Reis (Grifos meus).

⁶² *Turma* designa um grupo de homens que se juntavam para algum serviço mais pesado, como capinar uma grande área. Toda *turma* era controlada por um fiscal.

Grupos rituais chegando a sua casa, foliões cantando e palhaços brincando são registros que vêm à memória de Tachico, quando lembra de seu primeiro contato com Folia de Reis. Ele inclusive diz que, quando criança, costumava entrar no meio das Folias para ajudar a cantar. Mas, nesse dia, ele quis acompanhá-la mais, seguiu-la para além de sua casa. Seu pai levou-o para acompanhar o grupo por algumas casas. Percebe-se que em sua família, apesar de ninguém sair com Folia, existia a *devoção* pelos Santos Reis.

O falecido meu pai gostava. Todas as Folias que batia lá na Forquilha ele recebia. Ele gostava muito de Folia de Reis.

A *devoção* de seu pai, o fato de gostar de Folia e de receber todas que chegassem em sua casa é sinal importante para entendermos o interesse inicial de Tachico, mas por si só não explica a intensidade da experiência relatada que pode ser notada pela expressão *aquilo entrou na minha cabeça, que eu tinha que ir junto com aquela bandeira embora*.

A Folia das crianças: ontem e hoje

Ainda criança, Tachico montou uma Folia com seus colegas, o que é recorrente em muitas manifestações populares. Ele conta que tocava cavaquinho e cantava uns *versos salteados* que aprendia ouvindo as Folias que iam a sua casa. Já existia nele o interesse de, ao ver as Folias em sua casa, fazer aquilo também. A imitação pelas crianças daquilo que fazem os adultos é um fato importante para entendermos os processos de reprodução dos rituais populares. O início do aprendizado de muitos foliões foi dessa forma, brincando de Folia, assim como fez Tachico e assim como pude observar em Rio das Flores entre os dias 25 de Dezembro e 20 de Janeiro.

Durante o trabalho de campo em 2002 / 2003, ví na estrada 1 grupo de Folia de Reis formado por jovens de 15, 16 anos que tinham saído de Juiz de Fora dia 24 de Dezembro. Também encontrei 3 Folias de São Sebastião formadas só por crianças. Uma delas passou na casa de Tachico a pedido de um de seus netos, Rodolfo, que estava vestido de palhaço. Era formada por 6 meninos de uns 8 anos, todos vestidos de palhaço, sendo que um deles estava segurando uma bandeira que era um pedaço de pano vermelho preso em um pau. O mestre era um menino um pouco maior que, a pedido nosso, cantou alguns versos da história de São Sebastião, acompanhado de uma caixa. É interessante notar como as crianças procuram imitar o jeito dos adultos, tanto no estilo da cantoria quanto na dança dos palhaços. Nessa ocasião, Tachico aproveitou para dar o que podemos chamar de primeiras lições àquelas crianças. Entre outras coisas, ele disse que a bandeira, tem de ter a imagem do santo, no caso, São Sebastião; a bandeira sempre deve ir na frente do grupo, guiando-o; o mestre, um menino de 12 anos, tem de arrumar um companheiro para tocar instrumento de corda e ajudá-lo na cantoria, ou seja deve ter um contra-mestre; os palhaços devem ter um mestre e um contra-mestre. Tachico dava esses ensinamentos de maneira informal e em tom de brincadeira.

Muitas vezes, o presente ajuda-nos a entender o passado. Ao ver um grupo de crianças brincando de Folia, logo pensei nas analogias entre essa situação e a história de meu informante. Não poderemos estabelecer paralelos entre a Folia que vi e aquela em que Tachico saía quando criança? Sobre esta última ele diz,

Nós não tinha, nós não tinha instrumento não, nós saía assim, com uma lata de querosene. Alembra daquela lata de querosene assim? Aí nós arrumava uma lata daquela e amarrava uma corda de pita nela, e saía andando de palhaço, aí nós saía nas ruas, nas casas, lá no mato, né? Aí ganhava lápis, tostão (risadas). Aí nós ficava tudo alegre com aquilo. Aí dali eu comecei, que nós fazia máscara nossa era folha de lírio, conhece lírio? Era com folha de lírio, um mato que dá no brejo. A máscara nossa era aquilo! A bandeira amarrava um pano veio num pau, nós cantava uns versos salteado que aprendia quando uma Folia ia na nossa casa. Quando vinha uma Folia verdadeira nós escondia no mato

... Então, a Folia de Reis é assim, quando eu comecei sair, eu não saía para ver os outros sair, cantar, achar bonito não. Aquilo já veio de berço comigo. É compromisso meu desde criança, desde eu garotinho. Essa intuição minha já vem de berço, né? (grifos meus).

Como Tachico pensa e explica a sua entrada, a sua iniciação na Folia? Esse ponto é central para entendermos como um folião analisa o início de sua trajetória, seus primeiros passos e, principalmente, o seu despertar, ainda criança, para o *Reis*. Ele precisa explicar o não dado, pois, no seu caso, o aprendizado não foi no interior da família nuclear, via linha paterna com o pai ou avô, como é comum em alguns casos. Dos foliões que entrevistei, 4 receberam a Folia dos pais. Quando explicam seu aprendizado enfatizam que já nasceram naquele meio e que, “naturalmente”, vendo o pai, e em alguns casos o avô, tomaram gosto e estão seguindo a Folia como uma tradição familiar. Na trajetória dos outros 5, os pais não tiveram tamanha influência; logo, na explicação de suas histórias, evidenciam outros aspectos e outras relações. Essa pequena amostra aponta para certo equilíbrio na região pesquisada entre essas duas possibilidades de ascensão ao grau de folião, sinalizando para nós que essa “tradição de conhecimento” é reproduzida de variadas formas. Seja no âmbito restrito da família nuclear seja por outros caminhos, só a investigação vai nos esclarecer os mecanismos e processos envolvidos em cada caso específico ⁶³.

A explicação para o sucesso no aprendizado

Voltando ao seu relato, como Tachico explica o fato de, sendo um menino de 10 anos não originário de família de tradição de Folia, se sentir tão envolvido com essa experiência a ponto de dizer que tinha que seguir aquela bandeira de qualquer modo? Estamos diante de um aparente paradoxo, que Tachico tem que explicar.

⁶³ Sabendo dos limites de uma dissertação de mestrado como esta, vou aprofundar em uma caso, que nos dará elementos para contrastar com outros casos, que não poderão ser desenvolvidos aqui.

No primeiro relato, ao repetir várias vezes a expressão “*Aquilo entrava na minha cabeça*”, Tachico enfatiza a intensidade da experiência de ver uma Folia de Reis cantando em sua casa. A vontade de seguir aquela Folia, de acompanhá-la, era tão grande que seu pai teve que levá-lo em algumas casas. Ele afirma que seu envolvimento com aquilo não era por achar bonito ou para se divertir e brincar com os palhaços. Em geral, as crianças se interessam mais pela parte do palhaço, o que pode ser notado pelo fato de a maioria delas, quando entram em grupos de Folia, preferir essa posição a, por exemplo, aprender um instrumento ou cantar de requinta ⁶⁴.

O significado da expressão “*Aquilo entrava na minha cabeça*” aparece no segundo relato, quando ele diz que já nascera com aquela *intuição*, que “*aquilo já veio de berço*”. Ao eleger um acontecimento, a visita de uma Folia na casa de seus pais como ponto de partida para contar sua história de aprendizado, Tachico dá sentido e resolve o aparente paradoxo acima mencionado. Procura explicar sua ligação inicial com a Folia, a partir de um plano a priori, anterior a qualquer experiência ou situação vivida. O acontecimento descrito no primeiro relato só faz sentido para Tachico, ou seja, aquilo só entrou em sua cabeça, quando levamos em conta esse outro plano, pois, para ele, aquela experiência só foi tão forte porque ele já trazia, *de berço*, aquela *intuição*, aquela inclinação. Não procura explicar, portanto, como nem porque, nasceu com essa *intuição*⁶⁵.

Ao remetermo-nos para uma dimensão natural e pré-humana, será que categorias como “dom” e “vocação” têm potencial explicativo? Ou, ao contrário, a análise deve dar um passo além e procurar explicá-las? Na direção da segunda hipótese desenvolvo breve comentário. Nesse sentido, o pesquisador pode seguir dois caminhos, que de maneira alguma são excludentes: primeiramente tentar entender, do ponto de vista do informante, o que é esse “dom”. Não tomá-lo como uma explicação acabada, mas tentar explicá-lo

⁶⁴ A relação das crianças com os palhaços envolve um misto de fascínio e medo. Durante o trabalho de campo, observei que é comum as crianças imitarem as danças dos palhaços. Muitas vezes enrolam uma camisa na cabeça, como se fosse a máscara, e com um pedaço de pau na mão dançam como eles. No próximo capítulo, ao descrever a *chula*, volto a esse ponto.

⁶⁵ Formulações como essas, que valorizam o “dom” e a “vocação”, são recorrentes para os especialistas populares explicarem o êxito de suas histórias de aprendizagem como podemos observar nos estudos de Brandão (1983) e Frade (1997).

seguindo os conceitos nativos. No caso de Tachico, é ver como ele pensa a questão de já ter nascido com aquela “intuição”. Poderíamos chegar, por exemplo, a alguma teoria nativa sobre a reencarnação, sobre a atualização nessa vida de aquisições de outras etc. São só divagações, pois quando tentei aprofundar essas questões, Tachico não foi adiante, sempre voltava para o mesmo ponto, o de que já nasceu com aquela “intuição”.

Uma segunda direção é explicar o “dom”, a “intuição”, a partir de uma aprendizagem já iniciada, de uma socialização já em curso. Podemos problematizar a idéia de “dom” como explicação mostrando que, no caso de Tachico, houve um processo inicial de aprendizagem tanto junto à família, já que seu pai era um *devoto* de Santos Reis e recebia todas as Folias em sua casa, quanto pela participação em Folias de criança. Nesse sentido, podemos, ao invés de usar a idéia de “dom” para explicar o sucesso do seu aprendizado, trabalhar com a idéia de “habitus”. O conceito de “habitus” evidencia e coloca em primeiro plano o aprendizado passado, a socialização do indivíduo. A explicação da ação, das práticas, que conformam o “habitus”, deve ser buscada nas “disposições adquiridas”; portanto a noção de “habitus” parece uma alternativa para explicarmos o sucesso da aprendizagem de um artista popular⁶⁶.

2.3. A entrada na Folia do Lelego e a subida de posição no grupo ritual

Tachico conta como foi sua entrada no primeiro grupo de *Folia de verdade*⁶⁷. Lelego, rezador de terço e morador da Forquilha, fez promessa para os Santos Reis e, como pagamento, teve que montar uma Folia e sair com ela pelo período de 7 anos. Foi nesse grupo que Tachico, na época com 14 anos aproximadamente, se inseriu.

Na Folia do Lelego ele deixava, porque ele era compadre né? E a Folia era daqui mesmo.

⁶⁶ O conceito de “habitus” foi desenvolvido por Bourdieu (1976): 174-189.

⁶⁷ Ele usa a expressão *Folia de verdade* quando vai contrastar com a *Folia de brincadeira* das crianças.

O trecho acima mostra que, além de já gostar de Folia e, portanto, ser potencialmente permissivo e incentivador da inclinação de seu filho, José Victorino só deixou Tachico entrar na Folia do Lelego, porque este era seu compadre, existia entre os dois, laços de parentesco. Dificilmente uma criança começa numa Folia em que não existam relações próximas – seja de parentesco ou de vizinhança – entre sua família e o folião. Quando a criança não se socializa dentro da família nuclear, ela geralmente entra em grupo de outros parentes, como tios ou compadres. A confiança no folião, que, como vimos, é o responsável por tudo o que acontece durante a *jornada*, inclusive o cuidado com as crianças, é um pré-requisito para um pai deixar seu filho entrar em uma Folia. Outro elemento destacado por Tachico foi o fato de Lelego ser morador da Forquilha; portanto, parentesco e vizinhança criam proximidades necessárias ao recrutamento de pessoas, principalmente crianças, para as equipes de Folia.

A rápida ascensão: de requinta à folião

Ele explica como, nesses 7 anos em que saiu com Lelego, passou de requinta para folião,

Ah quando eu comecei com Reis, comecei a cantar de requinta, de requinta eu fui a contra-mestre, eu gostava até de ajudar o folião para arrumar os bonés, comprar fitas para enfeitar os instrumentos dele, que eu gostava mesmo, e já tinha comigo. Aí comecei a sair com ele, sai com ele 7 anos, aí ele encerrou os 7 anos dele, aí o pessoal queria que eu tocasse a Folia para frente. Eu já tinha vontade mesmo de tocar para frente. Aí o pessoal ajuntou ‘vamo, vamo, vamo’. Aí eu resolvi, ‘vamo fazer ensaio e ver se dá para nós sair’. Aí arrumemo direitinho. Nós não tinha uniforme não. Era comum (se refere a roupa) e só o chapéu. Não precisava de uniforme naquele tempo não, era só o chapéu só. Nós fazia

de papelão, de caixa de sapato, cortava aquilo e fazia aqueles bonezinho de bico para sair. Agora não, agora é tudo de uniforme.

A subida na hierarquia da organização de um grupo de Folia de Reis é gradual e envolve conhecimentos diferenciados para o desempenho de cada função, como vimos no capítulo anterior⁶⁸. No caso de Tachico, esse processo começa relativamente tarde quando comparamos com outras trajetórias. Ele devia estar com 14 ou 15 anos quando entrou na Folia do Lelego para cantar de requinta. De requinta ele passa diretamente para contra-mestre, sem as etapas intermediárias como a de músico ou, até mesmo, de palhaço, que é comum na região pesquisada. Como contra-mestre, as responsabilidades aumentam. Ele deve saber *tirar o Reis*, ou seja, memorizar as letras das *toadas* e cantá-las junto com o folião ou substituí-lo em sua ausência. Assim, um contra-mestre tem mais responsabilidades e conhecimentos do que os outros integrantes. Na medida em que sobe na hierarquia, aumentam as responsabilidades e o saber exigido da pessoa⁶⁹.

O incentivo dos companheiros

Outro ponto é a importância do incentivo dos companheiros no momento em que Tachico, sendo o contra-mestre, resolveu assumir a Folia. Ao ser perguntado se foi por promessa que resolveu assumir a Folia ele diz,

Não, os companheiros achou que eu devia sair. Os companheiros da Folia passou tudo pro meu lado, ‘vamo saí, vamo saí Tachico!’, aí eu falei ‘mas eu não sei gente, como é que eu vou sair?’ Aí eu falei então

⁶⁸ Dos foliões entrevistados, apenas 1 disse já ter começado como folião. Os outros 7 subiram gradualmente na hierarquia do grupo. O caminho de ascensão nem sempre é o mesmo e 4 entrevistados, diferentemente do caso de Tachico, passaram bastante tempo após desempenharem a função de requinta, em geral 14 anos, brincando de palhaço, antes de assumir as funções de contra-mestre e depois folião. Essa passagem, a vivência na posição de palhaço, pode ser entendida pelo fato de que chega uma certa idade, em torno de 13 anos, em que a criança muda de voz, não estando mais apta para desempenhar a função de requinta, que exige voz bem aguda. Nesse ponto há duas alternativas: ou a pessoa aprende um instrumento e passa a fazer parte da Folia como músico, ou a pessoa veste a *farda*, o que é mais comum.

⁶⁹ Como Tachico começou a sair na Folia relativamente tarde, sua ascensão foi rápida. Com 16, 17 anos já era contra-mestre, o que talvez explique porque não passou por algumas etapas que são recorrentes em outros casos.

‘vamo animá’. Meus irmãos animando ... eu sabia cantar uns versos mas eu não sabia cantar quase nada ... aí arrumemo e saimo, peguei a bandeira do folião, levei emprestado. Te empresto tudo, peguei bandeira, peguei caixa, viola. Só a sanfona que comprei uma sanfona velha ... troquei até num relógio que eu tinha.

Percebe-se que o incentivo dos companheiros, inclusive de seus irmãos, que faziam parte da Folia, foi fundamental para animá-lo a sair. De certo modo, as pessoas só o incentivaram porque confiavam nele. Chamo a atenção aqui para o fato de que a categoria folião é em muito atribuída à pessoa. É claro que o esforço individual e alguma facilidade de memorização para decorar o repertório da cantoria são fundamentais para alguém se tornar folião. Mas não são suficientes. Para se montar uma Folia, além da competência e conhecimento dos preceitos rituais, o folião tem que arregimentar pessoas para segui-lo naquela *missão*. Ou seja, tem que ter liderança, autoridade e carisma ⁷⁰.

O movimento das pessoas querendo que Tachico saia a frente da Folia foi suficiente para ele tomar coragem e assumir o papel de folião, mesmo consciente das suas limitações em termos de conhecimento. Eles saíram, e é justamente durante essa primeira jornada como folião que Tachico vive uma situação de aprendizado fundamental para sua trajetória e para a nossa reflexão sobre a reprodução dessa “tradição de conhecimento”.

2.4. A visita à casa de Hilário: o caminho é esse aqui, não é como o outro me ensinou não.

Tachico saía em seu primeiro ano como folião à frente de uma Folia que tinha a bandeira e os instrumentos emprestados. A Folia não era sua, ele apenas cantava *de frente*

⁷⁰ Frade evidencia a importância do reconhecimento do grupo para a conformação de um folião: *O mestre-folião necessita ter um grupo ou ser ‘dono da companhia’ onde é o artista principal e o responsável pelo trabalho. Isto porque é através do grupo que ele obtém status. A coletividade a que pertence é a mesma que lhe outorga o título (Frade 1997:175).*

pois o dono, o chefe, ainda era o Lelego⁷¹. Além disso, Tachico não sabia *cantar o Reis*, ele tinha aprendido só *uns 6 versos*. Nesse ano, ao sair com a Folia, ao atuar como folião, estava pondo seu conhecimento à prova. Foi isso que aconteceu quando visitava a casa de Hilário⁷²,

Um dia eu cheguei na casa dele (Hilário) com a Folia de Reis, então eu cantei o Reis na casa, cantei a chegada, deram oferta eu agradeci. Ele tava no quarto dormindo. Dormindo não, ele tava ouvindo do quarto. Aí quando eu terminei ele me chamou no quarto ‘vem cá, você ainda tem muita dificuldade para cantar o Reis’. Eu falei ‘eu tenho, porque é o primeiro ano que eu saio, e o folião que me ensinou, ensinou uns 6 versos só, e mandou eu bater caixa e sair na estrada. Aí eu tô cantando o que ele me ensinou’. ‘Não é assim não, você trás um lápis e um caderno que eu vou tirar uma cópia para você’. Aí eu trouxe o lápis e o caderno pra ele. Ele tirou a cópia pra mim, aí eu cheguei em casa de noite, aí eu falei ‘o caminho é esse aqui, não é como o outro me ensinou’. Não, ele não ensinou tudo. Aí eu peguei aquela cópia do falecido seu Hilário, pai do meu cunhado, que era sanfoneiro meu, peguei aquela cópia dele e levava pro serviço. Quando chegava hora do almoço, os outros tava almoçando, e eu queria sentar lá longe para decorar aquela cópia, que já tava ficando na época de sair, né? Aí aprendi aqueles textos que ele me ensinou... Ele me ensinou tudo, ele me ensinou como é que cantava uma alvorada, ele me ensinou como é que entrava num presépio, ele me ensinou como era a saída de casa, ele me ensinou para mim cantar num presépio. O batizado de São João Batista, se não quisesse cantar o nascimento cantar o batizado de São João Batista. Primeiro a gente tá

⁷¹ *Dono e chefe são categorias usadas para se referir ao responsável pela parte organizacional de um grupo. No capítulo anterior, discuti essas categorias. Nota-se que ele ainda não era o dono da Folia pois a bandeira, símbolo maior do grupo, e os instrumentos foram emprestados por Lelego. Tachico, nesse ano, apenas assumiu a função de folião, tirador de Reis. Essa prática é comum em alguns casos de aprendizado. Trata-se de uma etapa intermediária para a pessoa, já folião e, portanto, tirando o Reis, montar a sua Folia. Portanto, em alguns casos, o dono e o folião não são a mesma pessoa.*

⁷² Hilário era pai de Jorge, sanfoneiro da Folia e cunhado de Tachico. Durante a pesquisa, encontrei dois filhos de Jorge fazendo parte do grupo: Admir, que é mestre de palhaços e Amarelo, bumbeiro.

*salvando o presépio, depois entra o batizado de São João Batista,
salvando as flores.(grifos meus)*

Tachico relatou essa situação pelo menos 3 vezes, o que sinaliza a importância que teve para seu aprendizado. Ela seguramente pode ser vista como uma das mais intensas experiências de aprendizado por que passou Tachico; portanto, também olho para ela dessa forma, privilegiando-a na minha discussão sobre a reprodução do saber popular, sobre a transmissão de tradições populares de conhecimento veiculadas às Folias de Reis.

O primeiro ponto a ser destacado do relato acima refere-se ao fato de Lelego ter ensinado alguns versos e dito para Tachico sair com a Folia. Ele conta que eram mais ou menos uns 6 versos que foram copiados por Lelego em uma folha de papel e a ele entregues. Das duas uma, ou Lelego não tinha conhecimentos suficientes para ensinar mais do que esses versos ou, o que é mais provável para meu informante, não quis transmiti-los em sua totalidade. Para explicar o porquê da não transmissão de todo o conhecimento, principalmente o relativo a conteúdos fundamentais que compõem o repertório de um folião, Tachico contou a seguinte história⁷³.

História do gato e da onça como metáfora da relação mestre / discípulo

O gato andava calmamente quando encontrou uma onça, bicho temido e traiçoeiro. Mas vendo que a onça queria lhe dizer algo, o gato parou e esperou ela se aproximar. A onça, então, ainda um pouco longe perguntou “ô seu gato! será que você pode me ensinar a pular que nem você?”. O gato, vendo que a onça não o ameaçava, prontamente começou a ensinar seus pulos e, após algum tempo, a onça se despediu agradecendo imensamente aquele ensinamento. Passados uns dias, o

⁷³ Essa história foi gravada mas não sei por que motivo quando fui ouvir o disco para transcrevê-la ela havia sumido. Como não tinha condições de voltar a campo para realizar uma nova gravação decidi contá-la por minha conta. Obviamente que seria mais interessante usar as palavras de Tachico mas, em linhas gerais, descrevo o essencial.

gato novamente andava calmamente quando foi visto pela mesma onça. Nesse momento, ela pensou: “agora é que eu pego esse gato! Ele não tem saída, conheço todos os seus pulos”. A onça correu na frente e se escondeu atrás de uma árvore, só esperando o gato passar. Quando o gato passou por aquele local, a onça deu um salto em sua direção mas, para surpresa, bateu direto no chão. O gato por sua vez, na hora do perigo, pulou para trás, o único pulo que não tinha ensinado para a onça.

Essa história é interessante pois explicita, na ótica nativa, o que estava em jogo na relação mestre/discípulo, quais os conflitos latentes, principalmente os que envolvem a transmissão de conhecimentos por meio de *cópias*⁷⁴. O domínio da escrita, por meio da circulação das *cópias*, passa a ser fundamental para entendermos como o conhecimento de um folião é transmitido. José Luiz Esteves (Zezinho Brinquinho), folião da comunidade de São Bento em Valença, esclarece a importância dessa dimensão quando diz que todos os *trechos* principais que compõem o *Reis* são tirados da Bíblia, mas é o folião quem transforma o texto bíblico em versos⁷⁵. Segundo ele, é nessa transformação operada a partir da leitura, que reside o mistério, o *fundamento* da Folia de Reis.

A percepção da relação entre um livro referencial como a Bíblia e as *cópias* que compõem o repertório de um folião nos remete para as reflexões de Roger Chartier (1992) sobre as “práticas de leitura”. Essas práticas, para Chartier, não devem ser vistas como determinadas pelo mecanismo textual propriamente dito. Os significados e conteúdos de um texto escrito, por exemplo, não estão determinados a priori. A leitura da Bíblia feita por um folião e a transformação do texto escrito em versos mostra o inverso, que existe uma

⁷⁴ As *cópias*, que são folhas de caderno escritas à mão, apresentam-se como elemento fundamental para a circulação de conhecimentos. Geralmente um folião passa suas *cópias* para seu discípulo direto, que pode ser um filho, um neto, ou até mesmo, alguém de fora da família. Esse aprendiz, que um dia vai se tornar folião, também deve entregá-las para seu discípulo e assim por diante; portanto, as *cópias*, apesar de passarem por várias mãos, circulam de modo restrito, entre mestres e discípulos. Possuir *cópias* antigas, de foliões afamados é motivo de orgulho e sinal de prestígio para qualquer um. Durante a pesquisa, estive com foliões que me mostraram suas *cópias*, e pude notar que variam de algumas folhas soltas até cadernos com mais de 300 páginas. As *cópias* são divididas em *trechos*, como *anunciação*, *nascimento*, *viagem dos três Reis*, *batizado*, *padecimento*. O conjunto desses *trechos* compõe as *profecias*, que são “*cânticos inspirados no Antigo Testamento, livros da vida dos Santos, versões populares da História Sagrada, que contam os episódios da natividade*” (Monte-Mór 1992:140).

⁷⁵ Em anexo coloco alguns *trechos* das *cópias* que Zezinho Brinquinho me passou.

recepção ativa e criativa por parte do leitor. Nesse sentido, existem formas diferenciadas de lidar com um mesmo objeto, seja um texto seja um símbolo, e essa multiplicidade de usos e leituras é essencial para entendermos não só as *cópias* mas a própria Folia de Reis⁷⁶.

É importante destacar que, no caso em questão, a transmissão não estava circunscrita à família nuclear, como nos casos em que o pai ou avô é mestre e o filho ou neto é o discípulo / aprendiz⁷⁷. Lelego, ao transmitir seu conhecimento na forma de *cópias* para Tachico, foi, até um certo ponto, não ensinando o famoso “pulo do gato”. Assim como o “gato”, o mestre não ensinou tudo para seu discípulo com medo de que um dia este fizesse uso do conhecimento para superá-lo. Podemos ainda relacionar essa atitude de Lelego com a subida precoce de Tachico de requinta para contra-mestre. Ao apresentar ascensão rápida na organização ritual da Folia, o discípulo ameaçava ainda mais seu mestre. Acho que é isso que está em jogo nessa história, e, nesse sentido, Tachico me contou. A não revelação passa a ser estratégica, nesse caso, para a manutenção da desigualdade entre o conhecimento do mestre e o do discípulo.

Esse tipo de atitude não é isenta de conseqüências. Pelo contrário, abre espaço para que o discípulo procure outros mestres e assim construa seu repertório de Reis a partir de diferentes fontes. Transações envolvendo o conhecimento se complexificam à medida que o mestre, detentor do saber, não o transmite para o discípulo, como era de se esperar numa relação de ensino-aprendizagem.

Hilário e o conhecimento verdadeiro

⁷⁶ “Um conceito que nos parece útil aqui é o da apropriação, pois, compreendida em termos mais sociológicos do que fenomenológicos, a noção de apropriação torna possível avaliar as diferenças de partilha cultural, na invenção criativa que se encontra no âmago do processo de recepção” (Chartier 1992: 232-233).

⁷⁷ Parece que quando a transmissão se dá de pai para filho a dimensão do conflito, da disputa pelo saber / poder e do medo, por parte do folião, de se ver superado pelo discípulo, não se coloca da mesma forma. Não estou afirmando categoricamente, até porque não possuo dados etnográficos para isso. É possível que, mesmo entre não parentes, a transmissão não envolva os aspectos que apareceram nesse caso. Trata-se, portanto, de um campo aberto para investigação.

Podemos supor que o conhecimento que Tachico obteve pela prática, pela vivência, já que fez parte da Folia do Lelego por 7 anos, se mostrou insuficiente quando ele se deparou com uma situação de prova: cantar na casa de um *devoto entendido*⁷⁸. Essa deficiência, confirmada durante o desempenho do ritual, pode ser entendida por dois aspectos: de um lado, a vivência de Tachico na Folia era relativamente curta, foram 7 anos, e sua ascensão ao posto de folião foi rápida, o que dificulta o aprendizado via prática; de outro lado, o modo como ele poderia suprir essa pouca vivência seria ter pego boas *cópias* e tê-las estudado antes de sair com a Folia, o que também não aconteceu pelos motivos já assinalados.

O ritual é, portanto, o momento de expor o conhecimento do folião, de testá-lo diante da audiência. Aqui entra um ponto central. É a prática, ou seja, a performance que atualiza e põe à prova o conhecimento do folião. Foi durante o desempenho ritual, a visita à casa de um *devoto entendido*, que o conhecimento foi questionado e posto em prova. Também foi em decorrência de sua performance que Tachico recebeu o que considera o verdadeiro ensinamento, que segue até hoje. Ele se orgulha quando diz que as passagens principais que canta hoje, em sua Folia, são exatamente aquelas que constavam nas *cópias* que Hilário lhe passou⁷⁹.

Hilário não era apenas um *devoto entendido*. Em conversas posteriores com Tachico pude entender melhor quem ele foi e porque tinha em suas mãos as tais *cópias*. Hilário havia feito promessa para os Santos Reis, devendo então montar e sair 7 anos com a Folia. Ele juntou os companheiros, recebeu *cópias* que vieram de Minas Gerais, não sei bem de onde nem como, e saiu no primeiro ano. No ano seguinte, os companheiros mudaram-se para o Rio de Janeiro e ele ficou sozinho, sem condições de seguir com a *missão*. Não tendo conseguido arregimentar pessoas para compor o grupo, Hilário teve que parar com a

⁷⁸ *Devoto entendido* é aquele que tem conhecimento das *profecias*. O folião quando vai cantar para um *devoto entendido* deve, portanto, mostrar seu conhecimento, cantando todos os versos que compõem um *trecho* da *profecia*.

⁷⁹ Durante a pesquisa, fiquei muito curioso para ver as *cópias* que Hilário lhe deu, mas não foi possível. A explicação de Tachico é que elas se perderam, quando se mudou do Abarracamento para a cidade. Interessante notar que um folião de Jequitibá, Minas Gerais, dá a mesma justificativa ao pesquisador para explicar a ausência das *cópias* “O nosso livro, por exemplo, sumiu com a mudança de minha mãe. Ela veio da roça para a cidade. Mudança é assim: perde muita coisa” (relato de Jozé Geraldo Gomes, Zé de Ernestina, presente em Gomes e Pereira 1994:53).

Folia sem completar seu tempo, e as *cópias*, que vieram de Minas Gerais, foram parar no Rio de Janeiro, na casa de seu irmão.

Depois da visita de Tachico, Hilário disse para ele voltar em uma semana que as *cópias* estariam lá. Foi o que aconteceu. Uma semana depois ele voltou e pegou as *cópias*, que, como podemos notar, circularam bastante antes de chegar em suas mãos. Para Tachico, Hilário só lhe passou as *cópias* por um motivo: porque não ia mais sair com Folia de Reis. Ainda podemos pensar, portanto, na “história do gato e da onça” como metáfora da relação mestre / discípulo. O mestre, na medida em que não iria sair mais com Folia, passou seu conhecimento para o discípulo. A ameaça de ser suplantado pelo discípulo estava descartada. No momento em que Hilário lhe entregou as *cópias* fez a seguinte recomendação: que ele (Tachico) nunca as entregasse para ninguém; portanto, deveriam ser guardadas e usadas só por ele ⁸⁰.

Outro ponto importante na aprendizagem de um folião é sua capacidade de memorização. Não basta ter as *cópias*, por mais completas que sejam, se ele não tem boa *memória*. Tachico, referindo-se às *cópias* de Hilário, diz “*tudo que ele botou ali eu guardei dentro da memória, eu botei aquilo tudo dentro da cabeça*”. A capacidade de armazenar grande quantidade de versos seqüenciados, que compõem a memória de um folião, é um passo fundamental na sua formação. Nesse caso, o folião coloca-se como uma espécie de “guardião do saber e da memória”, como alguém que guarda um repertório que deve ser usado e atualizado a cada ano, durante a *jornada* da Folia. A memorização, nesse caso, também pressupõe dedicação, esforço individual e solitário de quem pretende decorar um

⁸⁰ A análise da trajetória de aprendizado de Tachico demonstra a importância da família na reprodução dessa “tradição”. Apesar de não ter se dado no interior da família nuclear, notamos a centralidade das relações de parentesco, via linha paterna, para o seu aprendizado. Tachico não aprendeu com qualquer um. Lembro aqui que Lelego era compadre de seu pai e Hilário era pai de seu cunhado; portanto podemos supor que existe uma conformação social, ou seja, relações sociais instituídas no interior das quais o conhecimento circula. Interessante notar que na literatura antropológica sobre “artesanato”, a centralidade da família para a socialização dos indivíduos nos saberes e práticas ligados aos ofícios é enfatizada. (Cf: Bourdieu 1963 apendice x). Brandão (1980) denominou “regra de descendência” à tendência de reprodução e transmissão familiar dos saberes populares “*Com muita frequência, rezadores capitães de terno de congos, foliões de Santos Reis, folgazões do São Gonçalo, velhos moçambiqueiros de várias cidades de São Paulo e do sul de Minas por onde andei, convocam seus filhos homens desde crianças, para ocuparem cargos de trabalho ritual em seus grupos e colocam sobre eles a esperança de continuidade do ‘terno’, ‘companhia’ ou ‘turma’, depois de sua velhice ou morte*”(155). Como veremos mais adiante Tachico está preparando um de seus filhos para seguir com a Folia.

texto escrito. No caso das *cópias*, a métrica das palavras, seu caráter versejado, parece ser elemento importante para entendermos a memorização de grande quantidade de informação. Levar para o serviço, decorar na hora do almoço e estar sempre cantando são estratégias usadas por Tachico para facilitar esse processo⁸¹.

A importância das cópias na transmissão do “saber das profecias”

O ponto que levanto para discussão, principalmente pelo que foi visto até aqui, é que as *cópias* aparecem, nesse caso, como uma das principais fontes de conhecimento de um folião. Essas *cópias* contêm um aspecto fundamental do “corpus substantivo” dessa tradição, a saber, os *trechos* que compõem as *profecias*: *anunciação, nascimento, viagem dos 3 Reis, adoração, batizado de São João Batista, padecimento*, entre os mais importantes do repertório de Tachico. Uso o termo saber das profecias para designar esse aspecto do “corpus substantivo”. Nelas, estão as passagens mais importantes que um folião deve ter memorizado para cantar durante a sua *jornada*. Daí a relevância de se possuírem boas *cópias*. Sobre esse ponto Tachico diz que o *nascimento* passado por Hilário é o *nascimento antigo*. Outra passagem, que ele aponta como importante, e diz que poucos foliões a sabem é a *ida e a vinda do Espírito Santo*, que deve ser cantada na noite de saída e chegada da Folia⁸².

Durante a *jornada*, o folião escolhe a passagem que vai cantar de acordo com alguns sinais: se na casa há um presépio montado canta-se ou o *nascimento* ou o *batizado de São João Batista*; encontrando uma cruz, deve-se cantar o *padecimento*; no *centro*, devem-se salvar os santos daquele lugar; alguns me disseram que depois do dia 31 de

⁸¹ Sobre a dimensão do esforço individual, da dedicação solitária do indivíduo no processo de memorização de textos escritos Ong faz observações esclarecedoras. “*In an oral culture, verbalized learning takes place quite normally in an atmosphere of celebration or play. As events, words are more celebrations and less tools than in literate cultures. Only with the invention of writing and the isolation of the individual from the tribe will verbal learning and understanding itself become ‘work’ as distinct from play...*” (Ong 1967:30).

⁸² Transcrevo algumas partes que compõem o repertório de Reis de Tachico em anexo.

Dezembro não se canta mais o *nascimento* e sim a *volta dos Reis*. Todos os versos que compõem cada uma dessas passagens estão escritos. As *cópias*, portanto, podem ser vistas como meios privilegiados para a transmissão e circulação de conteúdos ⁸³.

Percebe-se que ao lado da vivência e do aprendizado pela prática, aspectos importantes do “corpus substantivo” das Folias de Reis também são transmitidos via escrita, pelas *cópias*⁸⁴. Esses dois meios de transmissão não são excludentes mas, ao contrário, coexistem; portanto, ao lado da transmissão via oralidade, pela observação e imitação, que, sem dúvida, é fundamental para a reprodução do saber popular, como bem destacaram vários autores, encontramos, nesse caso, a escrita como um meio eficaz de transmissão de conhecimentos. Escrita e oralidade não são dois processos excludentes, mas caminham juntos no aprendizado de Tachico. Se por um lado foi importante para ele ver, participar do ritual para aprender seu código, também foi fundamental ter pego as *cópias* por escrito e decorado. Partindo do estudo do caso de Tachico, notamos que há uma sobreposição do oral com o escrito nessa “tradição de conhecimento” ⁸⁵.

Estabelecidas as duas vias principais pelas quais o conhecimento é transmitido e observando que as *cópias* são instrumentos eficazes na transmissão de um de seus aspectos, o saber das profecias, volto à história de Tachico.

⁸³ Apesar de todos os foliões com quem conversei terem conhecimento das partes principais das *profecias*, existem diferenças principalmente nos versos, o que faz com que cada folião tenha o seu repertório próprio. Todos cantam o *nascimento*, mas nem todos os nascimentos são cantados da mesma forma, com os mesmos versos. Não digo que o oposto é o que acontece, que cada um canta de um jeito. Apenas chamo a atenção, e os limites desse trabalho não me permitem avançar nesse ponto, para que existem tanto elementos comuns quanto particularidades entre os saber das profecias de cada folião.

⁸⁴ No próximo capítulo, em que descrevo o ciclo ritual, mostro a importância da dimensão da performance, da prática, na reprodução dessa “tradição de conhecimento”. Alguns autores inclusive procuram definir o que seja a cultura popular tomando como eixo justamente a aprendizagem via prática: “A grande tradição era transmitida formalmente nos liceus e universidades.... A pequena tradição, por outro lado, era transmitida informalmente. Estava aberta a todos, como a igreja, a taverna e a praça do mercado, onde ocorriam tantas apresentações” (Burke 1988:55).”Finalmente a cultura popular, configurada sobretudo pela forma de transmissão, absolutamente empírica e à margem dos sistemas formais de ensino.... Deste modo, o aprendizado vai ocorrer pela observação, pela imitação, pelas experiências decorrentes de um contato físico imediato, com a participação de todo o sensível do homem” (Frade 1991: 25).

⁸⁵ Tonkin chama a atenção para as dificuldades em se tentar separar oralidade e escrita. “Literacy and oracy have co-existed for hundreds of years... there is very early and widespread evidence of material from written sources entering ‘oral tradition’, and, of course, vice versa. To distinguish oracy and literacy is thus in practice quite complicated” (Tonkin 1992:14). Chartier (1992:232), na mesma direção, afirma que a oposição entre oral e escrito não consegue explicar situações em que esses meios se sobrepõem.

2.5. O ritual de saída da Folia: conflitos entre mestre e discípulo

Vimos que, no primeiro ano à frente da Folia, Tachico passou por uma situação importante de aprendizado, recebendo de Hilário as *cópias* que continham as letras, o repertório de Reis. Esse conhecimento, tendo visto sua especificidade, foi denominado saber das profecias e, apesar de já ter sido memorizado por Tachico, o que é um primeiro passo, deveria agora ser posto em prática durante o ritual. Foi isso que aconteceu, gerando uma situação de conflito com seu antigo mestre, Lelego. Era noite de 24 para 25 de Dezembro, Tachico estava à frente da Folia pelo segundo ano e a sua casa estava cheia de gente - entre integrantes do grupo, parentes, vizinhos e amigos - para a *reza do terço*, ritual que dá início à *jornada* anual da Folia ⁸⁶. Tomo essa noite como central pois ele próprio relata o acontecimento que deflagrou o conflito com Lelego.

Tinha dois rezador lá, tinha o falecido Landin e o falecido Lelego. Aí um rezou o terço e o outro rezou a ladainha de Nossa Senhora. Aí ficamos fazendo hora né? Dei café, broa pro pessoal até dá meia noite pra cantar pra sair. Aí esse folião que me ensinou, (Tachico se refere a Lelego) quando deu meia noite ele falou assim 'eu vou cantar pro cê'. Então ele tinha passado pra mim naquele ano. Aí eu falei 'pode cantar, pode pegar a viola e cantar'. Aí formou o pessoal lá perto do presépio, cantou a saída aí ele falou comigo 'pode sair'. Aí eu falei 'não, eu num vou sair porque é o primeiro ano que eu saio, eu tenho que cantar ao menos uns 5 versos perto do meu santo'. Aí eu fui cantar o presépio aí eu cantei um trecho da ida e vinda do Espírito Santo e ele que tava escutando não gostou. Ele tinha tratado de sair comigo pra me ajudar né? Era o primeiro ano e ele me ensinou pra mim sair. Aí ele não gostou... ele tratou comigo de sair comigo, eu ia pra cachoeira grande.

⁸⁶ A *reza do terço*, como veremos no próximo capítulo, é um dos rituais que acontecem no dia da saída da Folia, de 24 para 25 de Dezembro, e no dia do *baile de reis*. Interessante notar que a Folia, na região pesquisada, sempre sai da casa do *chefe* e a ela retorna. Abrigar esse ritual de saída, portanto, é obrigação e

‘Eu vou na frente e na hora que vocês passarem lá perto de casa vocês me chamem que eu vou com vocês’. Aí eu fiquei todo satisfeito, falei ‘ele vai me ajudar, ele que é folião, então ele vai me ajudar, então eu não preciso andar sozinho’, que eu ia pra um lugar estranho né? Era meia noite, aí quando eu passo pela casa dele eu chamei ‘vamo embora’ ele falou ‘mais logo eu vou!’ aí eu notei né, que ele não gostou. ‘Mais logo eu vou!’ Eu tô cantando, cantando, cantei umas 15 casas e nada dele chegar. A noite vem e nada de chegar. Aí eu cheguei num tal de Bom Jardim , contei tinha cantando 25 casas, aí eu falei ‘não aguento mais não, vou fechar a Folia e vou embora’. E era longe em!... Aí eu fechei a Folia e vim me embora (grifos meus).

O relato acima traz elementos para que avancemos na reflexão sobre o relacionamento entre mestre / discípulo, que é um dos objetos deste capítulo e que foi tratada nos itens anteriores. Mais uma vez chamo a atenção para que o processo de reprodução de uma “tradição de conhecimento” é dinâmica e não pode ser analisada a partir do pressuposto de que o estoque de conhecimentos é limitado e determinado a priori. Trata-se de uma interação humana e como tal envolve negociação, interesse e demonstração de poder veiculada à detenção de saber. O relato acima nos permite abordar essa relação a partir de dois aspectos.

O primeiro surge do seguinte questionamento: como explicar o fato de Lelego ter ficado aborrecido quando Tachico cantou *a ida e a vinda do Espírito Santo*? Procuremos entender. Lelego, após *rezar o terço*, pede a viola para Tachico e assume a frente na cantoria de saída que, como veremos, é um dos momentos principais do ciclo ritual da Folia e, portanto, deve ser *tirada* pelo folião⁸⁷. Essa é a hora de *firmar a missão* pedindo, entre outras coisas, *proteção* para que a *jornada* seja boa e que nada de ruim a comprometa. Ao cantar a saída e ao dizer para Tachico que ele já podia botar a Folia na rua, Lelego, de certa

dever do *chefe*, que nesse caso é Tachico. Nos anos anteriores, quando a Folia ainda não era sua, esse ritual acontecia na casa de Lelego.

⁸⁷ Não soube de nenhum folião que não cantasse na saída de sua Folia. Já a *reza do terço*, não necessariamente precisa ser conduzida pelo folião e vi casos em que se chama um rezador para *rezar o terço*.

forma, dava uma demonstração de que ainda era o detentor do saber / poder daquela *missão*, daquela *jornada*. Essa demonstração de saber / poder foi rebatida, quando Tachico recusou a recomendação de Lelego de sair com a Folia e falou que precisava cantar uns versos na frente de seu presépio. Na verdade, quando Tachico cantou a *ida e a vinda do Espírito Santo*, uma passagem desconhecida por Lelego, indiretamente demonstrava não só ser o *dono* da *missão*, mas também detentor de um conhecimento que seu mestre não lhe havia passado. Parece que foi isso, ou seja, a disputa pelo saber / poder daquela Folia o deflagrador do conflito com Lelego.

O segundo aspecto diz respeito à quebra de um código entre mestre / discípulo. Lelego, ao não acompanhar Tachico durante aquele ano, estava quebrando um código que, apesar de não explícito, é fundamental na etapa final do processo de aprendizagem: estar junto do discípulo em seus primeiros passos. Cabe ao mestre, nessa “tradição de conhecimento”, acompanhar o discípulo nas suas primeiras saídas. Ele deve estar junto pra explicar determinadas situações e tirar dúvidas que só a prática do ritual tornam manifestas. Mais do que tudo sua presença dá apoio e traz segurança para o novato folião⁸⁸.

2.6. Histórias de palhaços: a outra dimensão do saber de um folião

As situações que descrevo agora aconteceram durante a noite de saída da Folia em seu terceiro ano. Escolhi-as por dois motivos: primeiramente porque revelam uma dimensão fundamental do “corpus substantivo” do conhecimento de um folião; segundo, ao serem vistas como “provações”, “desafios” para um novato, essas situações aparecem como parte importante de seu aprendizado. Transcrevo o relato de Tachico.

Aí eu cantei, já era meia-noite e meia mais ou menos. Aí eu cantei pra sair, aí o palhaço foi e baixou um guia, no mestre dos palhaços, chamava Osvaldo Cláudio. Ele tinha até um centrozinho lá na beira do

⁸⁸ *Passado um ano, e na semana em que a Folia iria sair de novo, aconteceu um novo fato na já tumultuada relação entre Tachico e Lelego: este pede a bandeira de volta e deixa Tachico sem a guia da Folia. Apesar disso, Tachico diz ter conseguido, com a ajuda de sua esposa, fazer uma nova bandeira, que o acompanha até hoje.*

rio. Aí o guia veio e eu falei pra ele 'Oh, num demora muito não que a hora tá apertada e eu tenho que sair'. Ele falou 'não, eu quero que você me dá uma luz'. Que ele morreu sem luz, ele morreu dentro d'água. Aí eu falei 'é pra agora'. Peguei uma vela, botei na mão dele, aí ele pediu a Deus por nós, que nós seguisse nossa jornada bem, que isse e voltasse bem, que ele gostou muito daquela Folia de Reis. Que ele era palhaço, ele tinha sido palhaço, mas nunca brincou na minha Folia não. Pediu desculpa porque foi lá, que foi porque gostou muito, gostou muito da nossa ... da nossa Folia de Reis. Então ele veio mas num demorou muito não, que eu falei com ele que nossa hora tava apertada pra nós sair e ele pediu a luz, pediu por nós e foi embora. Aí na saída do terreiro o Mestre de palhaços falou uma bobagem atrás da bandeira.. Aí eu falei 'olha lá, falando bobagem atrás da bandeira ... vocês tomem cuidado!' Aí voltei pra trás, pra casa, peguei uma farda e botei na bolsa. Falei, 'pode acontecer alguma coisa, eu já tô com uma farda ... prevenida aqui'. Quando chegou pra atravessar uma ponte, todo mundo passou, tinha um buraco assim, aí ele caiu dentro dágua ... e afundou na ponte. Aí eu falei 'aí, tá tomando couro'. Aquilo foi o próprio guia dele que meteu o couro nele. Aí eu vim embora, né? Aí me falaram, 'Oh, você vai passar numa encruzilhada, e nessa encruzilhada já sumiu um palhaço'. Aí eu falei 'mas nós vamos com Deus ... que não vai ter nada não, o negócio é ter fé ... fé naquilo que nós tamos fazendo, se guiar nós Três Reis'. Aí chegou no meio da encruzilhada eu parei todo mundo, mandei os requinta ficar atrás da bandeira, os palhaço atrás dos requintas e os acompanhamento ficar pra trás, e eu fiquei parado na encruzilhada. Aí quando atravessou todo mundo, eu pedi licença, passei fui embora e nós num vimo nada... graças a Deus.

Esses acontecimentos sucessivos foram lembrados por Tachico, quando perguntado sobre os momentos mais difíceis por que passou à frente da Folia. Não é por acaso que tenham se dado em seus primeiros anos como folião. Nesse sentido, podem ser lidos como desafios pelos quais teve de passar no seu processo de aprendizado. Os primeiros anos à

frente da Folia foram, segundo ele, os mais difíceis de sua trajetória. É o momento em que vive situações onde seu saber é testado, colocado à prova. Vejo-as, nessa ótica, como *provações* que atravessam o caminho de um novato folião⁸⁹.

A questão que se coloca é: como o folião vai resolver essas situações, que tipo de conhecimento é utilizado nesses casos? É da mesma ordem do conhecimento das *profecias*?

Durante a pesquisa, ouvi diversas histórias de *incorporação* de palhaços, o que sinaliza ser um fato relativamente recorrente. Dificilmente vamos encontrar um folião que não lembre ter vivido situações semelhantes. Percebe-se, porém, que nem todas as *incorporações* são explicadas da mesma forma. As explicações, em geral, variam de situação para situação: no caso descrito, Tachico diz que foi o próprio *guia* do palhaço que baixou nele para lhe *meter o couro*; para outros casos de *incorporação*, a explicação é que são causadas por *espíritos* de antigos integrantes da Folia que morreram sem completar seu tempo. Para evitar esse tipo de situação o mestre de palhaços bate 3 *chulas* antes de a Folia sair no dia 24 de Dezembro. Segundo Tachico, nenhum palhaço deve brincar nesses *chulas*, a roda deve ficar vazia para que os antigos palhaços da Folia, que já morreram, brinquem e, assim fazendo, não queiram aparecer na hora errada; uma terceira categoria de *espíritos* são os que estão vagando e *encostam* em alguma pessoa do grupo, em geral algum palhaço ou até mesmo um integrante que seja mais *fraco*. Neste último caso, a própria *firmeza* da Folia está em questão, pois, uma Folia *firme* dificilmente será alvo de *encosto*. Durante a pesquisa, apesar de ouvir histórias de *incorporação* nos próprios integrantes, como no requinta e até no contra-mestre, percebi que os palhaços são os alvos principais.

A *incorporação* de palhaços pode ser tomada como exemplo da gama maior de situações que uma Folia encontra durante a *jornada*. Tachico conta que, às vezes, quando entra em uma casa e começa a cantar percebe que está sem voz, que a sua voz sumiu, foi cortada. Outro fato comum de acontecer é a repentina desafinação conjunta de todos os instrumentos. Com relação a essas situações, suas explicações apontam para a *inveja*, o *olho grande* como a causas principais. A Folia e o folião são alvos privilegiados pois,

⁸⁹ As *provações* acontecem o tempo todo. O ponto que levanto é que elas são elementos fundamentais no início da trajetória de um folião.

segundo ele, muita gente deseja o mau para os outros. Nesses casos, se a Folia não estiver protegida e firme pode ter problemas e embaraços. Para proteger e dar *firmeza* para a Folia, Tachico costuma fazer as seguintes práticas: banho de descarrego nos integrantes *de frente*, a saber: folião, contra-mestre, mestre dos palhaços, contra-mestre dos palhaços, requinta e baixão; defumar todos os componentes no dia da saída da Folia; Ir ao cruzeiro pedir proteção aos invisíveis, às *almas*; colocar fitas coloridas na bandeira, pois cada fita representa um santo protetor ou um orixá; cantar no *centro* e pedir proteção ao velho *Arranca Toco* que, segundo ele, acompanha aquela bandeira há muito tempo.

Percebe-se, tanto com relação às *incorporações* quanto para as tantas outras situações vivenciadas por uma Folia de Reis, que o conhecimento em jogo é distinto do saber das profecias. Entramos aqui em uma outra dimensão do conhecimento de um folião. O saber das *orações*, das *rezas fortes*, das práticas como defumações e *cruzamentos* da bandeira nos palhaços, são usados pelo folião como *defesa*. Cantar no *centro*, pedindo proteção assim como subir o morro para cantar para as *almas* no cruzeiro, também fazem parte do que denomino saber dos segredos. Nesse caso, diferentemente da parte da cantoria, que é pública e qualquer um pode ouvir, os conhecimentos guardados não são revelados. Quando perguntava para Tachico sobre esse ponto ele apenas me dizia que tinha as suas orações, os seus protetores mas não aprofundava na questão. Parece que essa dimensão do saber, por ser a mais pessoal, é aquela onde há mais variação de um folião para outro.

2.7. A ida para a cidade: *vou receber todas as Folias que passar aqui, pra mim ver o jeito deles*

Como não me proponho escrever a “biografia” de Tachico, mas utilizo situações de vida relatadas que dizem sobre processos de seu aprendizado como folião, sinto-me a vontade para propor agora um salto cronológico em sua história. De suas primeiras experiências à frente da Folia, que foram discutidas nos itens anteriores, passo para uma nova situação importante em sua trajetória de aprendizado: a migração para a cidade. Em meados dos anos 60, segundo meus cálculos, Tachico, dona Judith e seus 5 filhos saem do

Abarracamento e mudam-se para Rio das Flores. Essa migração significou mudanças importantes tanto no modo de vida dessa família quanto na própria Folia de Reis. Para Tachico, a mudança foi ocasionada por um motivo principal: a vida na roça estava ficando mais difícil, já não se tinha fartura como antigamente e o pessoal estava todo migrando para a cidade. Estava se tornando complicado criar os filhos lá, *longe de tudo*⁹⁰. Mas o ponto que nos interessa aqui mais diretamente é que o ano da mudança foi o único, nesses seus 43 à frente da Folia, em que não saiu com a *missão de Santos Reis*. Ele explica.

Parei porque eu mudei pra cá. Vim do Abarracamento e mudei pra cá. Aí eu falei pra mulher ‘esse ano não vou sair mas vou receber todas as Folias que passar aqui, pra mim ver o jeito deles’, que eu vim pra cá nunca tinha visto esses foliões pra cá. Vem muita Folia de Valença pra cá né? Aí no dia 25 eu fui lá no Abarracamento buscar uma galinha que tinha ficado para trás. Aí chego lá, achei galinha com pintinho para pegar, me deu trabalho, pintinho novo. Aí eu peguei aquilo botei no saco, e eu sempre contando que a Folia ia passar aqui e eu não tava aqui para receber, e eu queria receber todas. Aí quando eu ponteí lá no alto, eu tava de bicicleta, aí eu vi uma Folia atravessando aqui. Aí eu matei um frango ali, agarrou no raio da bicicleta, aí quando eu cheguei aqui em casa a Folia já tava ali em cima. Alí cantando onde tem um botequim. Aí eu fui atrás e falei assim ‘vocês não passaram lá em casa? Vocês vão chegar lá em casa!’ Aí eles falaram ‘não, nos volta lá’. ‘Então eu vou lá na venda buscar pão, buscar vinho para vocês voltar lá em casa’. Aí fui lá comprei 5 litros de vinho, comprei pão pra dá café pra eles aqui. Então ele voltou, pra mim vê o jeito que eles ia cantar, nê? Experimentando, né? Aí eles chegaram, foram lá, voltaram, eu botei a cadeira, fiquei sentado escutando, escutando. Eles cantaram e eu falei ‘tá bom’. Aí... eles cantaram e foram embora. Aí veio outra, eu recebi também, cantaram, tudo bem, foram embora. Aí eu recebi outra,

⁹⁰ A mudança de Tachico e sua família da roça para a cidade de Rio das Flores se dá justamente no período em que se acentuam as transformações no campo. A principal, e a que ocasionou a grande migração de

ia recebendo tudo que dava. Não tinha muito dinheiro não mas dava um bucadinho para cada uma (grifos meus).

Tachico, ao mesmo tempo em que resolve não sair com a Folia, recebe todas que passam pela sua casa. Como explicar essa atitude? Pelo seu relato, percebemos que a importância de receber o maior número de Folias está em *ver o jeito deles*, ou seja, o folião aí não é mais o que executa a performance, mas aquele que observa, que analisa os outros. Nesse caso, os outros representam as Folias da cidade, principalmente as de Valença, em contraste com as Folias da roça, que ele já conhecia. Mas permanece a questão: porque Tachico queria tanto *ver o jeito deles*? Em outras conversas sobre esse ponto, ficou claro que ele queria observar os outros, principalmente os de Valença, pois tinham-lhe contado que os foliões de lá além de serem *entendidos* gostavam de fazer *encontro*⁹¹. Para Tachico, a pior coisa que pode acontecer com um folião é perder sua *fama*, seu *nome*; portanto, a possibilidade de cruzar com um folião, ser desafiado e, o que é pior, perder o desafio, já é motivo suficiente para que ele não saia mas receba todas as Folias em sua casa.

O folião prevenido, então, deve manter postura observadora quando se depara com uma nova situação. Nesse caso, a observação, o *ver o jeito deles*, passa a ser um elemento importante de conhecimento para um folião que está pisando em território relativamente desconhecido: a cidade. Trata-se, portanto, de uma situação de aprendizado privilegiada para observarmos o indivíduo como “agente” nesse processo.

O caráter social da Folia

Um outro ponto, não explicitado em seu relato, mas que acho pertinente levantar, é que o folião precisa estar imerso numa teia de relações sociais para sair com sua Folia. Caso contrário, corre o risco de não ser recebido pelos *devotos*, que também são vizinhos, parentes e conhecidos. A relação folião / *devotos* é essencial para entendermos a Folia de Reis.

famílias, foi a substituição, que já vinha há muito tempo mas que se acelerou nesse período, das plantações, principalmente, as que envolviam o cultivo do café, pela criação de gado.

Tachico tinha ido para a cidade, há menos de 1 ano, portanto, ainda estava se estruturando, construindo seus laços sociais, que são fundamentais para a Folia ser recebida. Sabemos que a visita à casa de um *devoto* estabelece e reafirma relações de proximidade entre a Folia, principalmente por meio do folião, e a família da casa. Essa proximidade que a visita da Folia reafirma envolve trocas recíprocas: a Folia leva os Santos Reis, que traz benção, proteção e saúde para aquele *devoto* e sua família que, em retribuição, oferece dinheiro para a bandeira e comida para os integrantes da Folia. Esta, por sua vez canta, agradecendo: novamente dá mais benção para aquela família e convida-a para o *baile de reis*. Percebe-se, portanto, ser necessário a existência prévia de um espaço social para que a Folia de Reis possa sair e ser recebida nas casas. Uma Folia de pessoas que não moram no local, em geral, é vista com desconfiança⁹².

2.8. O momento atual: quem vai pegar a Folia?

Tendo percorrido a trajetória de aprendizado de Tachico, chego ao momento atual. Antes de terminar o esboço dessa história de aprendizado, gostaria de falar um pouco sobre como ele vê a reprodução da sua Folia, já que esta parece ser uma preocupação recorrente entre foliões. A questão que se coloca é: será que Tachico já pensa em passar sua Folia adiante? Em alguns momentos, quando conversávamos, ele dizia que já está ficando cansado, que não aguenta cantar como antigamente, o que já é um sinal de que pensa sim em deixar a Folia com alguém. Resta sabermos com quem Tachico pensa em deixar sua Folia, quem será seu substituto à frente da *missão*.

Na organização do grupo, o contra-mestre principal é Ivanir Victorino, irmão mais novo de Tachico. Ele é o mais antigo integrante da Folia e acompanha Tachico desde seu primeiro ano, ainda no Abarracamento. Ivanir, que tem 57 anos, também canta de folião, quando Tachico quer descansar, o que não é raro acontecer durante a *jornada*. No dia 31

⁹¹ Na página 39 nota 33 expliquei o que é fazer *encontro*.

⁹² Sobre a importância da proximidade entre a Folia e os *devotos* uso um *trecho* da *Alvorada*, cantoria de entrada de casa após as 18 horas: “*meu devoto da morada / vem abrir a vossa porta / para nossa bandeira entrar / que nós somos morador / aqui do mesmo lugar*”. Ou seja, ser morador do mesmo lugar é um motivo para a Folia ser recebida.

de Dezembro, Tachico sempre passa o ano na praia junto com o pessoal do *centro*, entregando sua Folia para Ivanir. Entre as pessoas da equipe, ele é o que tem mais conhecimento e vivência na Folia; portanto, podemos pensar que Ivanir seja o substituto “natural” de Tachico.

A outra pessoa do grupo que também pode “pegar” a Folia, e que, por sinal, me parece que tem a preferência de Tachico, é seu filho mais novo, João dos Reis Victorino, que está agora com 22 anos, e também é contra-mestre. Reisinho, como é chamado, canta de contra-mestre há pouco tempo, apesar de sair na Folia desde os 5 anos. Ele está iniciando seu aprendizado nessa posição e, dentre os filhos de Tachico, é o que mais se interessa por Folia, o que procura mais se aprofundar.

A Folia, portanto, está passando por um momento interessante para observarmos esses processos de transmissão de conhecimento. As situações de ensino-aprendizagem acontecem a todo tempo, seja nos ensaios seja durante a *jornada*. Não existem situações próprias, separadas e formalizadas para o mestre ensinar e o discípulo aprender. Retomo agora o que já foi dito sobre as duas vias pelas quais essa “tradição de conhecimento” é transmitida, pois nos ajuda a pensar esse caso. Durante o trabalho de campo, observei a importância da prática, da imitação e da vivência no aprendizado ⁹³. Um momento privilegiado para observarmos esses processos, sem dúvida, são os *ensaios*, que acontecem principalmente nos meses de Novembro e Dezembro ⁹⁴.

⁹³ Parece-me que, em todas as posições da Folia, a prática como via de aprendizado é importante. No caso da dança dos palhaços, esse ponto fica ainda mais claro. Aprendem-se os passos característicos dessa dança primeiro observando os outros, depois tentando imitá-los. Na *jornada* 2002 / 2003, um rapaz estava brincando de palhaço pela primeira vez. Nos primeiros dias da Folia, percebi claramente que ele tentava imitar os outros mas com certa dificuldade. Com a prática, ele foi aprendendo e se aprimorando a tal ponto que no final da Folia ele já *pulava* muito bem, igual aos outros.

⁹⁴ Estive presente em alguns ensaios e notei que se trata de um momento em que as pessoas tanto se aprimoram em suas funções quanto experimentam outras. Descrevo uma passagem de meu caderno de campo: Era um domingo, 11 de de Agosto de 2002. Por volta das 19 horas, chego à casa de Tachico e lá encontro algumas pessoas da Folia tocando no quarto, crianças correndo pela casa, dona Judith preparando alguma coisa para o pessoal comer. Aos poucos Tachico pega os instrumentos e leva para a varanda. Vai chegando mais gente da Folia, amigos e parentes, como um sanfoneiro que é irmão de um integrante do grupo. Quando a turma está formada, ou pelo menos o suficiente para se tocarem algumas *toadas*, Tachico dá o sinal para o sanfoneiro começar. Observei várias combinações de pessoas que cantam de folião e contra-mestre : Tachico e Reisinho; Ivanir e Reisinho ; Ivanir e Vicente. Os meninos também vão revezando na caixa e no bumbo. Rodolfo, neto de Tachico e palhaço da Folia, pega a caixa e tenta aprender a batida, que é passada para ele por Luiz Antonio. As meninas pequenas, que circulam pela casa, ficam imitando o grito do *requinta* e do *baixão*.

No caso de Rezinho, a prática de cantar como contra-mestre está sendo fundamental para seu aprendizado. Tachico sempre o coloca para cantar, seja nos ensaios ou na *jornada*. Chamo a atenção para que, apesar de serem momentos privilegiados para vermos o conhecimento circulando, ensaio e *jornada* são dois momentos distintos do ponto de vista do próprio aprendizado: o ensaio é o momento de relembrar, de experimentar e de treinar, enquanto a *jornada* é o momento de expor, de demonstrar na prática aquilo que se sabe.

Outro ponto fundamental para entendermos o processo de transmissão da Folia são as *cópias*. Tachico diz que pretende passar suas *cópias* para Rezinho e para Ivanir, para eles começarem a decorar as passagens maiores e mais importantes da Folia, a saber: *nascimento, padecimento, batizado de São João Batista, a ida e a vinda do Espírito Santo, entrada de casa e alvorada*⁹⁵. Mais uma vez, portanto, a “oralidade”, via observação, imitação e vivência, e a “escrita”, via *cópias*, estão juntas no processo de transmissão do conhecimento.

Percebe-se, assim, que não se sabe ao certo quem vai pegar a Folia, apesar de Tachico não esconder sua preferência por Rezinho⁹⁶. Mas seja quem for, não parece que essa passagem vá se dar a curto prazo. Tachico explica porque,

Tachico comenta que a sanfona está muito alta. Ivanir lembra de uma *toada* antiga e canta. Tachico pega um pandeiro e fica brincando, fazendo gestos de aprovação para o *requinta*. Depois que terminam de cantar as *toadas* as pessoas fazem uma roda de *calango*, que termina por volta das 23:00h.

⁹⁵ Nesse processo, o pesquisador teve participação importante e que deve ser objeto de reflexão. Como Tachico disse que as *cópias* do Hilário tinham se perdido na mudança sugeri que fizéssemos juntos um caderno novo. Gravamos as letras de todos os *trechos* que ele considera importantes e passei para o papel um esboço. Depois mostrei para ele, corrigimos alguns detalhes e, após essas correções, preparei um caderno que pretendo entregar para Rezinho e Ivanir. O pesquisador introduz um novo processo de fabricação de *cópias*. O oral do folião foi gravado e transcrito pelo pesquisador; portanto, diferentemente do caderno escrito à mão esse caderno foi datilografado em computador. Apesar dos problemas, principalmente os relacionados à transcrição das palavras, acho que será interessante para Tachico ter esse material novamente. Para mim foi proveitoso, pois tive acesso a uma dimensão importante do “corpus substantivo” dessa “tradição de conhecimento”: o saber das profecias.

⁹⁶ A importância de um mestre ter discípulos já foi anotada anteriormente. A questão que se coloca agora é quem o mestre vai escolher para ser o seu substituto. Percebe-se que a preferência de Tachico é deixar a Folia com um filho e não com um irmão, por mais que este, se levarmos em conta o critério de conhecimento do ritual, seja mais capacitado. Não aprofundi nesse ponto mas seria interessante ver os conflitos que uma tal escolha podem acarretar.

Eles tem medo, eles tão com medo de sair! O Rezinho já vou passar umas cópias para ele, que ele falou ‘Você pode parar de sair mas você tem que acompanhar!’ Ele tem medo de sair, o Ivanir também. O Ivanir falou que se ele um dia botar na estrada eu tenho que tá junto com ele. Mas não é toda a vida que nois pode tá junto né? Um dia quando ele resolver sair, ou Ivanir ou o Reis, quando eu puder acompanhar e fazer a festa para eles, eu faço. Porque Santo Reis é um santo milagroso... e tem muita gente que não leva fé.

Acompanhar a trajetória de Tachico é também acompanhar a história da sua Folia de Reis. Essas duas trajetórias misturam-se, formam um mesmo caminho até chegar ao momento presente. É justamente nesse ponto que a narrativa histórica deixa lugar para o trabalho de campo e para a observação participante – que são a base para a construção do próximo capítulo.

3. Descrição do ciclo ritual da Folia de Reis do mestre Tachico

Após “sobrevoar” o grupo, a partir de sua composição social e organização interna (cap.1), e seguir a trajetória de aprendizado de Tachico, seu fundador e principal liderança (cap.2), finalmente podemos acompanhar a *jornada* da Folia de Reis, cuja descrição é objeto do presente capítulo. O exercício aqui proposto é “olhar” para a Folia de Reis como um ritual, e as discussões serão feitas de acordo com o material apresentado e em função dele. A descrição, então, passa a ser a base para as reflexões, para o levantamento de questões. Além da problemática teórica mais geral envolvendo a perspectiva do ritual para se analisar a Folia, conforme apresento o material, outras questões são discutidas como as que envolvem: a relação sagrado / profano; a eficácia das promessas; a relação entre “pequena” e “grande” tradição ⁹⁷.

O trabalho de campo foi realizado durante 2 anos, acompanhando a *jornada* da Folia: de 2001 para 2002 e de 2002 para 2003. No primeiro ano, registrei vários momentos do ritual, em vídeo. Ver as imagens tornou-se instrumento importante e complementar para a descrição. No segundo ano, a proximidade tanto com as pessoas, quanto com a própria Folia era maior, o que me permitiu confirmar determinadas observações e esclarecer pontos específicos. Acompanhar a Folia, no segundo ano, foi fundamental para ampliar e complexificar a visão da dinâmica ritual. Sempre que necessário confronto os dados desses dois anos, o que permite tratar simultaneamente de dois aspectos do ritual como “performance”: de um lado, a dimensão formalizada, prescrita e invariável; de outro, a dimensão contextual, variável e criativa (Tambiah 1985: 124-125) ⁹⁸.

⁹⁷ Para o desenvolvimento deste capítulo me benefico de alguns textos que tomam o ritual como objeto de análise (Bloch 1989; Tambiah 1985; Schieffelin 1985 e 1998; Da Matta 1979).

⁹⁸ Uma das principais referências para os autores que trabalham com a dimensão “performativa” do ritual é o trabalho de Austin (1962) e suas idéias de que os “atos performativos” possuem uma “força ilocucionária”. A eficácia da linguagem ritual, preocupação central nas abordagens performativas, não é vista como a resultante da capacidade do ritual de transmitir significados, informações ou argumetações lógicas. Segundo Austin “*Performative are, of course, incidentally saying something as well as doing something, but we may feel that they are not essentially true or false as statements are*” (140). Os atos de fala no contexto ritual são “ilocucionários”, portanto, na medida em que conduzem a ação, influenciando as pessoas, e não por

A idéia de ciclo parece estratégia, para apresentarmos uma visão ampla e dinâmica desse ritual, que se desenvolve no tempo e no espaço. A Folia de Reis marca sua abertura e fechamento com rituais específicos, que devem ser realizados em datas e locais próprios. No dia 24 de Dezembro, a Folia sai da casa do folião, caminha durante 13 dias, para lá retorna e realiza o fechamento no dia 6 de Janeiro. Com o intuito de apresentar o ritual como um ciclo escolhemos as seguintes etapas para serem etnografadas: rituais de saída; ida ao cruzeiro; visita à casa de uma *devota promessa*; chula dos palhaços; chegada da bandeira⁹⁹.

3.1 . Os atos rituais na saída da Folia

É na noite de 24 de Dezembro que a Folia de Reis do Tachico inicia seu ciclo anual. Antes, porém, de sair em *jornada*, é necessário que se realize a *reza do terço* e a *cantoria de saída*. A primeira é uma reza cantada, composta por alguns cantos religiosos de grande popularidade, entoados pelo rezador, que, no caso, é o próprio folião, seguido por uma ajudante e respondido pelas demais pessoas. Também compõem o *terço*: dois discursos de Tachico, a *beijação* do altar e da bandeira. A *reza do terço* pode ser vista como o primeiro ritual coletivo realizado pela Folia durante sua saída anual. Dos 8 foliões, que entrevistei, todos consideram imprescindível se rezar um terço e oferecê-lo para os Santos Reis antes de sair com a Folia¹⁰⁰. Os rituais de saída assim como a *chegada* da Folia acontecem na

transmitirem mensagens ou expressarem um sistema de crenças, por exemplo. No caso da Folia e Reis, ao longo desta descrição, teremos oportunidade de avaliar a pertinência dessas idéias para analisar o ritual.

⁹⁹ A presente descrição termina no dia 6 de Janeiro com o retorno da Folia à casa do folião. Mas a Folia ainda deve realizar um baile de encerramento, que, na região pesquisada, é denominado *baile de Reis*. Em 2002, estive presente no *baile*, mas não levantei material suficiente para etnografá-lo. Já em 2003, na véspera da data marcada, ocorreu um lamentável incidente: o falecimento de Jorge Victorino, filho de Tachico e estimado sanfoneiro da Folia. Em decorrência disso, o baile foi cancelado e até a presente data, não foi remarcado. Em linhas gerais, o baile que presenciei apresentou a seguinte seqüência: almoço na casa do folião; reza do terço e cantoria da Folia, ainda na casa do folião; saída da Folia em direção ao clube da cidade; chula dos palhaços na quadra do clube; baile propriamente dito com forró e dança a noite inteira. Em outros locais do próprio Estado do Rio de Janeiro é costume usar o termo *remate* para se referir ao encerramento da *jornada* anual da Folia. Tachico diz que, na roça, antigamente, a festa era dia 6, o que, segundo ele, é o certo. Mas, hoje em dia, fica mais difícil realizá-la nesse dia. A explicação dada por Tachico para o não encerramento no dia 6 é a falta de tempo.

¹⁰⁰ Dos trabalhos específicos sobre Folia de Reis consultados Moreyra (1981 e 1982) e Brandão (1977) notaram a importância desse momento ritual.

casa do folião, espaço central onde importantes etapas do ritual são realizadas. Passo a descrever a reza que acompanhei no dia 24 de Dezembro de 2001.

É noite de natal e a casa de Tachico está cheia de gente esperando a *reza do terço* e a saída da Folia de Reis para mais uma *jornada*. É grande a movimentação de pessoas entrando e saindo, crianças correndo, conversas animadas e descontraídas. Trata-se de um dia especial na vida daquela comunidade: festa e reza convivem num mesmo espaço. A importância desse dia é visível, se observamos, por exemplo, as roupas usadas, a preocupação em estar bem vestido. Cerca de 50 pessoas estão na casa, entre integrantes da Folia, parentes, compadres, vizinhos e amigos. Dona Judith, suas filhas e uma cunhada estão na cozinha preparando um lanche, que logo será servido¹⁰¹.

Na sala, palco da *reza* e da *cantoria*, a mesa é transformada em presépio/altar, que ali permanece até 20 de Janeiro, dia de São Sebastião. Trata-se de uma mesa redonda, coberta por toalha branca sobre a qual estão as seguintes imagens: ao centro, o menino Jesus, José e Maria, rodeados pelo carneiro, boi e os 3 Reis do Oriente. Atrás do menino Jesus, o anjo da guarda e o povo de Belém. Na frente, um de cada lado da mesa, dois jarros de flores. No centro, na frente de Jesus, uma vela acesa e um terço que será usado na reza. Ao lado do presépio e sobre uma cadeira encontra-se a bandeira da Folia.

Um senhor entra na sala, ajoelha de frente para o altar, reza e põe nota de 1 real sobre a mesa. Enquanto isso, na própria sala, outras pessoas batem papo, comem, dão risadas. O sagrado e o profano estão juntos ali, coexistindo em um mesmo espaço. As fronteiras não são nítidas, apesar de notarmos momentos mais sacralizados do que outros, como o que segue:

A reza do terço

¹⁰¹ A comida está presente em diversos momentos do ritual da Folia, como veremos ao longo dessa descrição. Tanto na *saída* quanto no *baile de Reis*, dois momentos em que maior é o fluxo de pessoas para a casa de

À 1:00 h da manhã, Tachico chega na sala e se coloca de frente para o altar. Alguém avisa para as pessoas do lado de fora da casa que o *terço* vai começar, o que gera um movimento em direção à sala. Quem não entra fica, ou na varanda ou permanece no terreiro, mas não se ouvem mais as conversas, risos e brincadeiras. O ambiente é de relativo silêncio. Tachico pede aos meninos, o requinta e o baixão, que fiquem com uma *luzinha na mão*¹⁰². Reizinho ajuda nos últimos detalhes, alguém que não tem vela, alguém que está fora da sala e que deve ser chamado. Tachico olha a sala, confere se está todo mundo pronto, segura o rosário e acende uma vela no altar. Dá uma outra olhada para trás, para a sala, pergunta se a Guda (sua irmã) já tinha chegado. Ele vira de frente para o altar, sinalizando que vai iniciar a reza, olha para sua sobrinha que está ao seu lado e que vai ajudá-lo, pega o rosário, coloca entre as mãos, que estão cruzadas na altura na cintura. Após observar o salão e vendo que está tudo pronto, Tachico vira para o altar e inicia a *reza do terço* com as seguintes palavras:

Então vamo gente, rezar, pedindo a Santo Reis do Oriente e a menino Jesus que dê muita saúde para nós e paz e alegria. Que dê tudo de bom para nós que tá aqui presente, pedindo a saúde em primeiro lugar. Pedindo aquele Pai maior lá em cima que nós vamos sair com essa missão com Deus e nosso caminho há de ser clareado pela estrela da guia, em nome de Deus Pai Deus filho e do Espírito Santo, amém (todos fazem o sinal da cruz).

Após essas palavras Tachico inicia a seguinte oração cantada:

*Pai e Filho Espírito Santo que seja nossa guia
santo é o nome de Jesus, José e Maria
Meu mártir São Sebastião que seja nossa guia
santo é o nome de Jesus, José e Maria*

Tachico, é servida alguma coisa para o pessoal comer, que varia de um lanche até um churrasco ou feijoada. Nesse dia, por exemplo, serviu-se para todos os presentes cachorro quente, bolo e refrigerante.

¹⁰² Essa *luzinha* é uma vela, que segundo Tachico, “é para segurar, para clarear o anjo de guarda deles”.

*Glorioso Deus menino ...
 Meus 3 Reis do Oriente ...
 E hoje mãe Aparecida...
 Meu São Jorge cavaleiro ...*

Canta-se o *Credo*, que segundo ele, ajuda a firmar aqueles pedidos.

Após o *Credo*, podemos notar que se inicia o terço propriamente dito: sua sobrinha lê um caderno com dizeres sobre os quatro mistérios dolorosos: *anunciação do anjo e a encarnação do verbo; visitação de Maria à Santíssima Santa Isabel; natal de nosso senhor Jesus Cristo; apresentação de Jesus e purificação de Maria*. Entre a leitura de cada mistério, Tachico reza um Pai-Nosso e várias Ave-Marias, sempre passando as contas do terço.

Em seguida, Tachico inicia outro canto e todos os presentes se ajoelham

Nossas promessas tão cumpridas só falta oferecer, e lá vem a Virgem Maria com seu filho a receber. Ó ave Maria ó ave, ó ave Virgem Senhora, vamos todos ajoelhar, senhor Deus misericórdia (todos ajoelham). Senhor o Deus, Senhor o Deus, se eu pequei Senhor misericórdia, se eu pequei Senhor, misericórdia. Ó Virgem gloriosa santa, pelo amor da nossa Mãe Maria Santíssima, tem de nós misericórdia, pelo amor da nossa Mãe Maria Santíssima, tem de nós misericórdia.

Reza-se uma Salve Rainha e Tachico, ainda de joelhos, assume a palavra e oferece o terço:

Esse terço que nós rezamos, oferecemos à sagrada morte e paixão do nosso senhor Jesus Cristo, oferecendo ao glorioso menino Jesus, os Três Reis do Oriente, pedindo a proteção divina nós vamos sair nessa

estrada, cumprindo essa missão com essa jornada, pedindo que o nosso caminho esteja sempre aberto pelo amor de Jesus, que todo lugar que nós chegar nós há de ser recebido, todas as portas que nós bater as portas há de ser aberta pelo amor de Jesus, pedindo a proteção divina pra todos que estão aqui, rezando aqui de joelho primeiro eu peço saúde para todos, pelo amor de Jesus, os Três Reis do Oriente dá bastante saúde para todos que estão, em nome de Deus Pai, Deus Filho e do Espírito Santo.

Todos se levantam, e Tachico, após encostar a testa no altar em sinal de reverência, inicia seguido de todos o *bendito*¹⁰³:

Bendito louvado seja, bendito louvado seja, é o Santíssimo é o Sacramento, é o Santíssimo é o Sacramento. Os anjos todos os anjos, os anjos todos os anjos, louvando a Deus para sempre amém, louvando a Deus para sempre amém .

Após o *bendito*, Tachico olha para o lado e pergunta: *vamo cantar pra beijar?* Iniciam-se então dois cantos, enquanto todos os presentes se dirigem até o altar e a bandeira:

*Eu subi ao céu quando o dia clareou, pra ver a hora que Jesus assobiou.
E ajoelha irmão pecador, ajoelha na cruz pra beijar nosso senhor.*

*Chegai, chegai pecador, chegai com todo amor, com seu coração tão triste, pra beijar nosso Senhor
A porta do céu se abre a qualquer hora do dia, pra receber os devotos que são da Virgem Maria.*

¹⁰³ Interessante notar que esse *bendito* também é cantado como agradecimento para um almoço ou jantar, acrescido, porém, de alguns versos (vide página 110).

Ao se aproximarem do altar, as pessoas ajoelham, fazem o sinal da cruz e rezam. Alguns encostam a testa no altar, outros beijam a toalha. Alguns se demoram mais, colocam as duas palmas das mãos para cima em sinal de devoção. O canto prossegue até que todos façam essa reverência. Vi pessoas saindo da cozinha, outros do lado de fora da casa, outros do corredor. Todos os presentes, sejam da Folia, parentes ou amigos, fazem esse ato. Nota-se que várias pessoas, após beijarem e rezarem no altar, se dirigem para a bandeira da Folia, que está ao lado, levantam seu véu e beijam-na. Percebe-se a sacralidade da bandeira como símbolo, estando, de certo modo, equiparada ao altar.

Após esse ato ritual, Tachico novamente assume a palavra,

Até o outro ano, se Deus quiser, nós tamos todo mundo aqui firme, com saúde, tocar essa missão de novo.

Alguém puxa uma salva de palmas e termina a reza.

É imprescindível que todos os que irão acompanhar a bandeira naquele ano estejam presentes. Tachico, enfatizando a importância desse momento, diz que estar no *terço* é condição para sair na Folia. Além dos integrantes da equipe, muita gente de sua família está presente entre irmãs, sobrinhas, netos além de amigos, compadres e vizinhos. Podemos olhar a reza como uma “oração familiar”, sem dúvida, o momento mais envolvente, aquele em que é maior o número de parentes presentes e participando ativamente do ritual.

O ponto que parece principal da comunicação nesse momento é a estreita relação - que veremos ser uma das características centrais do ritual em questão - entre a dimensão verbal e comportamental (fala e ação) e o poder da primeira em conduzir à segunda. A *beijação* do altar, ato praticado por todos os presentes, começa no momento em que Tachico canta: “*e ajoelha irmão pecador, ajoelha na cruz pra beijar nosso senhor*”. As pessoas ajoelham no momento em que a reza cantada diz “*vamos todos ajoelhar*”. As palavras, nesse caso, são “performativas” pois produzem efeitos ao serem pronunciadas. Nesse sentido, sigo as sugestões de Bloch (1988). Para ele a linguagem ritual, que envolve não só palavras, mas gestos, cantos e dança, e o modo de comunicação ritual não são

eficazes por transmitirem uma quantidade x de informações, argumentações lógicas ou verdades culturais. A eficácia da linguagem formalizada do ritual está na sua força “ilocucionária” e no estabelecimento de ações e relações ordenadas entre os participantes.

O aspecto criativo do ritual popular

Pelo fato de utilizar cânticos da liturgia católica, como o Credo, Salve Rainha, Pai Nossos, Ave Marias e Benditos podemos notar, como Brandão, que “*a reza do terço difere muito pouco daquela que se praticava no passado nas igrejas católicas. Assim, é um ritual ainda muito próximo dos da liturgia católica oficial*” (1977:25).

Trata-se, certamente, de momento privilegiado para refletirmos sobre o diálogo entre Folia e catolicismo oficial, entre “pequena” e “grande” tradição. *A reza do terço* não deve ser analiticamente separada do restante da Folia, como uma espécie de infiltração do catolicismo oficial em um ritual fundamentalmente popular. Não estamos diante de um fenômeno de dominação e de submissão do popular ao oficial, da “pequena” tradição local à “grande” tradição católica. Confesso que essa foi a minha primeira impressão ao ver a *reza do terço*, ou seja, de início pensei esse momento como inscrito em relações de submissão do popular ao catolicismo oficial.

Seguindo a inspiração de autores como Redfield (1967) e Burke (1988), devemos relativizar essas oposições rígidas entre popular/oficial; pequena/grande tradição. A ênfase deve ser posta nas relações entre esses níveis, na circularidade e nos processos de “reinterpretação” e “apropriação criativa”. O foco deve estar na dimensão local, no modo como práticas e crenças oficiais são “paroquializadas” para usar expressão de Redfield. Às vezes, um mesmo símbolo, uma mesma reza, tem significados diferentes e são usadas de forma diversa, dependendo do contexto. Devemos partir do nível local, ou seja, de como é usada entre aquele grupo, e estarmos atentos para os usos diferenciados e até mesmo opostos de um mesmo símbolo, de uma mesma idéia (Chartier 1992). Perspectivas que

trabalhem com dicotomias do tipo popular/oficial perdem de vista a complexidade envolvida nos processos de “apropriação” e “reinterpretação criativa”¹⁰⁴.

A Cantoria de saída

Porque na saída de casa não é os versos que nós canta na rua não, nas casas das pessoas não. Na saída de casa é a ida e a vinda do Espírito Santo. Eu tenho que cantá na saída e na chegada (Tachico).

A especificidade desse momento no ciclo ritual da Folia de Reis, está na cantoria, na letra. O *trecho* da *ida e da vinda do Espírito Santo*, como afirma Tachico, é cantado apenas em dois momentos do ciclo: na saída, abertura da Folia, e na chegada, dia 6 de Janeiro, diferentemente dos outros *trechos*, como o *nascimento* ou *batizado*, que são cantados diversas vezes. Além de abrir e fechar a *jornada*, esse *trecho* ainda tem importância extra para Tachico pois, segundo ele, são poucos os foliões que o conhecem¹⁰⁵. Outro ponto fundamental da cantoria de saída é que, quando termina a *ida e a vinda do Espírito Santo*, acontece outro rito central na Folia: o *cruzamento* da bandeira nos palhaços. Os palhaços, por representarem os soldados de Herodes (perseguidores de Jesus), precisam de mais proteção do que os outros integrantes da Folia. Por isso são *cruzados* e vão à bandeira pedir perdão. Mais adiante descrevo a cantoria de saída - o *trecho* da *ida e da vinda do Espírito Santo* e o ritual de *cruzamento* da bandeira nos palhaços - que observei na noite de 24 para 25 de Dezembro de 2002.

Terminada a *reza do terço*, as pessoas vão até a cozinha, comem alguma coisa, outros vão para o quarto, afinam os instrumentos e tocam algumas *toadas*. A movimentação de entra e sai é grande. Os últimos detalhes são preparados: D. Judith

¹⁰⁴ Esses conceitos são úteis para se avaliar as formas de recepção da cultura letrada pela cultura popular no processo de invenção criativa que se dá nesse encontro. É nessa direção que não só a *reza do terço*, mas a Folia de Reis como um todo está sendo analisada. Vários autores contribuíram para a elaboração dessa perspectiva, que evidencia os processos contínuos de criação de significados presentes na vida social (Redfield 1967, Burke 1989, Chartier 1992. Para o contexto brasileiro cf: Leite Lopes 1978 e Brandão 1983).

¹⁰⁵ Durante a pesquisa, perguntei para alguns foliões sobre esta passagem e nenhum deles tinha conhecimento desse *trecho*, o que pode sinalizar ser um *trecho* específico da Folia do Tachico. Lembre-se também que esse *trecho* estava presente nas *cópias* do Hilário e foi o causador do conflito com Lelego.

costura lantejoulas em um chapéu; alguém passa a ferro a blusa e a calça em cima da cama do quarto; outros, já vestidos, pegam os instrumentos e cantam *trechos* de *toadas* e improvisam *calangos*; em um quarto fechado o barulho é intenso. Risos, gritos e conversas. São os palhaços se arrumando. O momento é dos últimos preparativos antes de iniciar a cantoria de saída. Muita gente se reúne do lado de fora da casa. Tachico, já arrumado e com a viola nos braços, chega na sala e acena para os outros, indicando que vai dar início a cantoria. Todos prontos. São aproximadamente duas horas da manhã. Os integrantes da Folia, com exceção dos palhaços que permanecem fechados no quarto, estão na sala, quando Tachico assume a palavra e diz

Oh, presta atenção! quando nós for sair com essa bandeira, quando nós chegar na casa e tiver cantando, não quero ninguém ficar rindo olhando um para cara do outro. Então todo mundo sério, prestando atenção naquilo que está fazendo. Não quero ninguém rindo um pro outro, prestar atenção naquilo que está fazendo. Vamos sair com essa missão, pedir a Deus ... os 3 Reis do Oriente, pedindo a proteção divina ... não quero cachaça atrás da bandeira. Aquele que tiver bebido um gole de cachaça faz favor de ficar em casa, num cumpanha essa missão, porque não quero bebida de álcool atrás dessa bandeira sagrada, que essa missão é uma missão pesada e aquele que tiver de beber fica em casa, que se eu não tiver companheiro a bandeira pára, mas cachaça atrás da bandeira eu não quero. Então tá todo mundo avisado porque na hora eu não quero reclamação. 'Ah fez foi por causa de mim'. Não, não quero fazer por causa de ninguém, só não quero bebida de álcool atrás da bandeira porque a lei não manda ... a pessoa sair bebida atrás da Folia de Reis, não permite de andar armado, porque aqui dentro da Folia de Reis todo mundo é irmão ... todo mundo dentro do reisado todo mundo é irmão ... não quero discussão na estrada, não quero que um ache que o outro tá fazendo melhor do que o outro. Todo mundo aqui é igual. É aqui Ivanir, eu aqui na viola, Ivanir no violão, Reis no cavaquinho. Então não vamos dizer que um fez mais bonito do que o outro. Cada um faz o que sabe. Então nós vamos seguir essa missão na fé de Deus e

Nossa Senhora, vamos pedir a estrela da guia que guia nós no bom caminho. Sair na paz e voltar na paz com Deus e Nossa Senhora. Que nós há de sair com saúde e voltar com saúde se Deus quiser. Pedir a força divina, que os 3 Três Reis do Oriente, o glorioso São Gonçalo abençoe essa Folia de Reis.

Todos os integrantes da Folia em silêncio. Nota-se que essa fala, que antecede a cantoria de saída, tem tanto um caráter didático, em que Tachico explica como funciona a sua Folia e recomenda aos integrantes como agir, quanto reafirmando sua autoridade à frente da equipe¹⁰⁶.

Após a fala, começa a cantoria na sala da casa de Tachico. O folião e o contra-mestre ficam um de frente para o outro, cada um com sua viola. Ao lado deles está o requinta e o baixão. Atrás dessas duas crianças, observa-se a presença de mais duas, que estão aprendendo a *gritar*, e vez por outra, são convocadas por Tachico para treinar, dando descanso aos outros. Tanto o requinta quanto o baixão tocam instrumentos como triângulo e afoxé. Os outros instrumentistas - cavaquinho, sanfona, 2 pandeiros e agogô - estão espalhados pela sala. Na porta da casa está o bumbeiro e na varanda o caixeiro.

*Vamo nós ficar com Deus
e nossa mãe Virgem Maria
é o Divino Espírito Santo
que no bom caminho nos guia*

*Gloria seja Deus Pai
Divino São Salvador
no sair da minha casa
na minha bandeira pousou*

*Mas ele está com nós invisível
não temo poder de enxergar
é com a sua gloriidade
é para o bom caminho guiar*

¹⁰⁶ Bloch, no estudo já citado, mostra que a formalização da comunicação ritual, na medida em que estabelece consenso, é um tipo de poder. Nesse sentido, se torna um elemento de coerção característico da autoridade tradicional.

*Na saída do Divino
vai deixumá pena cair
é praqueles que são devotos
ou a religião que seguir*

*Na saída do Divino
uma pena ele deixou
é praqueles que são devotos
do Divino São Salvador*

*Se o devoto for vidente
essa pena pode enxergar
também trás a claridade
escuta os invisíveis falar*

*Vem voando meu divino
com 4 anjo em companhia
para ser nossa defesa
nessa hora de alegria*

*Vamos nós pegar com Deus (todos se ajoelham)
é a nossa mãe Virgem Maria
é o Divino Espírito Santo
que pro bom caminho nos guia*

*Todos nós que são devotos
havemo adorar a santa cruz
ela é uma madeira sagrada
onde morreu meu bom Jesus*

*Pecador não considera
nós havemo considerar
neste mundo não somos nada
e nós temo conta que dar*

*E a vinda do Espírito Santo
por nosso bem vou esperar
e quem chegar desenganado
e nós havemo enxergá (todos se levantam)*

O sentido da Ida e Vinda do Espírito Santo e o cruzamento dos palhaços

Qual o sentido e a importância de se cantar esse *trecho* na noite de saída da Folia? Primeiramente devemos lembrar que se trata do início da *jornada* que, como vimos, acontece no tempo, durante 13 dias, e no espaço, com deslocamentos relativamente extensos por um território. A incerteza quanto ao que se pode encontrar pelo caminho é uma preocupação para qualquer folião. Sua responsabilidade é grande, já que é a liderança maior do grupo, logo, o responsável por tudo que aconteça durante a *jornada*. A necessidade de sair protegido, com uma Folia *firmada*, é preocupação recorrente entre foliões¹⁰⁷. Cada um se protege de um jeito. Tachico usa diversos recursos, tais quais: rezar o terço e oferecê-lo para os Santos Reis; ligar-se aos santos e forças protetoras; colocar toda criança segurando uma vela para clarear seus anjos da guarda; dar banho de *descarrego* no pessoal *de frente*¹⁰⁸; prender fitas coloridas na bandeira e instrumentos... Cantar a *ida e a vinda do Espírito Santo* parece ser mais uma forma de trazer proteção para a Folia. Os versos enfatizam que o Divino Espírito Santo, ao pousar na bandeira naquele momento, estará guiando a Folia pelo bom caminho. Guiar pelo bom caminho significa proteger e impedir que apareçam situações embaraçosas para aquela Folia, ou seja, possíveis malefícios.

A bandeira, nesse caso, passa a ser central pois é nela que o divino Espírito Santo pousa. Ela inclusive pode ser vista como a mediadora entre o plano dos *invisíveis* e o plano dos humanos. Ao ser o receptáculo do divino, ela se sacraliza e assume a condição de ponte para com os *invisíveis*. A referência à *santa cruz* como uma madeira sagrada encontra paralelos com a própria bandeira, que tem como suporte duas madeiras em forma de cruz. Estabelecida a ligação com os *invisíveis*, nesse caso com o Divino Espírito Santo, e tendo a bandeira como o ponto de contato, a cantoria continua com versos em que o folião pede a *guia*, que imediatamente aparece na sala conduzida por D. Judith, a *devota da morada*.

¹⁰⁷ Tachico diz: “*quem pensa que sair com Folia de Reis é só sair e bater caixa tá muito enganado. Folia de Reis é uma coisa muito séria, para quem leva com fé*”. Sebastião Lima, folião de Valença, nessa mesma direção diz: “*A Folia de Reis é igual a terreiro de macumba. O caboclo tem que sair com segurança*”.

¹⁰⁸ Tachico diz ser necessário que os *de frente* na Folia, a saber: folião, contra-mestre, mestre dos palhaços, contra-mestre dos palhaços, requinta e baixão tomem um banho de descarrego no dia da saída da Folia. “*Esse ano eu vou fazer um banho de abre caminho pra eles. Eu mesmo vou tirar o banho lá na mata e entrego pra eles e eles tomam. Primeiro abre caminho, depois espada de São Jorge e folha de café. Então esse ano eu vou fazer. Mas eles não vai tomar aqui em casa não . Cada um vai fazer na sua casa. Isso aí é no dia que eu for sair. Eu explico como é que é, tem que deixar uma luz pro anjo de guarda acesa mais alta do que a cabeça e um copo d’água perto*”.

*Minha devota da morada
por favor trás a bandeira
mas ela é a nossa guia
e a nossa mãe verdadeira*

Tendo a bandeira à frente a cantoria prosegue:

*Deus vos salve esta bandeira
ela já chegou na nossa frente
mas é que nós vai ser guiado
pelos 3 Reis do Oriente*

*Meu santo Rei do Oriente
eu peço a vossa proteção
é para nós ser feliz
para segui nossa missão*

*Vamo correr todo distrito
com a santa bandeira beijar
é para nós ser feliz
em todo espaço que nos dá*

Notam-se as correspondências entre a bandeira e os 3 Reis do Oriente. Na própria bandeira, por trás do véu e das fitas, encontram-se duas gravuras dos 3 Reis, adorando o menino Jesus, o que pode ser sinal dessa correspondência. Após se dirigir à bandeira, a cantoria chama o mestre dos palhaços, o *vovô*,

*Ô meu mestre de palhaço
por favor preste atenção
arreuni seus companheiro
vem cumprir mais uma missão*

Neste momento abre-se a porta do quarto, onde os palhaços estão, e eles vão ajoelhados até a bandeira. Primeiramente é o *vovô* que sai do quarto de joelhos. Os músicos da Folia abrem um corredor no meio da sala por onde o *vovô* passa. O palhaço está *fardado* e com o *capuz* na cabeça, mas não usa a máscara. Ele então chega na frente da bandeira, que ainda está nas mãos de D. Judith, põe a cabeça por baixo do véu e das fitas, faz

algumas orações e levanta, já segurando a *guia*. Agora ele, o *vovô*, é quem assume a bandeira e conduz essa parte do ritual. Os demais palhaços vêm um a um também de joelhos até a bandeira e repetem o ato de botar a cabeça por baixo do véu e rezar. Após isso, abaixam ainda mais, encostando os dois braços no chão e são *cruzados* pelo *vovô*. A bandeira é passada por suas costas, primeiro embaixo, na região lombar, depois em cima, na altura da nuca, lado esquerdo, direito, embaixo e em cima de novo. O palhaço, após ser *cruzado*, volta para o quarto de joelhos, andando para trás, sempre de frente para a bandeira. Essa prática repete-se até que todos os palhaços, que eram 9 nesse ano, tenham ido até a bandeira. Sobre a ida dos palhaços à bandeira e o *cruzamento* Tachico diz: “*Aquilo é pra afastar os mau, cruzando eles. Afastando os mau. Alí é um sinal que eles são católico, que eles tão fazendo a imitação dos Herodes mas num são eles. Então eles tão indo na bandeira pra pedir proteção, então eles tão sendo cruzados*”. Enquanto acontece o *cruzamento*, a cantoria prossegue, e os versos explicam o sentido do palhaço na Folia

*Vem chegando ajoelhado
vem a Deus pedi perdão
é o soldado de Herodes
você tá fazendo a imitação¹⁰⁹*

Os palhaços fazem a imitação dos soldados de Herodes, dos perseguidores de Jesus; portanto, ao se arrependem do que fizeram, devem ir à bandeira e pedir perdão. Só assim podem cumprir a *missão* e acompanhar a Folia. Tachico diz que um palhaço que não vá pedir perdão no dia da saída da Folia fica desprotegido e assim pode atrair o *mal*, o *coisa ruim*. Esse mal se manifesta principalmente por meio de *espíritos* que *baixam* nos palhaços. As histórias de palhaços que *incorporaram* durante a Folia são inúmeras, como vimos, e cada folião tem um repertório delas para contar.

Os últimos versos se dirigem à *devota*, dizendo que a bandeira já vai sair em *missão* e só retorna no dia 6 de Janeiro. Outro verso que se segue é o agradecimento dado pelo folião aos companheiros da Folia. Esse verso repete-se quando da chegada da bandeira e

¹⁰⁹ Em toda essa sequência observa-se a “eficácia” das palavras em conduzir as ações. Os palhaços ajoelham-se e vão à bandeira no exato momento em que essa quadra é cantada, assim como a *devota* só aparece com a bandeira quando a cantoria assim determina.

pode ser lido como a reafirmação da relação de troca entre o folião, dono e autoridade maior da Folia, e os companheiros, que estão lhe ajudando e por isso também recebem as bênçãos dos Santos Reis.

*Minha devota da morada
a minha bandeira já vai*

*A minha bandeira já vai
vai nessa hora de alegria
ela vai saí por essa porta
com Deus na frente e Pai na guia*

*Eu agradeço os companheiro
que faz parte da Folia
só quem pode dar o pago
é Jesus filho de Maria*

*Minha devota da morada
a minha bandeira já vai
no dia 6 de janeiro
que ela vai tornaá a voltar*

*Com licença da devota
meus instrumento eu vou pará*

Terminada a cantoria, a porta do quarto novamente se abre, e os palhaços saem já mascarados. O *vovô* vai na frente e chama: *ô rapaziada!* Os demais palhaços gritam: *ooooi!* Essa chamada e resposta se repete várias vezes. Eles entram na sala e abaixam formando uma roda, envolvida pelo pessoal da Folia. A sala é pequena para tanta gente. Quando já estão abaixados, o *vovô* então grita: *ooopa!* Todos fazem silêncio e ele começa os *vivas*, seguido do coro que responde: *viva!*¹¹⁰

*Eu vou dar um viva!
Ao menino Jesus!
Filho da virgem Maria!
Vamos dar um viva!
Pra a nossa bandeira!*

¹¹⁰ Todos os palhaços dão os seus *vivas* mas para não me alongar muito me limitei a escrever os *vivas* do mestre dos palhaços.

Pra nossa estrela da guia!
Vamos dar um viva!
Pros 3 Reis da adoração!
Vamos dar um viva!
Pro nosso mestre folião!
Vamos dar um viva!
Pros meninos de requinto!
Vamos dar um viva!
Pro contra-mestre da Folia!
Vamos dar um viva!
Pro sanfoneiro da Folia!
Vamos dar um viva!
Pros caixeiros da Folia!
Vamos dar um viva!
pra todos os palhaços!
E também para o mestre vovô!
Vamos dar um viva!
Pra quem costurou a fantasia do mestre folião!
Vamos dar um viva!
Pra esposa do mestre folião!
Vamos dar um viva!
Pra todos que estão presentes!
Vamos dar um viva !
Pra nossa saída!

Terminado os *vivas* eles se levantam, o pessoal da Folia abre espaço na sala, e o sanfoneiro toca uma *valsa*. Nessa *valsa*, os palhaços dançam uns com os outros e os presentes caem na gargalhada diante da comicidade da situação. Para Tachico, a *valsa* e a dança dos palhaços é sinal de *união*. A dança termina com uma salva de palmas. Alguém chama: *Ô bandeiro! Cadê o bandeiro?* A Folia está pronta para sair. Assim que o bandeiro chega, pega a bandeira e se direciona para a rua, seguido de todos os integrantes e palhaços. A *jornada*, portanto, está *aberta*. Na frente da casa de Tachico, dança-se uma

chula. Descrevo mais a frente esse momento ritual, mas destaco que, nessa primeira *chula*, o *vovô* pede para a sanfona e a caixa tocarem 3 vezes, sem que nenhum palhaço dance no meio da roda. Essas 3 *chulas* são para as *almas* dos antigos palhaços da Folia que já morreram. Segundo Tachico essas *almas*, ao ouvirem a *chula*, ficam satisfeitas e não perturbam a Folia durante a *jornada*¹¹¹.

2.2. A ida ao cruzeiro: compromisso com as *almas*¹¹²

Eram cerca 15 horas do dia 25 de Dezembro de 2001, quando encontrei o pessoal reunido na casa da sobrinha de Tachico. A Folia tinha aí *fechado* na noite anterior e estava agradecendo o *pouso*, o que é seguido da *chula* dos palhaços. Terminada a *chula*, o pessoal se prepara para cumprir uma das obrigações mais importantes e de maior valor simbólico para Tachico: cantar no cruzeiro, que se localiza no cume de um dos morros mais altos da região. A Folia, então, assume a formação com que costuma se deslocar entre as casas. A bandeira vai à frente conduzida pelo bandeiro. O folião e o mestre de palhaços vão logo atrás, seguidos dos demais palhaços e integrantes. O sanfoneiro, o caixeiro e o bumbeiro tocam a *marcha de rua*, ritmo característico para os momentos em que a Folia está se deslocando em cortejo. Os palhaços vão brincando, pulando, apitando, e passam por um dos bairros mais habitados de Rio das Flores, onde moram alguns integrantes da equipe. Entram por uma cancela e começam a subir uma estrada de terra. A subida é bastante íngreme e, até chegar ao cruzeiro, levam uns 40 minutos. Dona Judith, suas filhas e alguns parentes acompanham a Folia¹¹³. Os palhaços, com exceção do *vovô*, andam nesse momento sem as máscaras.

Chegando ao cruzeiro - uma construção com mais de 10 metros de altura - a *marcha pára*. A bandeira, conduzida por Pedro, se desloca até a frente do monumento. Os palhaços

¹¹¹ Sebastião Lima me confirmou que também bate 3 *chulas* sem nenhum palhaço antes de sair com a *jornada*

¹¹² A ida ao cruzeiro se dá no dia 25 de Dezembro, dia do nascimento de Jesus, e é a segunda visita da Folia, após *abrir* na casa da sobrinha de Tachico, que oferece a ceia.

¹¹³ Nota-se que a ida ao cruzeiro, ao *centro* espírita e aos encontros promovidos pela prefeitura são os momentos em que mais pessoas da família estão presentes. No caso do cruzeiro, percebe-se que se trata da reafirmação de um compromisso com as *almas*, que envolve não só os integrantes da Folia como o círculo de parentesco de Tachico. Todos vão pedir força e proteção para as *almas*, como veremos.

se dirigem para um canto onde permanecem em silêncio. Assim como no interior do *centro* ou de uma casa, os palhaços devem ficar sem as máscaras e não brincam a *chula*. Nesses locais, observa-se postura de respeito e reverência por parte dos palhaços, contrastando com a bagunça habitual¹¹⁴. Tachico aproxima-se do cruzeiro, encosta a viola na parede e acende duas velas. Tim também se aproxima e deixa seu agogô no chão¹¹⁵. Pedro ergue a bandeira no alto, segurando-a. O silêncio só é interrompido por algumas crianças que falam.¹¹⁶ Tim acende outras duas velas e de joelhos coloca-as ao lado das já acesas. Feito isso, Tachico fala baixo,

O pessoal da Folia todo com saúde, as almas há de ajudar, há de firmar tudo.

Tim fala, ainda de joelhos:

As almas sejam benditas, há de ajudar todos nós, nada há de amarrar nossos caminhos, nossos caminhos será todo aberto ... glorioso preto velho das almas, 3 Reis do Oriente, e todos os preto velho do cativo, que há de tomar conta, há de caminhar junto nessa jornada com todos irmão, nosso chefe dessa Folia, os foliões. Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo.

Tachico reza, seguido de todos, um Pai Nosso e uma Ave Maria, curvando a cabeça e tirando levemente seu chapéu. Após a reza, tira o chapéu e oferece essa Ave Maria e esse Pai Nosso:

¹¹⁴ Mais à frente, quando descrever a *chula*, analiso a pertinência ou não em se trabalhar com oposições do tipo sagrado x profano para explicar a dualidade encontrada na Folia de Reis entre a cantoria no interior das casas e a *chula* dos palhaços.

¹¹⁵ Tim é pai de 2 meninos da Folia (o requinta e o caixeiro). Observei a inconstância de sua presença nos dias de “giro”. Tim toca agogô, instrumento não essencial, mas que, às vezes, se sobressai devido ao seu timbre agudo. Ele *trabalha* com umbanda, tem um quartinho no fundo de sua casa onde faz suas consultas. Não tive a oportunidade de vê-lo *trabalhando*, mas visitei esse quartinho e gravamos entrevista. Sua centralidade nesse momento, contrastando com outros, talvez se explique pela sua ligação com a umbanda.

¹¹⁶ Tachico disse que uma vela era para as almas de antigos foliões que já morreram e a outra era para o velho *Arranca Toco*, um dos protetores daquela Folia

Ás santas almas que deu força para nós vir aqui em cima, que dá saúde para todos que acompanhou a bandeira até aqui em cima, os caminhos deles há de ser sempre aberto, com bastante saúde com bastante vitória nos caminhos, pelo amor de Jesus, dá força a todos que acompanhou essa bandeira sagrada para vir até aqui, nessas alturas, então eu peço às almas que ajude a nós, não deixa faltar saúde, não deixa faltar o pão de cada dia nem um dinheiro no bolso, pelo amor de Jesus. Em nome de Deus Pai e Deus Filho no Espírito Santo, amém¹¹⁷.

Após os atos e falas que caracterizam a chegada ao cruzeiro, a equipe se arruma e afina os instrumentos. A disposição é a seguinte: a bandeira de frente para o cruzeiro, nas mãos do bandeiro Pedro. Atrás dela está o folião, de frente para o contra-mestre, tendo ao lado o requinta, que está de frente para do baixão. Estes quatro formam um círculo fechado. Mais atrás, formando espécie de meia lua, estão os instrumentistas, que, nessa ocasião, tocam bumbo, caixa, sanfona, pandeiro, triângulo e agogô. Os palhaços, que permanecem sem as máscaras, estão ao lado do cruzeiro, sentados no chão. As demais pessoas que acompanham a Folia, em torno 30, entre crianças e adultos, estão espalhadas pelo local.

Tachico conversa alguma coisa com Valtinho, que é sanfoneiro mas nessa ocasião está cantando de contra-mestre, já que nem Ivanir nem Rezinho estão presentes. É comum, antes de iniciar a *toada*, o folião cantarolar a melodia para o contra-mestre segui-lo. Tachico chama o requinta e aponta o lugar em que deve ficar, acena com as mãos para o sanfoneiro iniciar o *estribilho*, parte instrumental que dá início à *toada*. Tem início a cantoria, que descrevo abaixo por ser um *trecho* importante do repertório de Tachico: o *padecimento*

*Eu vou salvar santo cruzeiro
que está no campo serenado
é um sinal que está no mundo
que nosso Pai foi judiado*

¹¹⁷ Nota-se a importância da situação na configuração do ritual. Tanto as palavras de Tachico quanto seus atos rituais devem ser entendidas no contexto específico em que acontecem: cantar no cruzeiro.

*Lá na rua da amargura
o nosso Pai foi arrastado
por causa de nós pecar
que passou Deus tanto trabalho*

*Com uma lança ele foi morto
com 3 cravo foi cravado
com martelo foi batido
com uma torquês foi arrancado*

*Com a toalha que apresenta
seu sangue foi enxugado*

*O galo voou no cruzeiro
bateu asa e cantou
dizendo que Deus sofreu
por causa de nós pecador*

*Na Quinta-feira ele foi morto
na Sexta foi sepultado
no Sábado ele ressuscitou
meu bom Jesus crucificado*

*Domingo subiu ao céu
o seu martírio levou
e também deixou no mundo
para exemplo dos pecador*

*Minha bandeira vai embora
despede do santo cruzeiro
os invisíveis é quem vai guiando
eu e todos os meus companheiros*

Nas últimas estrofes da cantoria, a Folia começa a sair de costas, de frente para o cruzeiro. A bandeira, que está na frente, vai indo para trás de costas, enquanto o grupo anda devagar, mantendo a formação.

*Nós vamos dar adeus, adeus
e até pro ano que vem
pro ano queremos vir
mas é se Deus quiser também*

Os palhaços levantam-se e mantêm-se um pouco longe, em postura de reverência e respeito. Aos poucos, vão se aproximando do grupo, que já está a uns 20 metros do

cruzeiro. O bandeiro está atrás do grupo, ainda com a bandeira de frente para o cruzeiro. Nesse momento, D. Judith ajoelha no pé do cruzeiro onde estão as velas, junta as mãos e reza. Outras pessoas, parentes e integrantes da Folia também vão ao cruzeiro, fazem o sinal da cruz, rezam e saem, mantendo-se de frente para o monumento por alguns metros. Os demais, nesse momento, viram, dando as costas ao cruzeiro, tendo à frente a bandeira. A percussão bate mais uma vez e pára. Como começa a chover um pouco, todos procuram guarda-chuva para os instrumentos e descem em silêncio¹¹⁸.

O que leva a Folia a cantar no cruzeiro?

O objetivo da Folia, segundo um verso do próprio Tachico, é cantar *lembrança do nascimento*. Os versos do *padecimento*, ao contrário, falam do sofrimento e morte de Jesus. Como explicar essa aparente incoerência? Por que a Folia, que faz a imitação da viagem dos Reis à procura do menino Jesus, deve parar na cruz e cantar?

Tachico conta que Hilário, quando lhe passou as *cópias*, recomendou que ele nunca passasse numa cruz com a bandeira *fechada*, ou seja, é dever do folião cantar uns versos na frente de uma cruz¹¹⁹. Segundo ele “*é mais necessário nós fazer nossa missão numa cruz do que cantar na casa de uma pessoa. Eu não passo perto duma cruz sem dá uma obediência pra ela. Ali eu vou ajoelhar e cantar o padecimento de Jesus, porque Jesus sofreu na cruz, então nós não pode passar perto de uma cruz sem dá uma obediência pra*

¹¹⁸ A descrição acima foi baseada nas observações e na análise do material audiovisual referente ao ano de 2001. Estive acompanhando a ida ao cruzeiro em 2002. Nesse ano, no dia 25 de Dezembro, o tempo estava chuvoso, quando a Folia começou a se direcionar para a subida. O tempo fechou mais ainda e decidiu-se não entrar na cancela e, sim, cantar em alguma casa e esperar. Após cantar em uma casa algumas pessoas da Folia conversam e Tachico acena que é para subirem. A palavra final é sempre de Tachico, mas vários integrantes da equipe, principalmente os mais velhos e parentes próximos, opinam e participam das decisões. Chegando lá em cima começou a chover fino. Tachico então não cantou o *padecimento* todo, encerrando no meio a cantoria. Quando descrevermos um momento do ritual, deve ficar claro o caráter contextual. Aquilo que vemos está inserido no tempo e no espaço. Acompanhar a Folia por dois anos, possibilitou-me justamente ter a noção da importância do contexto para o desempenho do ritual. Às vezes a falta de um importante integrante ou a própria chuva podem trazer alterações que devem ser levadas em conta.

¹¹⁹ Tachico canta uma *toada* que salienta a importância simbólica da cruz e do sofrimento de Jesus para a Folia. Ao final de cada estrofe da *toada* repete-se a frase: “*Jesus sofreu na cruz / na cruz ele morreu / dá um batido na caixa / meu coração doeu ai ai*”.

ela”. É interessante contrastar a centralidade da cruz e do *padecimento* para as Folias dessa região, presente inclusive em todas as *cópias* a que tive acesso, com informações que obtive pessoalmente do pesquisador Luzimar Pereira que trabalha com Folias de Reis no sul de Minas Gerais. Segundo ele, nessa região, a cruz é um símbolo que deve ser evitado pelas Folias durante a *jornada* de Reis. A questão permanece. O que leva a Folia a subir mais de 40 minutos para cantar no cruzeiro? O que isso representa para Tachico já que, segundo ele, o *padecimento*, após o *nascimento*, é o *trecho* mais importante do repertório de um folião?

É ele quem explica o sentido de ir ao cruzeiro todo ano no dia 25 de Dezembro:

Onde é que mora as almas? No cruzeiro. Por causa disso que eu vou no cruzeiro. Porque lá tem muitas almas, muitos folião antigos que já foram e eles gosta de assistir cantar. Então eu vou buscar força lá. Pra mim e pros meus companheiro que tá junto. Então quando eu chego lá é onde eu fico emocionado. Porque tem muitos que encosta do lado, então eles fica alegre da gente ir aí eles encosta. Aí a gente começa a ficar emocionado, os olhos enche d’agua, aí a voz já não sai.

O que são as *almas*? São *espíritos*, os *invisíveis* que as pessoas não enxergam mas que têm poderes sobre os homens. Tachico não faz distinção entre essas categorias. “*Porque os guia é as almas né? É os espíritos. Porque o corpo nosso morre, vai pra debaixo da terra, mas o espírito não vai, né?*” O cruzeiro seria a casa, uma casa especial, a morada das *almas*. Apesar de não ter poder de enxergar os *invisíveis*, Tachico diz que sente a presença deles. Ficar emocionado quando uma *alma* encosta do lado é sinal de que elas, apesar de *invisíveis*, podem ser sentidas¹²⁰. Diversas vezes Tachico diz que percebe a presença delas ao seu lado protegendo a Folia. Entendemos por aí a penúltima estrofe quando se salva a cruz e se pede aos *invisíveis* para guiarem a Folia e os seu componentes. Mas para ter as *almas* ao lado é preciso ter fé e principalmente agradá-las. Nada melhor do que cantar na morada das *almas* para deixá-las satisfeitas.

¹²⁰ O ritual, portanto, ao influenciar a emoção das pessoas aumenta sua eficácia. A importância dos aspectos emocionais dos símbolos rituais é trabalhada por Turner (1975:78-79) no que chama de “pólo orético”.

Que *almas* são essas que guiam a Folia? Primeiramente Tachico fala nas *almas* de antigos foliões que ficam satisfeitos e passam a ajudar a Folia. Outras *almas* que parecem ajudar a Folia são as dos pretos-velhos. Nesse caso, evidencia-se o velho *Arranca Toco* que, segundo Tachico, acompanha sua Folia desde o começo e é um dos maiores protetores. “*Ele cumpanha, a gente que não vê ele, mas ele cumpanha. É o velho Arranca Toco. Qualquer furo que eu deixar ele vai me cobrar, né? Ah, cobra! Ele ficou satisfeito o primeiro ano que eu fui lá em cima... Ele falou comigo lá no centro. Ele falou: ‘eu tava lá do lado, eu tava lá te espiando’.*”

A ida ao cruzeiro visa a estabelecer contato entre a Folia e as *almas*, tanto de antigos foliões quanto de pretos-velhos. Essas *almas*, os *invisíveis*, guiam aquela Folia, portanto, é fundamental agradá-las. A subida ao cruzeiro pode ser entendida como um ato de fé que reafirma e atualiza o contato com as *almas*. A Folia, católica, vai pedir proteção às *almas* no cruzeiro e aos pretos-velhos no *centro*¹²¹. Ambas as práticas, na ótica de Tachico, não estão em contradição com outros momentos da Folia, como a *reza do terço*, por exemplo. Seguindo meu informante, podemos vê-las como recursos diferenciados que trabalham conjuntamente para um mesmo fim: trazer proteção para a Folia. Seja em uma casa, no *centro* de umbanda ou no cruzeiro, como diz Tachico, a *missão de Santo Reis é uma só*. Talvez possamos explicar essa conjugação de práticas aparentemente contraditórias, observadas no caso de Tachico com o que Da Matta (1987) denomina “princípio relacional” encontrado na sociedade brasileira: a capacidade do brasileiro em articular tendências distintas.

Diferentemente também das interpretação do sincretismo que tomam o africano como matriz e o católico como uma espécie de disfarce, máscara, podemos, nesse caso,

¹²¹ Na bibliografia específica sobre Folia de Reis que consultei, o único estudo que menciona a relação entre Folia de Reis / umbanda é o de Monte-Mór (1992). Talvez reflita um fenômeno particular do Estado do Rio de Janeiro, não presente em outros contextos. Entre os 8 foliões que entrevistei 4 *trabalham* na umbanda. Inclusive ouvi da boca de um companheiro antigo de Tachico a seguinte frase: *tem muito folião que sabe mexer com os pauzinhos*. Ele estava se referindo a grande quantidade de foliões, incluindo Tachico, que são da umbanda.

inverter a equação? Será que estamos diante de um sincretismo que parta do católico? Um sincretismo às avessas? O católico, nesse sentido, seria o envolvente?¹²²

2.3. A visita à casa de uma *devota promessa*

Eu sou devota dele (ela se refere aos Santos Reis). Todo ano eu recebo a Folia. Aí ano passado eu fiz uma promessa. Se eu conseguisse, aí eu ia dá um jantar pra ele (Tachico) ou um almoço. Aí eu consegui metade aí eu vou dar um jantar. Se ano que vem eu consegui o restante, vai ter outro jantar.

A Folia está cantando na casa de uma tia de Tachico, uma senhora de 101 anos. Sua filha recebeu a bandeira na porta da casa e levou-a para a sala, seguida do *bandeiro*, *folião*, *contra-mestre* e demais integrantes. Os palhaços permanecem na rua e só o *vovô* entra pelo portão e fica na porta de entrada da sala, observando a cantoria de chegada. Após cantar o *trecho* da *chegada de casa* é servido um café para todos. Tachico diz para os donos da casa não repararem que a visita é rápida, pois eles têm um jantar marcado em uma casa na outra rua e já estão atrasados¹²³. Após o café, canta-se o *agradecimento*, e a Folia retira-se da casa com Tachico dizendo “*tudo de bom para a senhora, que Santo Reis dê muita saúde para a senhora e a família. Até para o ano que vem se Deus quiser*”.

¹²² Para uma interpretação que parta do africano ver Bastide (1971). Dentro dessa perspectiva, o sincretismo é visto negativamente e privilegia-se a investigação de cultos com elevado grau de “pureza”, como o *candomblé* tradicional *ketu* e *gêge* em relação ao *candomblés banto*, *angola* ou de *caboclo*, que já apresentam grau elevado de mistura. O problema do sincretismo passa a ser visto a partir da perspectiva *aculturativa*. Nessa direção, os dois sistemas – africano e católico – são encarados como unidades sociais que, em determinado momento, entram em contato, criando-se, como resultado, um terceiro sistema (*sincrético*).

¹²³ Uma das coisas mais difíceis e que a todo custo é evitada pelo *folião* é marcar hora para visitar uma casa. No caso de uma promessa a ser cumprida, com o oferecimento de um almoço ou jantar, o *folião* até costuma marcar mais ou menos a hora em que deve chegar, mas dificilmente consegue cumprir, o que já é do conhecimento do *promesseiro*. Isso porque a Folia, enquanto anda pela rua, tem por obrigação entrar e cantar em todas as casas que a receberem. Não pode de maneira alguma, sob pena de castigos dos Santos Reis, recusar um pedido. Se o dono da casa pedir que se cante o *nascimento* inteiro ou se a Folia encontrar um *presépio* montado, a cantoria prolonga-se. É difícil, portanto, prever de antemão o tempo de permanência em uma dada localidade.

Nesse momento, saio rapidamente na frente e vou para a casa que vai oferecer o jantar. Chego lá e encontro duas mulheres na cozinha, terminando de preparar o jantar: arroz, carne assada, maionese, macarronada, tutu, farofa e frango assado. Tudo com muita fartura. As crianças da casa não param de correr, muito agitadas com a proximidade da Folia, que já é ouvida ao longe. Eram cerca de oito horas da noite e uma delas, a *promesseira*, disse que estava desde as 13:00 hs preparando o jantar. Ao perguntar sobre qual era a promessa, ela desconversou e disse que era segredo, não podia dizer, “*só depois que acabar de completar*”. Só dizia que aquele era um dia muito especial em sua vida.

O volume da batida da *marcha de rua* aumenta, sinalizando que a Folia já está perto da casa. Vamos para a frente da casa e vemos a Folia se aproximar. A bandeira vem na frente, Tachico logo atrás. Os palhaços vêm apitando e dançando ao som da *marcha*. Ao sinal de Tachico faz-se silêncio, ele se aproxima tendo ao lado a bandeira e aperta a mão da dona da casa. O *vovô* não pára de falar. Ele pergunta “*cadê a mãe do Pedro?*” (que é a dona da casa). Alguém responde: *tá aqui!* Ele fala, entre palavras indecifráveis, expressões do tipo: *madrinha, ô madrinha, cheguei, tá?*

O bandeiro passa a bandeira para a *promesseira* na porta de entrada da casa, e esta conduz a *guia* para um dos cômodos. É comum o dono da casa levar a bandeira aos cômodos da casa, pois acredita-se que ela, sendo sagrada, tem poderes de abençoar e de tirar energias negativas de um lugar¹²⁴. Nesse momento, Tachico pede licença e entra na casa, seguido dos instrumentistas, do baixão e do requinta. O sanfoneiro entra, ficando próximo à porta. O caixeiro e o bumbeiro permanecem do lado de fora da casa, ficando este último mais perto da porta. O *vovô* continua a falar, do lado de fora, pergunta se tem comida, mexe com as crianças.

Já dentro da casa, Tachico olha para os companheiros, afina os instrumentos e chama as crianças de requinta e baixão para ficarem do seu lado. Como há um menino que está aprendendo, ele convoca um outro para ficar do lado dele, ensinando. O mais velho dá conselhos do tipo: *abre mais a boca!*, além de cutucar no ombro do novato na hora em que

¹²⁴ Tachico contou situações em que os donos da casa pedem para passar a bandeira no corpo de uma pessoa doente.

deve ser dado o *grito*. O folião faz um sinal com a cabeça para o sanfoneiro e este começa a tocar, dando início à cantoria. Na entrada da cantoria, nota-se que Tachico está com pouca voz. Imediatamente, ele olha para dois integrantes da Folia e sinaliza com os braços da viola chamando-os para ajudarem na resposta.

*Recebeu minha bandeira
com prazer e alegria
já mostrou que é devoto
de Jesus, José e Maria*

*Minha devota da morada
Deus lhe pague quando eu for
Deus lhe dê um feliz natal
e um próspero ano novo*

Após essas duas quadras iniciais, Tachico canta o *trecho* de *entrada de casa* descrito na página 12. A diferença em relação ao já descrito está nos últimos versos, que se dirigem à *devota* no intuito de pagar sua promessa :

*Saímo com essa bandeira
pra uma promessa pagar
em qualquer dificuldade
meus 3 Reis vai dar a mão*

O jantar e a cantoria de agradecimento

Terminada a cantoria, Tachico aperta a mão do dono da casa, que havia chegado há pouco. Todos conversam descontraidamente até que a dona da casa os chama para a varanda, onde será servido o jantar. Tachico olha para a comida e diz: *aqui tem comida para 3 Folias!* As pessoas são servidas pelas donas da casa e por um integrante da Folia. Todos comem juntos¹²⁵. Após terminarem, Tachico levanta-se e fala: *agora vamo*

¹²⁵ Na Folia da Mangueira, os palhaços não comem juntos aos demais integrantes. Estive presente *na festa do remate* em 2001 e 2003 e notei que primeiro os integrantes da Folia sentaram à mesa, jantaram e só depois foi servido o prato para os palhaços, que comeram cada um em um canto. Na Folia pesquisada, não existe esse tipo de restrição, todos comem ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

agradecer! A Folia volta para a sala, os palhaços ficam do lado de fora, e canta-se o *bendito*, comum após as refeições¹²⁶:

*Bendito louvado seja
é o santíssimo é o sacramento
os anjos todos os anjos
louvamo a deus para sempre amém*

*Bendito louvado seja
pelo pão que nos deu hoje
e amanhã por todo dia*

*São Pedro rezou a missa
São João rezou o altar
e Jesus Cristo rezou em seu pão
para nunca mais faltar*

Após o *bendito*, canta-se o *agradecimento* propriamente dito:

*Jesus Cristo perguntou
quem tratou do folião
respondeu Nossa Senhora
foi o filho da benção*

*Eu agradeço o bom jantar
que matou a nossa fome
lá na glória vai achar
do manjar que os anjos comem*

*Eu agradeço o bom café
que nos deu bem acompanhado
lá na glória vai achar
feito no calix sagrado*

*Minha devota da morada
por favor trás a bandeira
mas ela é a nossa guia
e a nossa mãe verdadeira*

¹²⁶ Brandão chama de “bendito de mesa”. Nas Folias por ele pesquisadas, acontece em volta da mesa logo após as refeições e sem instrumentação. No nosso caso, ele é cantado seguido do instrumental característico da Folia e se dá no interior da sala da casa.

Nesse momento, a dona da casa chega com a bandeira nas mãos. Tachico percebe que tem uma nota de dinheiro amarrada em uma de suas fitas. Por causa desse sinal ele puxa os seguintes versos:

*Meu companheiro folião
tem dinheiro na bandeira*

*O meu menino de requinta
eu quero que preste atenção
tira o boné da cabeça
e bota seu joelho ao chão*

*Faz o seu sinal da cruz
e faz as suas oração
pega a oferta da bandeira
vai tirar com a própria mão*

*Já tirou esta oferta
pode alevantar do chão
tira a oferta da bandeira
você entrega ao folião*

Toda essa seqüência de versos é seguida da movimentação correspondente do requinta. É interessante notar aqui, mais uma vez, o poder das palavras em gerar ações correspondentes. Nesse caso, o requinta, assim que ouve o verso, faz a seguinte seqüência de ações: tira o boné, ajoelha em frente à bandeira, faz o sinal da cruz, pega a oferta, levanta-se, entrega para o folião, põe o boné na cabeça e volta para o seu lugar. Nota-se aqui o poder performativo da ação e a eficácia das palavras, que produzem resultados no momento em que são ditas. A cantoria continua:

*Eu agradeço a rica oferta
dada de bom coração
só quem pode dar o pago
está segura em vossa mão*

Exaltam-se aí os poderes da bandeira. É ela quem vai dar o *pago*. Nesse sentido, a Folia pode ser vista como mediadora entre os Santos Reis, o plano sobrenatural, que age por meio da bandeira, e o *devoto*, aquele que faz a promessa.

Devota dona da casa

*mas ela tem bom coração
em qualquer dificuldade
os meus Três Reis lhe dará mão*

*E o mais adeus adeus
até pro ano que vem
todos aí fica com Deus
pede a Deus por nós também*

*O meu nobre bandeiro
eu quero que preste atenção
pede licença à devota
e põe a bandeira na mão*

O bandeiro pega a bandeira da dona da casa e bem lentamente vai se direcionando para a porta de saída, mantendo a bandeira de frente para a sala. Nessa hora todos os moradores daquela casa vão à bandeira e beijam as fitas, despedindo-se assim da Folia e daquele símbolo sagrado.

*Se despede do senhor
e da senhora e as crianças
fala para os seus parentes
que os meus Três Reis deixou lembrança*

A Folia vai saindo da casa e canta o último verso já do lado de fora.

*Com a licença da devota
eu vou parar meus instrumentos*

A Folia como espaço de trocas rituais

No caso da Folia de Reis, observa-se que a interação entre folião e *devoto* é central para entendermos o ritual. Quando visita um *devoto*, a Folia está levando a benção de Santos Reis para aquela casa e seus moradores, pagando promessas, salvando presépios e santos, enfim, atualizando relações sociais de parentesco, vizinhança e amizade. O *devoto*, por sua vez, retribui a visita de várias formas: na maioria das vezes, oferece tanto dinheiro

para a bandeira, quanto comida - que pode ser um simples café até um jantar¹²⁷. O dinheiro, às vezes, é amarrado nas fitas da bandeira e, nesse caso, deve ser retirado ritualmente. No meio da cantoria, quando percebe tal fato, o folião canta versos em que pede para o requinta ajoelhar na bandeira e retirar o dinheiro¹²⁸.

Em outros casos, o dinheiro é dado pessoalmente nas mãos do folião durante a cantoria e, nesse caso, também se canta agradecendo, mas não há os atos rituais descritos acima. O agradecimento das comidas é feito com cantoria própria, que acontece no momento posterior, quando o lanche ou o jantar já foi servido. Neste último caso, canta-se um *bendito* antes do agradecimento propriamente dito. Quando a oferta é menor, vai-se direto ao agradecimento.

A Folia, após cantar agradecendo as ofertas, deve convidar os *devotos* para os festejo dos Santos Reis, que, nessa região, é denominado *baile de Reis*. Essa seqüência formal de atos envolvendo, de um lado, os *devotos* e de outro a Folia se repete, com pequenas variações, em cada casa visitada. O valor da reciprocidade é ritualmente expresso na dinâmica: cantar levando as bênçãos dos Santos Reis / receber oferta / agradecer desejando saúde e convidando para a festa. Em todos os casos, observa-se a centralidade da cantoria. É por meio dela que o folião se comunica com os *devotos*, conduzindo as trocas características do ritual¹²⁹.

A importância da dimensão interativa do ritual é revelada quando observamos as trocas que ocorrem entre a Folia e os *devotos*. Obviamente são trocas formalizadas. Afinal de contas, estamos lidando com um ritual, que, em sua própria definição, envolve a dimensão formalizada, prescritiva e invariável. Mas, apesar de ter um formato, essas trocas são, em parte, construídas durante a performance. O folião nunca sabe o que vai encontrar

¹²⁷ Tachico diz que antigamente a Folia recebia mais ofertas. Era comum oferecerem alimentos: arroz, feijão e animais como frangos, porcos e até garrotes. Existia até uma pessoa encarregada de levar as ofertas. Essa pessoa conduzia uma cesta, que segundo Tachico, sempre estava cheia de alimentos. Ao se referir ao passado ele diz: “*Naquele tempo tinha muito mais fartura*”.

¹²⁸ Em duas outras Folias da região quem retira o dinheiro é o mestre dos palhaços que entra na sala sem a máscara. Salvo essa diferença, a seqüência de atos rituais é a mesma.

¹²⁹ A cantoria, como bem disse Brandão, “*É um modo de oração coletiva e uma forma simbólica de comando de atuações rituais*” (Brandão 1977:8). Para um estudo específico sobre a música nas Folias de Goiás cf: Moreyra 1981).

em uma casa – se um presépio, determinados quadros de santos, imagens - e nem como o *devoto* vai recebê-lo. Além disso, o próprio folião nem sempre age da mesma forma diante de uma mesma situação. Quando observamos a visita da Folia em duas casas, vemos as diferenças, mesmo que em ambas exista presépio montado e Tachico cante o *nascimento*, por exemplo¹³⁰.

O ritual da Folia, portanto, não se reproduz de modo mecânico, sem modificações. O conhecimento do folião, que vimos no capítulo anterior, vai ser posto em prática diferentemente de contexto para contexto. Existem pequenas variações que, longe de representarem um detalhe sem maior importância, são reveladoras de como o ritual repete, formaliza ao mesmo tempo em que cria, gera e constrói. A Folia de Reis, nessa perspectiva, é encarada como um ritual que, em grande parte, é construído na própria interação com os *devotos* (Schieffelin 1998).

A eficácia das promessas

Mas afinal, o que é a promessa? Por que ela é eficaz e traz efeitos benéficos para as pessoas? Primeiramente podemos pensá-la como um contrato que o *promesseiro* estabelece com o santo de sua devoção. Em geral, pede-se ao santo para ajudar na resolução de problemas concretos, do dia a dia, em que se observa algum grau de incerteza, como os relacionados com doenças as mais diversas¹³¹. A promessa, então, passa a ser estratégica, para percebermos as relações entre a dimensão ritual e cotidiana. O ritual não deve ser visto como um plano destacado em relação ao cotidiano. Analisando as promessas percebe-se

¹³⁰ Tambiah notou muito bem esse ponto quando diz “*every field anthropologist knows that no one performance of a rite, however rigidly prescribed, is exactly the same as another performance because it is affected by processes peculiar to the oral specialist’s mode of recitation, and by certain variable features such as the social characteristics and circumstances of the actors which (aside from purely contingent and unpredicted events) affect such matters as scale of attendance, audience interest, economic outlay, and so on*” (1985:125).

¹³¹ Na pesquisa de campo ouvi promessas para os mais variados problemas, desde os relacionados com bebida, até pedidos de emprego. Mas o mais recorrente são promessas para a cura de doenças. Como não foi meu objetivo, nos limites dessa dissertação, aprofundar essa questão, apenas sinalizo sua importância para futuras investigações.

que elas ajudam na resolução de problemas concretos do dia a dia. As promessas dramatizam alguns aspectos da vida das pessoas comuns das classes populares, principalmente os relacionados às incertezas e perigos ¹³².

O contrato estabelecido envolve relação de reciprocidade: se a graça for alcançada e o pedido realizado, a *promesseira* deve retribuir ao santo de variadas formas, conforme acordado previamente. A Folia entra como espécie de mediadora entre a *promesseira* e os Santos Reis. As trocas, o contrato estabelecido com o santo, para ser cumprido, deve ter a ajuda da Folia. Nesse sentido as promessas também implicam um sistema de trocas sociais – reafirmação de laços de parentesco, vizinhança – envolvendo uma rede de indivíduos. Para cumprir uma promessa aos Santos Reis, a *devota* deve chamar a Folia em sua casa, o que cria aproximação, reforçando os laços sociais entre esses diferentes atores.

Tachico, em vários momentos, diz que os Santos Reis são milagrosos, mas com a condição do *devoto* ter *fé*. A *fé* passa a ser categoria central e um pré-requisito necessário para o sucesso na obtenção da graça. Tanto os *devotos* quanto o folião confiam nos poderes milagrosos dos Santos Reis e costumam estabelecer contratos, por meio das promessas, para a resolução de problemas. Para o sucesso da promessa, a pessoa deve ter *fé* e cumpri-la conforme o combinado, seja organizando uma Folia e saindo 7 anos, seja recebendo uma Folia e oferecendo um jantar, por exemplo. Tudo depende de como o contrato foi feito. As inúmeras histórias de casos concretos de milagres podem ser ouvidas a toda hora, legitimando assim a confiança e a certeza nos poderes do santo.

O sagrado, nesses casos, estaria a serviço do cotidiano, dos problemas concretos? A relação entre os dois domínios como dimensão importante da religiosidade popular foi notada por diferentes autores ¹³³.

¹³² Sobre a necessidade de estudar os rituais de uma sociedade em relação com seu cotidiano ver Da Matta (1979).

¹³³ No contexto da religiosidade popular brasileira autores como Fernandes (1982) e Zaluar (1974) notaram a relação estreita – através da categoria promessa - entre o domínio do sagrado e as incertezas do cotidiano. “*Está bastante claro que em todos os casos de promessas mencionados por ambos os autores, fosse a ajuda do santo protetora ou produtiva, tentavam-se controlar acontecimentos cujo rumo não era possível prever de modo seguro, dadas as condições de vida das populações estudadas e o seu universo ideológico...por meio das promessas e da devoção aos santos procurava-se justamente transformar as incerteza e indeterminação em certeza e determinação*” (Zaluar 1974: 92-94).

2.4. A *chula* dos palhaços

A Folia está no Formigueiro, bairro mais populoso de Rio das Flores e onde maior é o número de pessoas que acompanha a *jornada*. Tachico está cantando o agradecimento na casa de Barbosa, *devoto*, que é seu compadre. Todo ano ele recebe a Folia e, além de gostar da cantoria, faz questão de ver os palhaços brincarem. Na sala de sua casa, a Folia está finalizando mais uma visita, cumprindo mais uma obrigação e realizando, com os *devotos*, as trocas simbólicas características do ritual. Após o lanche oferecido, o folião canta, pedindo aos 3 Reis do Oriente que abençoem aquela família. Também os convida para os festejos dos Santos Reis. Do lado de fora, no espaço entre a casa e a rua, alguns poucos homens ouvem atentamente a cantoria.

Ao sair do espaço interior da casa e, passando por um portão, vou para a rua, deparo com outra paisagem, em quase tudo diferente da que vemos no interior da casa. Muitas são as crianças, contei umas 50, em sua maioria correndo, imitando a dança dos palhaços; estes, por sua vez, estão dispersos pelo local, conversam com amigos, paqueram as meninas, mexem com as crianças, esperando a hora de entrar em cena; pequenos grupos de meninas adolescentes conversam descontraidamente; adultos também batem papo, enquanto a Folia termina seu ritual dentro da casa. O espaço é de sociabilidade, de encontro e convívio entre vizinhos, parentes e amigos. Da rua, só se ouve, ao longe, o *grito* do requinta e baixão além da característica batida do bumbo e da caixa.

Entro novamente dentro da casa e percebo que a Folia canta os seguintes versos

*Meu sagrado bandeiro
eu quero que presta atenção
pede licença a devota
e põe a bandeira na mão*

O bandeiro pega a bandeira e se direciona para a porta de saída. É sinal que a cantoria está terminando. Os palhaços, então, levantam-se, vão chegando e juntam-se do lado de fora, na rua. Ouve-se a última virada da caixa, é o final da cantoria. Aos poucos, os integrantes da Folia chegam do lado de fora e assumem suas posições, para iniciar a *chula* dos palhaços. A disposição das pessoas é em roda, numa espécie de arena¹³⁴.

Os palhaços ficam abaixados, um ao lado outro, tendo o *vovô* - o mestre dos palhaços - em um extremo e o contra-mestre dos palhaços no outro extremo. Os palhaços estão de frente para a bandeira, e os músicos, sanfoneiro, caixeiro e o bumbeiro estão no outro lado da roda. Entre os palhaços e os músicos estão os donos da casa, de costas para a entrada da casa. As pessoas que estão na rua, dispersas em pequenos grupos conversando, juntam-se e fecham uma grande roda. As crianças param as brincadeiras, correrias e vão para a roda olhar atentamente o momento mais esperado da Folia: a *chula*. Agora é a hora dos palhaços, do riso, da brincadeira, do divertimento, do profano. Os donos da casa e todos os presentes estão envolvidos e participam ativamente desse ritual que, em tudo, parece contrastar com a cantoria reservada no interior das casas¹³⁵.

É o *vovô* quem comanda a *chula*. Ele é a autoridade maior, controlando tanto os músicos quanto os seus comandados, os demais palhaços. As pessoas se referem aos palhaços como *as crianças do vovô*. Tachico está em um canto, fumando seu cigarrinho característico e conversando com outras pessoas. Ele observa, de longe, a brincadeira, não interferindo em momento algum, o que difere de sua postura de comando em todos os outros momentos rituais. Mas devemos relativizar a não participação do folião durante a *chula*. Na prática, observamos que ele realmente fica em segundo plano e não interfere no desempenho dos palhaços. Parece ser mais um espectador, às vezes até mais desinteressado do que a maioria. Mas em última instância, é ele o mestre e o dono da Folia, portanto, é quem tem mais capacidade para resolver determinados problemas que possam aparecer.

¹³⁴ Para uma análise que aponta a centralidade dos espaços públicos – locus não-oficial onde prevalece a brincadeira, o riso, a transgressão e a liberdade - na configuração da “cultura popular” medieval ver Bakhtin (1993) em especial o capítulo 2 intitulado “O vocabulário da praça pública na obra de Rabelais”.

¹³⁵ Autores como Frade (1997) e Brandão (1977) notaram esse contraste entre a performance dos palhaços e os demais momentos rituais. “O palhaço é um personagem da Folia. Ele acompanha a jornada da companhia e é um de seus membros. No entanto teremos várias oportunidades de ver que o seu comportamento ritual opõe-se ao de todos os outros” (Brandão 1977:5).

Por exemplo, durante uma *chula* pode acontecer de um palhaço *incorporar* e cair no chão passando mal. Nesse caso, é o mestre dos palhaços, o *vovô*, que deve resolver, mas se ele não conseguir é o folião, com seu conhecimento, que entra em ação. Sua visível não atuação é relativa pois como diz: “*Eu boto o mestre de palhaço lá mas tudo que acontecer é eu que sou chamado*”. Nesse ponto, entendemos a importância que os foliões atribuem ao fato de terem bons mestres de palhaços. Vários entrevistados disseram que, com um *vovô entendido* eles, foliões, ficam mais sossegados e seguros. O termo *entendido* não parece ser usado para se referir ao palhaço que fala bem os versos ou que faz acrobacias, por exemplo. O palhaço *entendido* é aquele que tem conhecimentos e meios para a resolução de problemas e embaraços que, por ventura, encontre durante a *jornada*¹³⁶.

Feitas as devidas ressalvas, voltemos à descrição. Para iniciar a *chula*, o *vovô* se levanta e pergunta para Barbosa, o dono da casa: *Ô padrinho, pode começar o trabalho?* Com a resposta afirmativa, ele dá um apito e os músicos começam a tocar uma marcha em ritmo lento, puxada pela sanfona e acompanhada pela caixa e bumbo. Os palhaços, que permanecem abaixados e com seus cajados ao lado, batem palma no ritmo na música. Com os braços, ele faz sinal para a música parar e se aproxima novamente do dono da casa e pergunta: *tá bom padrinho?* O dono da casa com a resposta na ponta da língua diz: *como é que tá bom? você não fez nada! vai ficar bom é agora*, sinalizando que quer ver os palhaços brincando, falando *poesia* e dançando.

O *vovô* então, após apitar para os músicos reiniciarem a música, vai dançando em direção ao primeiro palhaço, que se levanta e anda até o centro da roda. Após alguns movimentos de chegada, ele sinaliza para os músicos, que param de tocar. Parada a marcha, ele fala um verso, em geral se apresentando, e pede para a música recomeçar dizendo coisas do tipo: *um golinho, só um golinho!* Essa expressão é para o sanfoneiro continuar a puxar no ritmo lento e não no ritmo acelerado que caracteriza o *chula quente*. Com movimento

¹³⁶ Em conversa com Tachico e Ivanir eles disseram que antigamente havia um palhaço, de nome Osvaldo Cláudio que era *entendido*. Perguntei então se ele pulava bem e Ivanir respondeu: “*ele não era bom palhaço mas era entendido. Era um cara entendido, ele tinha até centro. Qualquer coisa que pintasse ele ... entendeu?*”

dos braços, a música novamente pára e ele fala seu segundo verso, que, em geral, é sobre temas diversos. Em sua maioria são histórias mirabolantes sobre seus próprios feitos, aventuras amorosas, encontros com almas do outro mundo, etc ¹³⁷.

Quando o palhaço termina de falar suas *poesias*, os outros soltam frases do tipo: *ah moleque! Esse aí é bom! Eta cabra danado!* O palhaço agora movimenta a mão rapidamente, indicando para o sanfoneiro puxar o *chula* rápido. Com o ritmo acelerado, ele começa a *pular*, como se referem à dança nessa Folia. Esse é o momento da dança, que consiste em rápidos movimentos das pernas e dos braços, como se estivessem realmente pulando. A dança é pesada, os movimentos são duros, principalmente na cintura. Desloca-se os ombros, braços e pernas. O efeito visual dos *farrapos* da *farda* balançando é muito bonito. Complementam a dança plantando bananeiras, dando cambalhotas, piruetas e até saltos mortais por cima do cajado que carregam¹³⁸. Muitas vezes *pulam* até o limite da resistência e, após o *vovô* pedir para encerrar a música com seu apito, jogam-se no chão e são retirados pelos outros.

Após o primeiro brincar, o *vovô* novamente assume o centro da roda e chama o segundo palhaço para fazer sua performance. Essa seqüência se repete até que todos os palhaços, que eram 8 nesse dia, brinquem. O último a brincar, chamado de contra-mestre, após realizar sua performance, entrega novamente para o *vovô* encerrar a *chula*.

Uma situação muito apreciada e que leva o público ao delírio é quando os músicos param de tocar e o palhaço continua pulando no ritmo do *chula*. Quando isso acontece os outros vão correndo para o meio da roda e pulam em cima do que está dançando e todos, juntos, caem no chão e rolam. Essa é a parte mais “quente” da performance dos palhaços e

¹³⁷ Alguns exemplos de versos estão em anexo.

¹³⁸ A maneira de dançar, o estilo da dança, depende do tipo de *farda* que veste o palhaço. Na Folia do Tachico a *farda* é de *farrapo*, diferente da *farda lisa* encontrada em outras Folias da região. No caso destas, a dança é o chamado *sereninho*, o palhaço pula numa velocidade maior e não faz as acrobacias que caracterizam a dança na *farda de farrapo*. Tachico conta que antigamente usava em sua Folia a *farda lisa*. Ele explica porque mudou: “É por causa do modo que vem, as Folias lá de Vassoura, então os palhaços vinha de fora e pedia pra botar 3 caixas porque a *farda pede*, a *farda de farrapo*. Porque a folia de uma caixa só é aquela *farda de revirão*, né? Igual a *saia*”.

onde há mais envolvimento do público. As crianças, sem dúvida, são as mais animadas, rindo o tempo todo, gritando quando os palhaços se jogam no chão. Outra situação que o público sempre pede é a *misturada*. Trata-se de uma dança coletiva de todos os palhaços. Geralmente é no final da *chula* e quem pede é o dono da casa. Os palhaços se reúnem no centro da roda e ao som do *chula* rápido eles dançam juntos, um esbarrando no outro, caindo no chão, o que leva o público ao delírio.

A importância da interação palhaços / devoto na chula

O dono da casa não só observa a *chula*, mas participa ativamente de seu desenvolvimento. É comum e fundamental seu diálogo com os palhaços. Estes, após brincarem, vão em direção ao *devoto*, apertam sua mão e fazem perguntas do tipo: *tá bom padrinho, ou quer mais?! Se ele disser que não está satisfeito, o palhaço tem que pular mais. Todos já tinham brincado, só faltava o vovô. O diálogo que se segue é entre Barbosa, o dono da casa, e o vovô,*

- Vocês quer pagamento ou não?

-Não, não precisa não.

-Ah, eu vou fazê o pagamentinho.

-Então tá valendo, ué!

-Ô vovô? Vamo fazê um movimentinho aí! Tu tá meio véio, mas vai bem devagarzinho!

-Bem devagar? Então, bem devagar.

A música começa e ele se movimenta lentamente sem sair do lugar, o que cria situação cômica e leva as pessoas ao riso. Depois de alguns segundos, o *vovô* manda parar e diz para o *devoto*:

-Agora valeu?

-Não, num valeu..

-O senhor falou que era bem devagar.

-Devagar mas tem que ser mais um pouco.

A música continua e o vovô fala seu verso:

*Padrinho Barbosa?
eu num bebo da água fria
só tomo da água quente
eu fui cangaceiro de Lampião
no sertão maranhense
o bafo do lagarto é frio
o bafo da onça é quente
eu não venho na sua casa
seu cachorro morde a gente
não passo ... cabeça
passo a cabeça nos dente
se o tenente chega na farda
farda chega no tenente
se a gente não chega na farda
a farda chega na gente
padrinho,
desejo pro senhor um feliz ano novo
quem lhe dê o pagamento é os 3 Reis do Oriente.*

O ritmo esquenta, e o vovô dança o *chula* quente. Quando termina e em meio ao riso geral, Barbosa diz: *velho tem que ser devagarinho... por causa do coração.* Ele, a seguir pergunta: *ô miudinho, cadê o miudinho? Ô pequeneninho, tá aqui o pagamento.* Ele entrega umas moedas para Rodolfo, neto de Tachico e o mais novo palhaço da Folia, com 8 anos. Após dar os trocados, diz para ele: *cuidado... senão eles te tomam!* Os outros fazem uma enorme algazarra e, aos gritos, formam uma fila e, de um a um, recebem o pagamento. A bandeira então assume a frente novamente, e os músicos tocam a *marcha de rua* com a qual a Folia começa a caminhada, seguindo até a próxima casa recebê-la.

O sagrado e o profano na Folia de Reis?

Comparando a cantoria no interior das casas com a *chula* na rua percebemos que, na Folia de Reis, os espaços são diferentemente sacralizados e estão claramente demarcados: palcos de práticas e ritos específicos.

De um lado, a cantoria no interior das casas está envolvida por uma aura de seriedade e sacralidade. Trata-se de um espaço privado, e as interações e trocas rituais vão se dar de modo restrito entre, de um lado, a Folia e, de outro, o *devoto* e sua família. A cantoria nas casas versa sobre as *profecias*, passagens do *nascimento* e *batizado* de Jesus, além das louvações e *agradecimentos* aos donos da casa ⁴².

De outro lado, a *chula*, a rua, o espaço público, o lugar da brincadeira, do descontrole, do liminar. Os palhaços abraçam-se, pulam no chão, dão piruetas, mexem com as pessoas, com os donos da casa. Os versos, na maior parte, têm como temas assuntos profanos, casos amorosos, feitos e encontros impossíveis. O povo, que não participa diretamente do ritual nas casas, durante a *chula*, toma parte ativa - ri, grita e faz comentários. É cena comum após terminar a *chula* ver crianças com um pano na cara pulando, imitando os palhaços. O controle da *chula*, diferentemente das outras etapas do ritual, guardadas as ressalvas já feitas, não está na mão do folião, mas, sim, com o *vovô*. É ele quem apresenta as suas *crianças para brincar*. É dessa forma que os outros palhaços são vistos: como crianças que têm como dono o *vovô* ⁴³.

Essa aparente dicotomia parece ser uma importante dimensão da Folia. À primeira vista, o pesquisador se vê diante de um ritual que marca simbolicamente e separa espacialmente dois universos: o da casa, privado e sagrado, onde a Folia, por meio da visita, cumpre promessas e leva bênçãos; e o público, da rua, das conversas, do profano, da brincadeira dos palhaços. Digo à primeira vista já que, ao aprofundarmos as observações sobre esses dois momentos rituais, percebemos, assim como notou Da Matta (1979) para a

⁴² Alguns versos do *agradecimento* dirigem-se diretamente ao devoto e sua família, seja pedindo aos Santos Reis que lhes dê saúde, seja desejando sorte nos negócios.

⁴³ Observando a *chula* percebe-se que a relação entre o *vovô* e os demais palhaços se assemelha ao que Radcliffe-Brown denominou “parentesco por brincadeira”. Este termo procura dar conta da tendência à aproximação e igualdade observada nas relações entre gerações alternadas, contrastando com o respeito e desigualdade em outros tipos de relação – como entre pai e filho. “*Em muitas sociedades verifica-se um verdadeiro parentesco por brincadeira, em geral de tipo relativamente suave, entre parentes de gerações alternadas. Os netos zombam de seus avôs e daqueles que são chamados avô e avó pelo sistema classificatório de terminologia*” (1973:123).

dicotomia casa / rua, que eles estão relacionados e se articulam de modo complexo⁴⁴. A questão é: como pensar essa dicotomia que, de certo modo, estrutura o próprio ritual?

Sem abandonar nossas impressões iniciais, podemos agora, com uma reflexão mais cuidadosa, dar um passo além, tornando a dicotomia menos rígida. Comparando a *chula* com a cantoria não podemos deixar de notar as diferenças: de um lado as orações, cantos devocionais, referências as passagens bíblicas; de outro, o riso, a dança, a brincadeira, a festa. Mas o ponto é perceber que não se tratam de duas dimensões independentes e autônomas. A *chula* só pode se entendida em sua relação com a cantoria e vice versa . Seria impensável, do ponto de vista de Tachico, uma Folia sem palhaços e, conseqüentemente sem a *chula*. Como vimos no primeiro capítulo a justificativa para a presença desses personagens, assim como para a própria existência da Folia, é encontrada em uma mesma fonte: a Bíblia.

Portanto, apesar de observarmos o corte espacial e simbólico entre os dois momentos, eles só existem na inter-relação. Frade, em suas pesquisas sobre Folia de Reis no Estado do Rio de Janeiro chegou à conclusão semelhante e usou a sugestiva idéia de “oposição complementar” para pensar essa relação. Para ela a oposição devocional / festivo deve ser problematizada se tomarmos o ponto de vista dos foliões:

“Talvez por essa razão, na Folia de Reis, não ocorra enfrentamentos com situações de guerra que resultam em vencedores e vencidos. Existe sim uma oposição complementar, uma convivência entre opostos, reveladora de suas essências não absolutas, mas relativas” (Frade 1997: 121).

2.5. 6 de Janeiro: dia de Santos Reis e o retorno da Folia

⁴⁴ “De fato, o único modo de entender corretamente esse quadro dicotômico é procurar vê-lo tanto na sua lógica quanto nos seus movimentos e articulações, pois é na sua dialética – nas suas relações recíprocas – que poderemos escapar realmente do congelamento a que freqüentemente conduz a visão tipicamente formalista ou taxonômica” (Da Matta 1979:74).

Era uma Segunda-feira, 6 de Janeiro de 2003, o último dia da *jornada* da Folia. Chego na casa de Tachico às 13 horas, hora marcada para o pessoal lá se encontrar. Chovia muito nessa ocasião, e Tachico, demonstrando preocupação, dizia ainda ter muita casa para visitar, não podendo deixar furo com os *devotos*¹³⁹. A Folia estava *fechada* na entrada da cidade, em um bairro de nome Pombal. O plano do folião era cantar por alí em mais algumas casas e voltar andando para o bairro dos Ingleses, visitando as casas que, pelo caminho, recebessem, até chegar em sua casa e fazer o encerramento. Ele comentou também que, perto de sua casa, tinha uma promessa para pagar e que a *devota* tinha preparado um *lanche caprichado*, portanto, não poderia deixar de cantar lá. O dia 6 de Janeiro é sempre assim, corrido, e o tempo fica curto para cumprir todos os compromissos. Afinal de contas, é o último dia da *jornada* anual da Folia, a última oportunidade de ir às casas e levar as bênçãos de Santos Reis para os *devotos*, que, muitas vezes, esperam e se preparam para essa visita. Mas esse ano a situação era ainda mais complicada, pois a chuva impedia a saída da Folia.

O pessoal foi aos poucos chegando, mas não se percebia nenhum movimento de que iriam sair, o que só ocorreu às 18 horas, quando a chuva deu uma estiada. O pessoal foi então andando rapidamente até chegar à casa em que a Folia iria abrir aquele dia. Nesta casa, depois de agradecer o *posou*, Tachico juntou o pessoal e fez a seguinte recomendação: disse que o tempo estava muito apertado e que a Folia ainda tinha muitas casas para visitar, portanto as visitas seriam curtas assim como reduzida deveria ser a parte da *chula*. Em algumas casas notei que, na *chula*, os palhaços não falavam os versos, só dançavam um pouco. A cantoria foi reduzida e simplificada ao máximo. Notei também que o sanfoneiro não fazia mais o *estribilho* demorado entre a cantoria e a entrada da percussão. Em geral, após terminar de cantar Tachico dizia para os *devotos*: *não repara não, que o tempo tá curto, não podemos demorar*¹⁴⁰.

¹³⁹ Nesse ano a Folia, segundo o próprio folião, andou pouco em relação aos outros anos. Comparando com o ano anterior, a Folia não visitou lugares importantes como o Formoso, comunidade rural onde existem muitos *devotos*. A explicação de Tachico para tal fato é dupla: primeiramente atribui aos encontros de Folia que teve que participar; segundo, diz que o pessoal atrasava muito nas saídas diárias.

¹⁴⁰ Nesse dia, diferentemente de todos os outros, notei que quem segurava a bandeira não era o Pedro. Soube depois que era um antigo bandeiro da Folia e que, por promessa, deveria todo ano carregar a bandeira no mínimo em 7 casas.

Às 22 horas, a Folia, que já tinha visitado 7 casas, deixava o Pombal em direção ao bairro dos Ingleses, onde ainda precisava cantar em algumas casas antes de retornar para a casa de Tachico. No caminho, uma *devota* pede a bandeira, outra quer ouvir a cantoria. A Folia prontamente realiza, seja só para receber a bandeira seja mesmo para pagar uma promessa ou cantar em um presépio. Em algumas casas, Tachico descansa e deixa Ivanir cantar em seu lugar. A prática de deixar o contra-mestre cantando *de frente*, é comum e pode ser notada em variados momentos do ciclo.

Já é uma da manhã quando a Folia chega no bairro dos Ingleses mas, antes de seguir para a casa de Tachico, vira em uma rua e sobe extensa ladeira, para cantar na casa de uma *devota*. Já estamos no dia 7 de Janeiro, e a Folia ainda tem tempo de pagar uma última promessa. Em troca é servido um delicioso bolo de carne com refrigerante. Todos comem e, rapidamente Tachico inicia o *agradecimento*¹⁴¹. Após a cantoria, acontece uma *chula* bem rápida e a Folia, então, desce a ladeira e toma o rumo da casa do folião. No caminho, a Folia ainda canta em mais duas casas, sendo que, na última (ao lado da de Tachico), entra-se com a *alvorada*. Em torno das duas horas da manhã, e já tendo visitado mais de 10 casas, a Folia finalmente está chegando a seu destino. Mesmo sendo tarde da noite muita gente acompanha a bandeira. Assim como no dia da saída, no dia da chegada muitos parentes de Tachico estão presentes, suas irmãs, filhos, netos, sobrinhos e noras. Todos esperam o encerramento de mais uma *jornada*.

D. Judith assume o papel de *devota* da morada, assim como no dia da saída. Quando a Folia está saindo da casa vizinha, Judith corre na frente, entra em casa, fecha a porta, apaga as luzes e espera o retorno da Folia e de sua bandeira sagrada. A escuridão toma conta do cenário e só vemos, na entrada da casa de Tachico, as luzes de pequenas lâmpadas de natal formando um desenho da estrela da guia. Como a porta está fechada e a luz apagada, a Folia deve cantar a *alvorada*. É o momento do retorno da bandeira ao ponto de saída, é a finalização de mais um ciclo. Talvez esse seja o clímax da *jornada* ritual. O

¹⁴¹ Durante a *toada*, ele olha com reprovação para fora da casa, onde estão o bumbeiro e o caixeiro. Quando termina a cantoria, Tachico comenta que eles estavam acelerando demais o ritmo e diz: “*eles não vão nos*

momento é de grande emoção, um misto de tristeza, por ter que esperar um ano até recomeçar a Folia e o convívio intenso com seus integrantes, e de alegria, por ver a *missão* cumprida mais um ano.

A Folia aproxima-se da porta de entrada em silêncio, não se ouve som algum. O *bandeiro* leva a bandeira até quase encostar na porta, que permanece fechada. Tachico e Rezinho, o requinta e o baixão tomam as suas posições, assim como os demais integrantes. Os dois meninos não escondem o cansaço, de vez em quando dão uma boa bocejada e coçam o olho. Estão quase dormindo em pé e suas vozes estão nitidamente cansadas. Todos prontos, o sanfoneiro então puxa o *floreio* e inicia-se à cantoria:

*Ô de casa nobre gente
escutai-me ouvirei
lá da parte do Oriente
na chegada dos 3 Reis*

*Dormidor que está dormindo
no colchão de ouro fino
acordai e vem receber
meu glorioso Deus menino*

*Dormidor que está dormindo
neste sono tão profundo
acordai e venha ouvir
alegria deste mundo*

Nesse momento a luz da varanda é acesa e a cantoria prossegue:

*Bendito louvado seja
que acendeu a vossa luz
Pode abrir a vossa porta
pra nossa bandeira entrar¹⁴²*

ensaios, é isso que dá". Essa indireta no desfecho da *jornada* talvez sirva para os meninos se dedicarem mais no próximo ano.

¹⁴² No ano anterior Tachico entrou com outros versos: "já abriu a vossa porta / me mande entrar, peço o favor/ lá do céu já vem caindo /pingo de água de flor".

D. Judith abre a porta da casa e recebe a bandeira do bandeiro. Ela entra na sala com a *guia* e, lentamente, se aproxima do altar. O bandeiro permanece na entrada da sala e a cantoria prossegue:

*É os meus 3 Reis do Oriente
ele foi tornou a voltar*

*A devota da morada
recebeu nossa bandeira
presta bem sua atenção
segurando esta bandeira*

*É o retrato dos 3 magos
é o profeta verdadeiro*

*Lá no oriente formou
a nossa fé verdadeira*

*Dai- me licença que eu entro
por esses portais adentro
eu vim trazer notícia bela
Deus menino nascimento*

D. Judith, nesse momento, segura a bandeira na frente do presépio, iluminado com 3 velas, e permanece virada para a entrada da casa, por onde entra a Folia. Tachico, o requinta, Rezinho e o baixão, nessa ordem, entram na casa, seguidos dos demais integrantes da Folia. O bandeiro Pedro vai ao presépio, *bate a cabeça* em sua base e faz sinal da cruz. Dentro da sala, as 3 irmãs de Tachico estão sentadas em cadeiras e esperam a chegada da Folia, que continua cantando

*que chegou nossa morada
esse nobre folião
com essa bandeira sagrada*

Nesse momento, inicia-se o *trecho da ida e a vinda do Espírito Santo*, que já descrevi anteriormente (pág. 93 e 94), sendo que a primeira quadra diz:

*Gloria seja Deus pai
divino são salvador
meus 3 Reis saiu na paz*

*e na paz ele voltou*¹⁴³

Após terminar essa passagem, Tachico canta os últimos versos, encerrando a *missão* e agradecendo aos companheiros:

*O meu 3 Reis do Oriente
eu peço a vossa proteção
eu peço a sua licença
para encerrar essa missão*

*Eu agradeço aos companheiros
que faz parte da Folia
eu vou pedi muita saúde
o ano inteiro de alegria*

*Nunca te falta saúde
nem o pão de cada dia*

*O meu mestre de palhaço
por favor presta atenção
eu quero que dá um viva
na bonita união.*

Após esses versos, a caixa e o bumbo fazem a última virada e param. Tachico, então, seguido de todos e da sanfona canta a reza:

Nossas promessas tão cumpridas
*só falta oferecer
lá vem a virgem Maria
com seu filho a receber*¹⁴⁴

Terminada a reza, Tachico exclama: *Viva Santo Reis!* Todos aplaudem e respondem tirando o chapéu: *Viva!* Após alguns segundos, o *vovô*, que junto com os demais palhaços está fora da casa, entra de joelhos, sem a máscara, e vai até a bandeira. Põe a cabeça embaixo das fitas, reza e pega a bandeira. Em seguida, os demais palhaços, um a um,

¹⁴³ Nota-se que, na saída, é cantada uma quadra semelhante que diz “*Glória seja Deus pai / divino são salvador / no sair da minha casa / na minha bandeira pousou*”.

¹⁴⁴ Essa reza também é cantada na saída da Folia.

entram e são *cruzados*, da mesma forma que no ritual de saída. Após todos serem *cruzados* pela bandeira, formam uma roda e iniciam os *Vivas!* Admir, o *vovô*, é o primeiro:

Viva os 3 reis da adoração!

Viva o nosso mestre folião!

Viva o contra mestre do folião!

Viva o sanfoneiro do folião!

Viva o caixeiro do folião!

Viva o requinta do folião!

Viva a dona do folião!

Viva nossa chegada!

Viva nossa jornada!

Viva quem recebeu essa bandeira!

Viva quem guardou essa bandeira!

Viva quem tratou do folião!

Viva quem estudou esse folião!

Viva quem iluminou esse folião!

*Viva quem cozinhou para o folião!*¹⁴⁵

Ivan, contra-mestre dos palhaços, que não estava na saída devido a problemas de saúde, é o segundo:

Viva essa bandeira sagrada!

Eu também queria dar um viva!

Pra nossa bela jornada!

Meu folião presta atenção no que eu vou falar!

Em nome da rapaziada!

Aonde o senhor precisar!

¹⁴⁵ Comparando o mesmo ritual na *saída* nota-se que, em ambos os casos, os primeiros *vivas* são direcionados para todos os que participam da Folia, nas diferentes posições. Mas na *chegada*, diferentemente da *saída*, *vivas* são dados para quem recebeu a Folia, quem guardou os instrumentos, quem cozinhou etc. Enfim, o contexto é diferente: a *jornada*, que foi *aberta* na saída, está sendo *fechada* na chegada. O ciclo então se completa, e o conteúdo dos *vivas* sofre alterações.

Estaremos aqui para ajudar!

Vamos dar um viva!

Nessa hora tão sagrada!

Não podemos esquecer!

Das pessoas que vieram do Rio !

Vieram para nos gravar!

Nota-se que, nesse momento, eles estão agachados, só com a farda e mantêm a cabeça baixa. Alguns colocam a mão sobre a testa. A cada *viva* dado, os demais respondem batendo palmas e dizendo: *viva!* Entre um e outro, às vezes, dava-se uma pausa longa e, numa delas, Tachico repreendeu: *ainda tem mais aí atrás. Tem que aprender. A pessoa só falar poesia não dá.* Terminado os *vivas*, a sanfona toca um ritmo de *chula* e os palhaços batem palma e dançam no meio da sala. No meio da confusão, alguém exclama:

Viva o Tachico!

Viva SantoReis!

Viva os acompanhantes!

Viva os que receberam!

Viva os que não receberam também!

Um Viva bem forte pras almas!

Um viva pros mestres folião!

E praqueles que já se foram!

E praqueles que tão presentes!

Ano que vem estamos juntos novamente!

A sanfona inicia outro *chula* e Tachico interrompe:

Viva a costureira que costurou para essa Folia de Reis!

Deus vai dar muita luz e as vista dela há de sempre clarear para todo ano costurar para essa Folia de Reis¹⁴⁶.

Essas palavras encerram a *jornada* da Folia. As pessoas, então, cumprimentam-se, os integrantes da Folia vão à bandeira, beijando-a, fazendo pedidos ou agradecendo aos Santos Reis a graça alcançada. Alguém se despede dizendo: *desculpa qualquer coisa*, outro fala: *se Deus quiser, ano que vem nós tamo tudo junto novamente*. Tachico senta ao lado do presépio e da bandeira e, apesar de visivelmente cansado, não esconde sua alegria. Ele respira aliviado, cumpriu mais um ano de *missão*. Na cozinha da casa, é servido um arroz, feijão, angu e lingüiça para os integrantes da Folia. Tachico manda abrir o garrafão de vinho que ganhou e serve o pessoal. No quarto, o cenário é de fim de festa: uma farda de palhaço está jogada em cima da cama; duas sanfonas, o cavaquinho, o bumbo e demais instrumentos estão dispostos em cima da outra cama; um chapéu está preso em um prego na parede. Está encerrada a Folia. Agora falta apenas marcar uma data para fazer o *baile de Reis*. Enquanto as pessoas vão se retirando, converso com Pedro, bandeireiro e personagem importante da Folia:

Mas aí é aquele negócio, é isso que o senhor viu aqui. Então esse homem que tá aqui, seu Tachico, aqui na redondeza por enquanto por aqui não tem Folia igual a dele não. Então é aquele negócio, o senhor viu, a nossa jornada é assim, sai os 13 dias né?

E agora que acabou o que o senhor está sentindo?

Agora que acabou que a gente fica até meio triste. Porque eu acho tão bonito desde pequeno... que quando a gente termina, entendeu? A gente fica assim ... meio emocionado, assim dos colega espalhar tudo... então a gente tem que botar o pé no mundo e ir em frente, que o mundo ensina a gente a viver. Tô certo?

¹⁴⁶ No ano anterior, o ritual de chegada foi parecido, mas com algumas pequenas diferenças, principalmente com relação ao momento do *cruzamento* da bandeira. Os palhaços, neste caso, foram *cruzados* depois dos *vivas* e ao som instrumental da *valsas*.

Reflexões Finais

Tendo apresentado a etnografia da Folia de Reis do Tachico, através de 3 pontos de vista, aonde chegamos? Ao final deste percurso, não parece que tenhamos alcançado algum porto seguro, de onde possamos ter uma visão definitiva sobre o objeto. O presente trabalho deve ser visto como um exercício exploratório e introdutório ao tema. O intuito desta dissertação é mais no sentido de apontar caminhos e possíveis direções a serem seguidas do que ser um exercício acabado e conclusivo. Antes porém de encerrar, retomo brevemente alguns pontos desenvolvidos ao longo desta *jornada* e que podem nos ajudar no estabelecimento de alguns parâmetros para a análise da Folia como um ritual.

No primeiro capítulo, por meio de um corte sincrônico e estrutural, “sobrevemos” o grupo descrevendo sua composição social e organização interna. Inicialmente, constatamos o “perfil” popular dos integrantes da Folia: ocupantes de profissões subalternas (pedreiros, motoristas, serventes), com pouca escolaridade (em média até a 4ª série) e baixo poder aquisitivo (máximo de 2 salários mínimos). Os dados estatísticos também revelaram a importância dos laços de parentesco na constituição do grupo. A Folia, então, apresentou-se como um espaço privilegiado para observarmos as relações familiares entre gerações - principalmente via linha paterna: avô/neto; pai/filho; tio/sobrinho; primo/primo.

O segundo aspecto, abordado no capítulo inicial, trouxe para a discussão a questão da distribuição desigual de saberes e poderes entre os componentes do grupo. Vimos que a Folia estava organizada internamente de tal forma que seria pouco produtivo trabalharmos com conceitos homogeneizantes do tipo “coletivo” ou “holismo”, para lidar com a diversidade real observada. Nosso esforço, ao contrário, foi perceber o grupo em sua heterogeneidade, na diferenciação de papéis, saberes e em sua organização interna. Ao descrever os papéis rituais notamos a acentuada hierarquização interna, evidenciada, por exemplo nas próprias categorias nativas: mestre, contra-mestre, mestre dos palhaços, contra-mestre dos palhaços.

A partir dessas reflexões algumas questões se apresentam: a hierarquização encontrada na Folia espelha a hierarquização existente no mundo social? Podemos analisar a transformação de membros das classes populares em *Reis Magos* como uma espécie de “inversão” social tal como ocorre no carnaval? Da Matta (1979) analisou as complexas articulações entre o mundo cotidiano e o mundo do ritual. Para ele, não existem distinções substantivas entre a “matéria-prima” desses dois universos. O que o ritual faz é evidenciar, trazer à tona, aspectos que, no mundo social, apesar de presentes, não são tão visíveis¹⁴⁷.

Em relação às dramatizações de aspectos da vida cotidiana daquelas pessoas, podemos ainda levantar um último ponto. A partir da descrição etnográfica, observamos que há grande preocupação de Tachico e da Folia em reafirmar laços com o sobrenatural (*almas, invisíveis, santos, guias*). O objetivo principal dessas aproximações – que durante a *jornada* da Folia acontecem em diferentes contextos como na saída, no cruzeiro e no *centro* - é obter dos *invisíveis* proteção e defesa contra os perigos da vida. Os pedidos de ajuda são direcionados em sua maioria para situações em que há incertezas, onde o desfecho está para além do controle humano, como as questões relacionadas à doença, à morte ou a incidentes que possam vir a ocorrer durante a *jornada*, como alguém do grupo *incorporar* um *espírito*, etc. O sobrenatural também auxilia em outras questões, como pedidos de emprego ou problemas de alcoolismo. Rezinho, por exemplo, pediu aos Santos Reis que lhe ajudassem

¹⁴⁷ “Como todo discurso simbólico, o ritual destaca certos aspectos da realidade. Um de seus elementos básicos é tornar certos aspectos do mundo social mais presentes do que outros... É nesse processo que as ‘coisas do mundo’ adquirem um sentido diferente e podem exprimir mais que aquilo que exprimem no seu contexto normal” (Da Matta 1979:60).

a conseguir o emprego de manobreiro em uma empresa de ônibus e, segundo ele, foi atendido.

Percebem-se as articulações entre o domínio ritual e o cotidiano: os *invisíveis* são invocados para ajudar a pessoa diante das incertezas e perigos da vida. Nesse sentido, o ritual mostra e dramatiza aspectos da vida, como o medo do desemprego, da morte, do mau olhado. Enfim, os *invisíveis* ajudam na defesa contra os perigos da vida, que não se manifestam só no ritual, mas fazem parte do cotidiano daquelas pessoas comuns.

No segundo capítulo, percorrendo a trajetória de aprendizado do Tachico, adotamos uma perspectiva temporal e diacrônica, reveladora de alguns aspectos do “conhecimento”: primeiramente percebemos com mais clareza a existência de diferenciações entre os “conteúdos” - como o saber das profecias e o saber dos segredos- do conhecimento de um folião. Constatamos também que, na Folia de Reis, existe interessante sobreposição entre “oralidade” e “escrita” como meios privilegiados de transmissão de conhecimentos. A importância das *cópias*, por um lado, e da vivência, por outro, são reveladoras dessa sobreposição.

Nesse capítulo, ainda, ao descrevermos as relações entre Tachico e seus mestres, refletimos sobre dois pontos: a importância dos indivíduos no processo de produção da cultura e o caráter interativo da Folia.

Acompanhando a trajetória de Tachico observamos como os processos de reprodução da tradição são complexos e dinâmicos, não cabendo analisá-los, tomando por base a idéia de que o “conhecimento” é composto de conteúdos culturais arbitrários, que são transmitidos de modo intacto e mecânico de geração para geração. Nessa direção, chamei a atenção para os conflitos, negociações e interesses mútuos envolvendo a transmissão de conhecimentos entre mestres e discípulos. A constatação a que se chega é que o pesquisador deve estar atento para o caráter criativo dos processos de produção da cultura já que,

“o significado é uma relação entre uma configuração ou signo e um observador, e não alguma coisa sacramentada em uma expressão cultural particular” (Barth 2000:128)¹⁴⁸.

Com relação à importância das interações na construção do ritual lembro que a situação de aprendizado que Tachico conta como a mais importante de sua vida foi a visita à casa de Hilário. Foi atuando como folião, visitando a casa de um *devoto entendido*, que o saber de Tachico foi questionado e posto à prova. Também como decorrência dessa visita, da interação com Hilário, Tachico recebe o que considera o verdadeiro ensinamento. Na Folia de Reis, portanto, os *devotos* não apenas assistem passivamente ao ritual mas participam ativamente de seu desenrolar, diferentemente da interação ator / platéia no caso do teatro. As observações de Bakhtin em relação ao carnaval nos ajudam a pensar a própria Folia e o papel ativo dos espectadores nesse ritual,

“Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem... nesse sentido, o carnaval não era uma forma artística de espetáculo teatral, mas uma forma concreta (embora provisória) da própria vida, que não era simplesmente representada no palco. Antes, pelo contrário, vivida enquanto durava o carnaval” (Bakhtin 1993:6).

¹⁴⁸ Nessa direção o significado está sempre sendo construído. Geraldo Luciano, folião de Sobragy, Minas Gerais sabiamente já nos tinha mostrado esse ponto quando disse, referindo-se aos foliões, que *“Cada um interpreta o Reis de um jeito”*.

Finalmente no capítulo 3 vimos o “conhecimento” do ponto de vista da ação ritual. Novas problemáticas apareceram, principalmente quando tomamos a Folia como um ritual performativo, que produz efeitos em virtude de ser realizado. A partir da perspectiva da performance, a questão do “conhecimento” ganhou outros contornos e passamos a perceber a importância do contexto, das interações - como as que envolvem folião e *devoto* - para entendermos como o “conhecimento” do folião é posto em prática.

A questão, então, foi observar como o repertório, o conhecimento adquirido, objeto do capítulo 2, manifesta-se diferentemente em cada situação: encontrar um presépio requer a cantoria ou do *nascimento* ou do *batizado*; na noite da saída e da chegada, deve-se cantar a *ida e a vinda do Espírito Santo*; no cruzeiro, canta-se o *padecimento*; após um almoço ou jantar, e antes do *agradecimento* deve-se cantar um *bendito*, e assim por diante. Mesmo nesses casos, dificilmente vamos encontrar uma performance igual a outra. Uma série de variáveis contextuais, reveladas a partir da descrição etnográfica, interferem no seu desenvolvimento, o que nos permitiu tratar a Folia de Reis nessa abertura ao invés de vê-la como a simples atualização de um determinado estoque de conhecimento.

A dimensão ritual também foi o “lócus” privilegiado para observamos a importância das interações entre uma ampla gama de atores que participam de uma Folia: *devotos*, folião, integrantes da Folia, palhaços, crianças, vizinhos, namorados, amigos etc. Podemos dizer que o ritual em grande parte é construído através dessas interações ao mesmo tempo em que essas interações constroem a própria realidade do ritual. Nesse sentido, a Folia pode ser vista como um espaço que cria comportamentos e novas formas de relacionamento social. Essas observações encontram eco nas análises performativas feitas por Schieffelin (1988), em especial quando toma como objeto central da investigação etnográfica as relações entre os participantes durante o ritual¹⁴⁹.

¹⁴⁹ A perspectiva de Schieffelin pode ser resumida na seguinte passagem conclusiva de um artigo: “*The fundamental assertion underlying this chapter is that any ethnography of performance is inherently addressing the issue of the social construction of reality, and that, in fact, performativity is not only endemic to human being-in-the-world but fundamental to the process of constructing a human reality. However, the nature of the relationship – both moral and epistemological – between performers and participants is not specified prior to this process, but rather constituted within it*”. (Schieffelin 1998:205).

Ao se apresentar como um momento especial e destacado em relação ao cotidiano constata-se que a Folia se enquadra perfeitamente na definição de ritual formulada por Tambiah (1985)¹⁵⁰. Apesar disso, entre as duas dimensões – ritual e cotidiana - a separação não é absoluta. Tomar a Folia como um ritual requer, portanto, que estejamos atentos para vê-la tanto em sua articulação com aspectos da vida social (Da Matta 1979) quanto como uma “ação social” criadora de realidades (Schieffelin 1985 e 1988).

O maior desafio da análise da Folia como ritual - apenas esboçada nos limites deste trabalho, mas que aparece agora como um fértil caminho para futuros desdobramentos - é mostrar como ela ao mesmo tempo expressa e constrói determinada realidade sócio-cultural.

A perspectiva aqui delineada procura integrar a dimensão sociológica – a Folia como dramatização de aspectos do mundo cotidiano – à dimensão performativa – a Folia como um ritual que produz resultados em virtude de ser realizado. Evitam-se, assim, os extremos: tanto de cair na redução sociológica de tomar o ritual como o reflexo da sociedade, quanto no extremo oposto de analisar o ritual sem articulá-lo com o contexto social.

Para concluir podemos dizer que a Folia, em seu sentido amplo, não se limita ao grupo ritual (objeto central desta investigação) mas envolve uma ampla gama de atores que interagem entre si no contexto espaço-temporal tornado ritual por meio da *jornada*. Nessa direção podemos ver a Folia como todo um espaço social que se sacraliza e onde se observa um jogo complexo de trocas.

¹⁵⁰ Para Tambiah “*human being everywhere commonly structure certain events which they consider important in a similar way, events which we can recognize as ritual and there are good reasons why they should do so*” (125).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de (1959) – Danças Dramáticas do Brasil. São Paulo: Livraria Martins Editora.

AUSTIN, J. L (1962) – How to Do Things With Words. Oxford University Press.

BAKHTIN, Mikhail (1993) – A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo/Brasília: Hucitec/EdUnB.

BARTH, Fredrik (1987) - Cosmologies in the Making. A generative approach to cultural variation in inner New Guinea. Cambridge University Press.

_____ (2000 a) – An Anthropology of Knowledge. Em: *Current Anthropology* V.43 n° 1: 1-18.

_____ (2000 b) – A Análise da Cultura nas Sociedades Complexas. Em: *O guru, o inciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra-Capa.

BASTIDE, Roger (1971) – As Religiões Africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira.

BLOCH, Maurice (1989) – Symbols, Song, Dance and Features of Articulation. Em: *Rituals, History and Power*. London: Athlone Press.

BOURDIEU, Pierre (1963) – Les Artisans en Algérie. Em: *Travail et Travailleurs en Algérie* : 521-557. Paris: La Haye, Mouton & Cia.

_____ (1972) – Esquisse d'une Théorie de la Pratique. Geneve: Librairie Droz: 153-243.

_____ (1986) – L'illusion Biographique. Em: *Actes de la Recherche* n° 62/63 – jun : 69-73.

_____ (1990) – Os Usos do "Povo". Em: *Coisas Ditas*: 181-187. São Paulo: Brasiliense.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1977) – A Folia de Reis de Mossâmedes. *Cadernos de Folclore* n° 20. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

_____ (1979) – Deus te Salve Casa Santa! Rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Rio de Janeiro: Funarte

_____ (1980) Os Deuses do Povo: um estudo sobre religião popular. São Paulo: Brasiliense.

_____ (1983) - Os Mestres da Folga e da Folia. Em: *Casa de Escola – cultura camponesa e educação rural*:11-110. Campinas: Papirus.

_____ (1984) – O Que é Folclore. São Paulo: Brasiliense.

BURKE, Peter (1989) – Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo: Cia. das Letras.

CANCLINI, Nestor. (1983) – Culturas Populares no Capitalismo. São Paulo: Brasiliense.

CARVALHO, José Jorge de. (1992) – O Lugar da Cultura Tradicional na Sociedade Moderna. Em: *Folclore e Cultura Popular: as muitas faces de um debate*: 23-38. Rio de Janeiro: INF/IBAC.

CASTRO, Z.M & COUTO, A do P. (1957) – Folia de Reis. Rio de Janeiro: Secretaria de Educação e Cultura da Guanabara.

_____ (1959) – A Literatura das Folias de Reis. *Revista do Livro*, 4(13), 69:80. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

CHARTIER, Roger. (1992) – Textos, Impressão, Leituras. Em: Lynn Hunt, *A Nova História Cultural*: 211-238. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

DA MATTA, Roberto. (1979) – Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

FERNANDES, Ruben César. (1982) – Os Cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares. São Paulo: Brasiliense.

FONTOURA, S. CANASSA, F CELLULARE, L H. (1997) – Em Nome de Santos Reis: um estudo sobre as Folias de Reis em Uberaba. Uberaba: Arquivo Público.

FRADE, Cásia (1997) – O Saber do Viver: redes sociais e transmissão do conhecimento. PUC Rio: Tese de Doutorado em Educação.

_____ (1991) – Folclore. Coleção para entender, V.3. São Paulo: Global.

GUIMARÃES, Alba Zaluar. (1974) - Os Homens de Deus: um estudo comparativo sobre o sistema de crenças e práticas do catolicismo popular em algumas áreas do Brasil rural. PPGAS/Museu Nacional/UFRJ: Dissertação de Mestrado.

HOGGART, Richard. (1973) – As Utilizações da Cultura. Lisboa: Editora Presença.

LEITE LOPES, José Sergio (1978) – O Vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro: Paz e Terra

LEVI, Giovanni (1989) – Les Usages de la Biographie . *Annales ESC*, nº 6, novembre-décembre : 1325-1336.

MONTE-MÓR, Patricia (1992) – Hoje é Dia de Santo Reis. PPGAS/Museu Nacional/UFRJ: Dissertação de Mestrado.

MOREYRA, Yara (1982) - De Folias, de Reis, de Folias de Reis. *Revista Goiana de Artes*, vol 3, nº 2 : 123-154. Instituto de Artes/Universidade Federal de Goiás.

_____ (1981) - Música nas Folias de Reis Mineiras em Goiás. In: *Musices Aptatio* (Org). BISPO, A R, Urbaniana Editora.

_____ (1984) – Memórias de Folias. *Revista Goiana de Artes*, vol 5, nº 2 : 43-111. Instituto de Artes/Universidade Federal de Goiás .

ONG, Walter J. (1967) - The Presence of the Word – some prolegomena for cultural and religious history. New Haven and London: Yale University Press,

ORTIZ, Renato (1985) – Cultura Popular: românticos e folcloristas. São Paulo: PUC.

PASSERON, Jean-Claude (1990) – Biographies, Flux, Itinéraires, Trajectoires. *Revue Française de Sociologie* XXXI – janvier-mars: 3-22.

PEREIRA, E. de e GOMES, Nubia P. de Magalhães. (1995) – Peregrinos do Sagrado: um estudo da Folia de Reis. Em: *Do Presépio à Balança – representações sociais da vida religiosa*: 17-185. Belo Horizonte: Ed Mazza.

RADCLIFFE-BROWN (1973) – Os Parentescos por Brincadeira. Em: *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva* : 115-132. Petrópolis: Vozes.

REDFIEL, Robert (1967) – The Social Organization of Tradition. Em: J.A Potter, M.N Diaz, G.M Foster (eds) *Peasant Society, A Reader*: 25-34. Boston: Little, Brown & Co.

ROCHA, Adair. (1985) – Na Reza se Conta a História e se Canta a Luta: um estudo sobre Folia de Reis do morro Santa Marta. PUC-Rio. Dissertação de Mestrado em Educação.

ROSENTAL, Paul-André (1998) – Construir o “Macro” pelo “Micro”: Fredrik Barth e a “microstoria”. Em: REVEL, Jaques (org) *Jogos de Escalas – a experiência da microanálise*: 151-172. Rio de Janeiro: Editora FGV.

SCHIEFFELIN, Edward (1985) – Performance and Cultural Construction of Reality. Em *American Ethnologist* 12 (4):707-724.

_____ (1998) Problematizing Performance. Em: HUGHES-FREELAND, Felicia (ed) *Ritual, Performance, Media*: 194-207. London and New York: Routledge.

TAMBIAH, Stanley J. (1985) - A Performative Approach to Ritual. Em: *Culture, Thought, and Social Action - an anthropological perspective*:123-166. Harvard: Harvard University Press.

TONKIN, Elizabeth (1992) - Narrating our Pasts: the social construction of oral history. Cambridge University Press.

TRAVASSOS, Elisabeth (1982) - A Musicalização Popular Através da Folia de Reis. Projeto apresentado ao Instituto Nacional de Folclore / FUNARTE. (Mimeo).

TURNER, Victor (1967) – Symbols in Ndembu Ritual. Em: *The Forest of Symbols: aspects of Ndembu ritual*: 19-47. Ithaca and London: Cornell University Press.

_____ (1975) – Ritual as Communication and Potency: an Ndembu case study. Em: HILL, Carole (ed) *Symbols and Society: essays on belief systems in action* : 58-81. Athens: Southern Anthropological Society.

WEBER, F e BEAUD, S (1998) – Guide de l'enquête de Terrain. Paris: Editions de la couverte.

ANEXO 1

FOTOS

1. Rio Preto – divisa do Estado do Rio de Janeiro com Minas Gerais.
2. Vista da cidade de Rio das Flores.
3. Tachico no *quartinho de reza*.
4. Sede da Fazenda da Forquilha, onde Tachico começou a sair com Folia.
5. Folia de São Sebastião de crianças em Rio das Flores.
6. Ruínas da casa de Hilário, onde Tachico recebeu as *cópias*.
7. Tachico e Ivanir cantando em uma casa.
8. Tachico.
9. Folia no cruzeiro.
10. Folia no *centro*.
11. Chegada da Folia em uma casa, tendo à frente D. Judith e duas netas.
12. Folia saindo de uma casa.
13. *Devota* da morada segurando a bandeira.
14. Requinta retirando dinheiro da bandeira.
15. Bandeira e instrumentos na casa do *pouso*.

16. Devoto rezando no altar durante a *reza do terço*.
17. *Chula* dos palhaços.
18. Palhaço rezando na bandeira antes de um dia de “giro” da Folia.
19. *Chula* dos palhaços.
20. O mestre dos palhaços Admir.
21. *Chula* dos palhaços.
22. Geraldo Luciano e sua esposa D. Luzia – Sobragy, Minas Gerais.
23. Alberto dos Santos, folião de Valença.
24. Raimundo Ferreira, folião de Valença.
25. Sebastião Lima, folião de Valença.
26. José Luiz Esteves, folião da comunidade do São Bento, Valença.



145

1



2



3

146



4



5





7



8



9



10



11



12



13



14



15



16

150



17



18



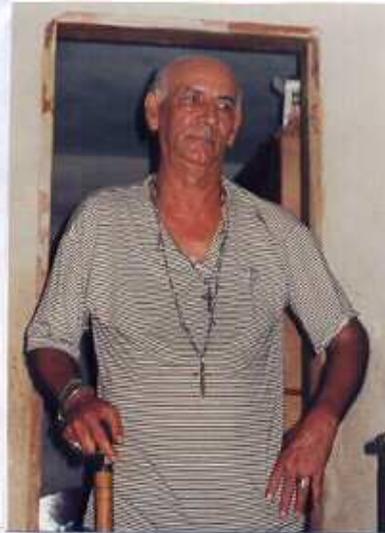
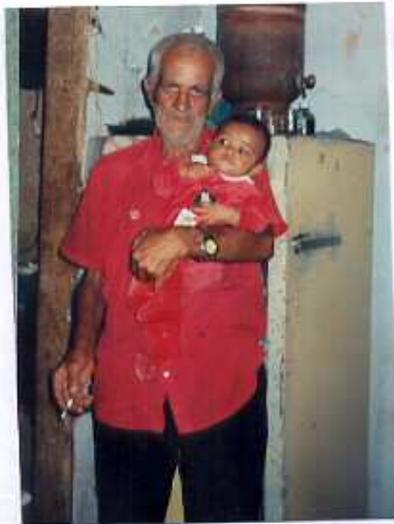
19



20



21



ANEXO 2

QUESTIONÁRIO

Nome:

Idade:

Local de nascimento:

Local onde mora:

Estado civil:

Escolaridade:

Ocupação:

Renda mensal:

Religião :

Religião dos pais:

Os pais saiam na Folia:

Tempo que sai em Folia:

Já saiu em outras Folias/quantas:

Está com Tachico a quanto tempo:

Função que ocupa:

Já desempenhou outras / quais:

Parentesco com Tachico:

ANEXO 3 – TABELA

Nome	Idade	E. civil	Escol.	Ocupação	R mensal	Religião	Tempo Folia	Parent.	Função
Francisco Victorino	68	casado	2ª. série	aposentado	380,00	católico	49	ego	folião
Ivanir Victorino	56	divorciado	4ª. série	motorista	440,00	católico	49	irmão	c. mestre
João Victorino	22	solteiro	6ª.série	manobrista	300,00	católico	17	filho	c. mestre
Carlos Rodrigo	10	solteiro	4ª.série	estudante		católico	3		requinta
Luis Victorino	13	solteiro	7ª. série	estudante		católico	8	neto	Baixão
Pablo Silva	7	solteiro	1ª.série	estudante		católico	1	neto	Requinta
Pedro Augusto	64	casado	3ª. série	aposentado	212,00	católico espírita	4		bander.
Vicente Silva	43	separado	3ª. série	campeiro	300,00	católico	5		sanfon.
Valter Carneiro	45	solteiro	Analf.	servente	400,00	católico	11	genro	sanfon.
Jorge Victorino	42	casado	Analf.				32	filho	sanfon.
Amarilo Lemos	35	solteiro	8ª.série	pedreiro	320,00	católico	27	sobrinho	bumbeiro
Walter Silva Jr.	13	solteiro	7ª.série	estudante			3		caixeiro
Jozé Martins	40	divorc.	4ª.série	motorista (desempreg)		católico	2	sobrinho	pander.
Walter Silva	65	separado	3ª. série	aposentado	401,00	católico	3		agogô
Admir Lemos	46	casado	1º. ano 2º.grau	pedreiro	340,00	católico	38	sobrinho	mestre palhaço
Ivan Victorino	27	casado	8ª.série	motorista	220,00	católico	20	sobrinho	c. mestre palhaço
Carlos Eduardo Victorino da Silva	24	solteiro	2º.grau	gráfico	220,00	católico	12	sobrinho	palhaço
Fabiano Victorino	25	casado	6ª.série	campeiro	360,00	católico espírita	16	neto	palhaço
Rodolfo Victorino	8	solteiro	2ª.série	estudante			5	neto	palhaço
Josemir Machado	22	solteiro	7ª.série	servente desempreg.	280,00	católico	5		palhaço
Adriano da Silva	21	solteiro	6ª.série	vigia	220,00	católico	5		palhaço
Leonardo Oliveira	17	solteiro	7ª. série	carpinteiro	75,00	católico	8		palhaço

ANEXO 4

Versos dos palhaços

Versos de apresentação	Versos gerais
<p>1) Se traira não tem pescoço sapo não tem coração se eu marquei meu casamento foi com a filha do seu João se foi por causa daliança se foi por causa da paixão vai levando sanfoneiro que eu vou levantar do chão</p> <p>2) Eu pisei na tábua de cima padrinho vi a debaixo chiar dei um tapa no capeta fiz a mãe do cão chorar já matei sem fazer sangue já engoli sem mastigar repica na bateria Azulão vai chegar</p> <p>3) Quando eu chego nessa roda primeira coisa que eu faço boa noite moça solteira boa noite moça casada boa noite pra todo mundo e Deus te abençoe criança</p>	<p>4) Eu lembrei e tenho saudade do tempo que vai ficando do tempo de boiadeiro que eu vivia viajando eu nunca tinha tristesa vivia sempre cantando mês a mês cortando estrada no meu cavalo Rulando sempre lidando com gado desde a idade de 12 anos não esqueço do transporte 600 bois cuiabano no meio tinha um boi preto por nome de Sobeno na hora da despedida o fazendeiro foi falando cuidado com esse boi esse boi é criminoso já me fez diversos dano na chegada de Barreto na hora que fui chegando a boiada estourou só ouvia gente gritando na rua tinha um menino com certeza estava brincando quando viu que morria de susto foi desmaiando coitadinho debruçou na frente do Soberano eu desejo pro senhor um feliz natal e uma boa entrada de ano</p>

<p>5) Meu pai era peão paulista minha mãe era boiadeira passei 10 anos na estrada na campina brasileira recebi um telegrama da fazenda do Marcão tinha apenas 18 anos pra montar na mula preta que matou cinco peão arreada a mula preta foi aberta as porteira eu desci pela ladeira misturado com a poeira voltei no rastro da mula entreguei ao fazendeiro a rainha camponesa de joelhos caiu chorando o moço.... porque não caiu no chão eu respondo pra ela eu não caso com a senhora por ser filha do patrão esse é o meu livro de história essa é minha profissão eu deixo o meu endereço na fazenda Coqueirão</p>	<p>6) Eu fui na ... e disse na arena perdi a chave de casa minha mulher desapareceu o delegado daqui é corno o macho daqui sou eu o delegado entrou na arena pegou na minha camisa e disse repete Fala Mansa eu repeti achei a chave da casa minha mulher apareceu o delegado daqui é macho o corno daqui sou eu</p> <p>7) Eu tava descendo por ali em baixo veio uma voz no meu ouvido saí daí seu criminoso seu crime foi descobrido me levaram e me prenderam numa gaiola de vidro vieram 600 moças pra fazer somente um pedido pra soltar esse palhaço que ele é muito divertido</p>
---	--

ANEXO 5 – Cópias do folião José Luiz Esteves (Zezinho
Brinquinho) de Valença

156

VIAGEM DOS 3 REIS

Diz a sagrada escritura
De quando Jesus nasceu

Uma estrela brilhante
No céu apareceu

Assustaram os 3 reis magos
Disseram Jesus nasceu

Olharam pro seu semelhante
Pro seguir a aquela luz

Belguio rei peregrino
Abandonou sua nação

Procura de seu salvador
Que lhe desse explicações

Rei guspar rei do silêncio
Que dos astros conhecia

Comidas rei belguio
Vamos adorar o messias

Continuamos todos os 2
Para um justo adorar

A chegada do Presépio
 Quem chegou em nossa morada
 É os 3 reis do Oriente

Deus licença os daroto
 Para dar 3 passos a frente

Devotos nos vãos andando
 Devagar vamos seguindo

Preçiss chegar bem perto
 Da onde estar Deus menino

Os 3 reis andava o mundo
 Viagem pelo o deserto

Para adorar Deus menino
 Preçiss chegar bem perto

Os 3 reis se apueharam
 Quando chegaram em Belém

Para fazer a imitação
 Vamos apuehlar também

Estamos apuehados
 Fazendo a imitação

ANEXO 6

***Alguns trechos do repertório de Reis de Tachico:
nascimento, batizado de São João Batista e alvorada***

<p>Nascimento</p> <p>Da cepa nasceu a rama e da rama nasceu a flor e da flor nasceu Maria ara mãe do redentor</p> <p>A virgem Maria santa é esposa de São José a Deus pai encarnação pelo anjo Gabriel</p> <p>A 25 de março foi que a virgem se agravou 25 de dezembro Jesus arrespirou</p> <p>Meia noite meia noite meia noite de natal que nasceu o menino Jesus que nasceu para nos salvar</p> <p>O galo cantou meia noite nasceu Cristo nosso bem o boi perguntou aonde a ovelha disse em Belém</p> <p>Deus não nasceu em cama de ouro e nem em palácio de alegria ele foi nascido em uma manjedoura aonde o boi bento comia</p> <p>A noite que ele nasceu nem o frio não fazia o menino é tão poderoso com o mesma neve ele cobria</p>	<p>Das 12 para às 24 foi que a virgem começou a sentir mandou chamar a vizinha que viesse lhe acudir</p> <p>Nasceu seu bento filho dentro de uma cabana ele é filho de Maria é Jesus neto de Ana</p> <p>24 para 25 meia noite deu sinal que nasceu o menino Jesus na oitava do natal</p> <p>O boi viu Deus nascido veio logo a bafejar levantou Maria virgem para o boi abençoar</p> <p>Depois veio a mula maldita para o menino escoiçar levantou Maria virgem para a mula amaldiçoar</p> <p>Segurando em seus peitos um castigo eu vou lhe dar tu há de ser uma árvore seca que nem uma fruta não dá</p> <p>Veio a gambazinha com tanto padecimento Oferecendo seu leite ao bom Jesus do sacramento</p>
--	---

(Nascimento – cont.)

Levantou Maria virgem
logo veio agradecer
tu a de ter os seus filhinhos
mas nem dor tu vai sofrer

Depois veio a galinha
para o menino se espriaiar
levantou Maria virgem
para a galinha amaldiçoar

Com teu braço estendido
um castigo eu vou lhe dar
teu corpo terão virtude
mas teus pés há de secar
Entra entra 3 Reis magos
por este portal sagrado
venha ver Jesus menino
em sua cama deitado

Jesus Cristo faz que dorme
mas está sempre acordado
esperando as palavras santas
do céu bem aventurado

O Jesus com seus apóstolos
lá no jardim de oliveira
tá pregando a santa missão
da sua lei verdadeira

Eu ofereço o nascimento
ao senhor que está na cruz
que nos livra nós dos castigos
para sempre amei Jesus

Batizado

São João é primo de Cristo
e Cristo é primo de São João
São João batizou Cristo
e Cristo batizou São João

Quando entraram no rio
por cima da sagrada areia
apresentou uma estrela viva
que o batizado alumeia

È uma sagrada toalha
que enxugou o batizado
que enxugou o sangue de Cristo
e derramou pelos pecados

Os Pássaros vieram cantar
quando Jesus se batizou
dos campos vieram os perfumes
e da palma brotaram as flor

Quando terminou o batismo
Jesus disse a São João
que fizesse o batizado
pregasse a santa missão

Ele ia ser preso sem culpa
sem culpa ser condenado
no cruzeiro de oliveira
ele ia ser crucificado

Ao senhor que tá na cruz
eu ofereço o batizado
pra livrá nós do castigo
e livrá nós do pecado

Alvorada

Senhor de casa nobre gente
Escuta-me ouvirei
lá da parte do Oriente
na chegada dos 3 Reis

Dormidor que está dormindo
no colchão de ouro fino
acordá e vem receber
meu glorioso Deus menino

Dormidor que está dormindo
neste sono tão profundo
acordá e venha ouvir
alegria deste mundo

Dormidor que está dormindo
é bom que não durma mais
nesta noite tão ditosa
nem os olhos não pisca mais

Meus 3 Reis foram a Belém
guiado por uma estrela
nós também chegou guiado
por uma santa bandeira

O cantar da meia noite
é um cantar muito excelente
veio acordar quem tá dormindo
e alegrar quem tá doente

Meu devoto da morada
Pode ascender a vossa luz

Bendito louvado seja
que acendeu a vossa luz
os galo deram o sinal
é o nascimento de Jesus

Vem abrir a vossa porta
pra nossa bandeira entrar
que nós somos morador
aqui do mermo lugar

Já abriu a vossa porta
me mande entrar peço o favor
lá do céu já vem caindo
pingo de água de flor

Daí-me licença que eu entro
Por esse portais adentro
vim trazer notícia bela
de Deus menino nascimento

Já abriu a vossa porta
clariou o mundo inteiro
clariou nossos pastores
que está em vosso terreiro

Minha devota da morada
que arrecebeu a nossa bandeira
presta bem sua atenção
segurando esta bandeira
é o retrato dos 3 magos
ele é os profetas verdadeiro
que lá do oriente formou
a nossa fé verdadeira

Bendito louvado seja
pela luz que acendeu
é a mesma que alumiu
quando o menino Jesus nasceu

Porta aberta luz acesa
que bonita claridade
apresenta as 3 pessoas
da santíssima trindade

ANEXO 7

Cd com gravações de *rezas, toadas e chulas*